

ESBOÇO MONOGRÁFICO DOS *COLUMBIDAE* BRASILEIROS

p o r

OLIVÉRIO PINTO

S U M Á R I O

	<i>Págs.</i>		<i>Págs.</i>
Introdução	241	<i>Scardafella squammata</i>	273
Generalidades	242	<i>Uropelia campestris</i>	276
Parte especial	244	<i>Columbina picui</i>	280
Chave para os gêneros de <i>Columbidae</i>	245	<i>Columbigallina talpacoti</i>	284
<i>Columba plumbea</i>	249	<i>Columbigallina minuta</i>	290
<i>Columba subvinacea</i>	253	<i>Columbigallina passerina</i>	290
<i>Columba speciosa</i>	256	<i>Leptotila verreauxi</i>	294
<i>Columba picazuro</i>	258	<i>Leptotila rufaxilla</i>	301
<i>Columba maculosa</i>	262	<i>Claravis pretiosa</i>	308
<i>Columba cayennensis</i>	262	<i>Claravis godefrida</i>	311
<i>Oreopeleia violacea</i>	268	<i>Oxypelia cyanopsis</i>	314
<i>Oreopeleia montana</i>	270	<i>Zenaidura auriculata</i>	316

I. I N T R O D U Ç Ã O

Não se decepcionem os que ao compulsarem o presente trabalho, e os outros que por ventura lhe venham a seguir a esteira, nada encontram capaz de lembrar as grandes monografias que a intervalos vemos enriquecer a literatura ornitológica, abrindo às vezes perspectivas imprevistas ao estudo científico das Aves, ou traçando novos rumos ao progresso dos conhecimentos relacionados com o seu domínio.

Verdade é que, inicialmente, prendeu-se ele à idéia, longo tempo acarinhada, de um tratado descritivo das Aves do Brasil, do qual o Catálogo por nós publicado anos atrás seria o arcabouço e alicerce. Mas, à vista da manifesta impossibilidade, criada pelas circunstâncias, de levar avante a tentadora empresa, imaginamos imprimir aos nossos trabalhos orientação nova, apresentando em forma singela, e sem grandes compromissos com as praxes rigidamente seguidas pelos especialistas, o compêndio da história natural de alguns grupos, cingindo-nos à sua representação no solo pátrio e escolhendo-os entre os que a experiência

demonstra interessarem mais particularmente, por este ou aquele motivo, os amantes de nossa natureza e os poucos entre nós afeiçoados ao seu estudo.

Neste sentido é este esboço da fauna brasileira de Colúmbidas a primeira tentativa; tentativa ainda assim algo frusta, porque entre os fatores a conspirar contra o seu melhor acabamento esteve sempre a hostilidade constante de estranhas preocupações, e a escassez de tempo para uma aplicação continuada.

Pelas razões expostas é que se decidiu conferir título próprio a cada espécie, antes de entrar no estudo particular das respectivas subespécies, também denominadas raças geográficas. Pois, ao passo que a individualidade das primeiras é facilmente reconhecida através de uma denominação popular, as últimas escapam de ordinário à percepção do observador comum, só se patenteando à luz das coleções dos museus, e sob a análise minuciosa dos ornitologistas experimentados.

Convém igualmente assinalar que na parte referente à sinonímia foram excluídas todas as citações estranhas ao Brasil. Em compensação, como as mudanças experimentadas no correr dos anos pela avifauna de cada lugar não raro falseiam a distribuição geográfica atribuída a cada espécie ou raça, houve grande cuidado em dar a lista completa das localidades brasileiras mencionadas na bibliografia. Por motivo semelhante, antepuzemos um asterisco a cada localidade ou estação de coleta de onde existem exemplares na coleção estudada.

Todo o material utilizado no presente trabalho pertence às coleções do atual Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, das quais fazem parte as outrora pertencentes ao Museu Paulista.

As figuras, sem exceção originais, devem-se à pena habil do sr. J. F. TOLEDO e fazem parte de uma extensa coleção de desenhos ornitológicos adquiridos há alguns anos pela supra-mencionada repartição.

II. G E N E R A L I D A D E S

Um conjunto de feições próprias, que vão desde a grande similitude de forma e fisionomia a traços comuns de temperamento e hábitos, permite até aos mais inexpertos reconhecer de pronto os *Columbiformes* como um grupo natural, correspondendo aos seus representantes de maior porte o nome vulgar de pombas, e cabendo aos menores o comum apelido de rolas.

Uma primeira característica, entre as mais salientes, temo-la na conformação especial do bico, que só na parte terminal, de ordinário algo entumescida, se apresenta rijo e córneo como na generalidade das aves, enquanto que na base é de consistência branda, antes membranosa, e às vezes acrescido de carúnculas ou tubérculos. As narinas, em forma de fenda estreita (tipo esquizorrino), são parcialmente encobertas por uma valva; as patas, curtas, apresentam revestimento de penas até o calcanhar ou a porção mais alta do tarso, que de ordinário é perfeitamente liso, e revestido de placas ou escudos, retangulares no lado anterior (acrotársio), e hexagonais nas faces restantes; os dedos, de ordinário bastante longos, e situados todos no mesmo plano (o polegar ao mesmo nível dos três dedos anteriores), como convém às aves boas marchadoras, são livres até a base; a plumagem, muito densa e compacta, está

presa a uma pele muito fina e delicada, da qual com grande facilidade se destaca, sem deixar penugem. As penas de contorno, desprovidas de hipóptilo, possuem, em compensação, grande cópia de barbas penuginosas na parte basal do raque, que é comparativamente muito espessa e caracteristicamente achatada. As asas, de 10 rêmiges primárias (abstração feita da externa rudimentar), são com muito raras exceções (p. ex. *Scardafella*, entre os gêneros brasileiros), do tipo diastatáxico (5.^a rêmige secundária ausente). A cauda, de regra curta, é nos gêneros brasileiros quase sempre de 12 rectrizes (14 em *Zenaidura*), ora iguais, (cauda truncada), ora de comprimento decrescente das centrais para as laterais (cauda arredondada), às vezes por grande diferença (cauda escalariforme ou graduada).

Bem dotados quanto à faculdade de vôo, passam os pombos da fauna indígena a maior parte do tempo sobre as árvores, de onde tiram não raro todo o seu sustento, estritamente vegetariano, e constituído de bagas e sementes, que engolem inteiras, como colhidas; as espécies menores, inclusive as juritis, frequentam lugares descobertos, descendo amiúde ao solo à busca do alimento, constituído de sementinhas e fragmentos vegetais de qualquer espécie. Suaves de índole e tímidos por natureza, carecem de qualquer meio activo de defesa; sua protecção diante dos perigos confiam-na principalmente à agilidade das asas e à prudência de seu instinto, recursos tanto mais eficazes quanto de modo geral a generalidade das espécies possui hábitos sociáveis e vive aos bandos mais ou menos numerosos. Ao beber, usando um privilégio recusado às outras aves, mantêm a cabeça baixa, sorvendo a água em sucção contínua, ao em vez de erguerem o bico a cada deglutição.

Essas particularidades morfológicas e bionômicas são muito importantes, senão suficientes, para a caracterização superficial das aves do grupo em estudo; mas quase nada dizem sobre as suas relações de afinidade e parentesco com os demais representantes da série ornitológica. Para atender a essa condição básica da classificação é evidentemente necessário consultar a organização interna, destacando os pontos de contacto ou de divergência que ela apresenta em confronto com o das outras ordens, levando em conta, antes de tudo, o valor que o estudo destas últimas, comparadas entre si, permite atribuir a cada um. A estrutura do paladar ósseo, uma das que o gênio de HUXLEY demonstrou mais aptas a servir de base às primeiras grandes divisões da Classe, situa os pombos entre as aves *esquizognatas*, ou sejam aquelas cujo céu da boca é anteriormente fendido de cada lado da linha mediana, no normal ocupada pelo vômer, que além de ser caracteristicamente adelgado e pontiagudo na extremidade anterior, se mantem assim mais ou menos distante dos maxilo-palatinos, ao em vez de com estes se articular em íntima união. Sem embargo, nos *Columbiformes* essa estrutura fundamental é algo modificada pela atrofia completa do osso em questão, que só excepcionalmente existe (*Didunculus*).

Pondo de parte os *Gruiformes* (grous, jacamins, saracuras) e outras ordens de aves *esquizognatas* (*Procelariiformes*, *Colymbiformes* etc.) mais ou menos nitidamente definidas por este ou aquele conjunto de disposições particulares, a estrutura do paladar ósseo aproxima os *Columbiformes* (pombos e próximos afins) dos *Charadriiformes* (maçaricos, narcejas e gaivotas) e dos *Galliformes*, ordem esta com que durante muito tempo, desde CUVIER, estiveram confundidos. Entretanto, mesmo com estas duas ordens, que no consenso hoje são as que têm com

os *Columbiformes* mais estreitas relações filogenéticas, bastante remoto é o parentesco, divergindo os autores no tocante a qual das duas se deve dar preeminência sob este ponto de vista. As apófises *basipterigoides*, outro elemento da morfologia do crânio muito significativo no que respeita à Classificação, existem tipicamente em todos os *Columbiformes*, constituindo novo traço de união com os *Charadriiformes*, que as possuem sempre bem desenvolvidas e rigorosamente homólogas¹. Outra característica anatômica comum às três ordens correlatas é a presença de dois entalhes ou incisuras no *metasterno*, uma lateral, grande, e outra medial, menor, e às vezes reduzida a simples janela. O contrário porém se dá com o ângulo da mandíbula, que sendo rombo e obtuso nos *Columbiformes*, é caracteristicamente prolongado em ponta recurva tanto nos *Charadriiformes*, como nos *Galliformes*. A este traço de dissemelhança, dos menos importantes aliás, deve acrescentar-se a ausência constante de *hipocleidão*, por isso que as clavículas se unem em forma de U (*fúrcula*) simples, podendo às vezes manter-se à distância do esterno, ou, em certos gêneros aberrantes (*Duculus* etc.), nem mesmo se unirem uma à outra.

O aparelho digestivo possui muitas disposições comuns com o dos Galliformes, o que está em relação com o análogo regime alimentar; o papo, grande e dividido em duas bolsas laterais, fornece durante a criação dos filhotes abundante secreção leitosa (carácter privativo da ordem), que regurgitada pelos pais, serve àqueles de sustento; a moela, muito variável de acordo com o regime alimentar predominante, é grande e musculosa nas espécies granívoras; os cegos, ao revés do que acontece com os *Galliformes*, quando não faltam de todo, são muito reduzidos, ou rudimentares.

Os sexos são em geral semelhantes nos pombos; quando existe dimorfismo, ele de ordinário se limita a uma diferença maior ou menor no colorido da plumagem. Os ninhos são construídos habitualmente sobre árvores, em ôcos de troncos, ou mais raramente no chão; os ovos, cujo número é de um ou dois nas espécies de maior porte, são invariavelmente brancos e imaculados; os filhotes, em cuja criação ambos os sexos revezam seus cuidados, são rigorosamente nidícolas, vindo ao mundo nus e de olhos fechados, e assim permanecendo durante muitos dias.

III. PARTE ESPECIAL

Das famílias em que os *Columbiformes* se deixam naturalmente dividir, só nos interessará no presente trabalho a dos *Columbidae*, como sendo a única representada no hemisfério ocidental; reúne ela os representantes mais típicos da ordem, a qual conta mais de 200 espécies espalhadas por todas as regiões do globo (destacando-se a região indo-australiana pelo número e variedades de formas), com excepção apenas das regiões polares, quase todas de vida essencialmente arbórea e excelentes voadoras.

A chave que damos a seguir permite o reconhecimento fácil de todos os gêneros representados na avifauna brasileira.

(1) Nas aves galináceas, as chamadas apófises além de ocuparem posição um pouco diferente, seriam de origem diversa, e portanto não comparáveis morfológicamente às dos maçaricos e pombos.

CHAVE PARA A DETERMINAÇÃO DOS GÊNEROS DE
COLUMBIDAE BRASILEIROS

- A. Cauda com 12 rectrizes, muito variável no tocante ao comprimento relativo das últimas
- B. Rêmige primária externa (a primeira, de fora para dentro) normalmente conformada, semelhante às demais
- C. Tamanho grande ou mediano (comprimento de asa mais de 100 mms.) asas pontiagudas (as primárias excedem muito as secundárias)
- D. Tarso curto, de comprimento nunca sensivelmente superior ao do dedo médio, sem a unha; asa mais longa e mais aguda (as primárias mais longas excedendo às mais longas secundárias, de mais de um terço do comprimento da asa) *Columba*
- DD. Tarso de comprimento maior que o do dedo médio, sem a unha; asa mais curta e mais arredondada (as primárias mais longas excedem as secundárias de menos de um terço do comprimento da asa) *Oreopeleia*
- CC. Tamanho pequeno (comprimento de asa menos de 100 mms.); asas arredondadas (as primárias, pouco excedentes às secundárias e quase ocultas sob as coberteiras superiores)
- E. Cauda longa, de comprimento nunca inferior ao da asa; quarta rêmige primária (a contar de fora) sem entalhe nem dente na barba interna
- F. Plumagem pintada de manchas transversais semilunares, o que lhe dá aspecto escamoso característico; asas sem espelho *Scardafella*
- FF. Plumagem uniforme, sem manchas; asas com pequenos espelhos de brilho metálico *Uropelia*
- EE. Cauda de comprimento decididamente inferior ao da asa; barba interna da quarta primária com o bordo bruscamente entalhado em forma de dente
- G. Rectrizes laterais inteiramente brancas *Columbina*
- GG. Rectrizes laterais sem branco, ou apenas marginadas de branco na parte terminal *Columbigallina*
- BB. Rêmige externa (da ave adulta) brusca e fortemente afilada na porção terminal
- H. Porte relativamente grande (ordinariamente mais de 25 cms. de compr. total); asas (lado superior) imaculadas, de colorido semelhante ao do dorso; plumagem de igual colorido nos dous sexos *Leptotila*
- HH. Porte pequeno ou meão (não mais de 24 cms. de compr. total, e às vezes muito menos); asas (lado externo) enfeitadas de nódoas ou manchas; sexos mais ou menos diferentes no tocante ao colorido da plumagem

- I. Tamanho médio (asa de mais de 100 mms. de compr.); cauda truncada, ou senão fracamente graduada; asas pontiagudas, com as primárias externas excedendo de muito às mais longas secundárias; plumagem cinzento-ardosiada nos machos e pardo-olivácea, misturada de canela, nas fêmeas *Claravis*
- II. Tamanho muito pequeno (asa com menos de 80 mms. de compr.); cauda fortemente graduada (as rétrizes laterais muito mais curtas do que as centrais); plumagem pardo-ferruginosa nos dois sexos, mais carregada nos machos do que nas fêmeas *Oxytelia*
- AA. Cauda com 14 rectrizes, escalariforme ou, pelo menos, fortemente arredondada; de cada lado do pescoço, abaixo do ouvido, uma nódoa azul-negra característica *Zenaidura*

Gênero COLUMBA Linné

Columba LINNÉ, 1758, Syst. Nat., 10a. edit., I, p. 162. Tipo, *Columba oenas* LINNÉ, designado por VIGORS (Trans. Linn. Soc. Lond., XIV, 1825, p. 481).

Lepidoenas REICHENBACH, 1852, Av. Syst. Nat., p. XXV. Tipo, *Columba speciosa* GMELIN, por monotipia.

Chloroenas REICHENBACH, 1852, Av. Syst. Nat., p. XXV. Tipo, *Columba monilis* VIGORS (= *Columba fasciata* Say), por monotipia.

Picazurus DES MURS, 1854, Chenu, Encycl. d'Hist. Natur., Oiseaux, VI, p. 39. Tipo, *Columba picazuro* TEMM., por tautonímia.

Oenoenas SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 248 (no texto). Tipo *Columba nigrirostris* SCLATER, por designação de RIDGWAY (Bull. Un. St. Mus., L., pte. 7, 1916, p. 323).

Notioenas RIDGWAY, 1915, Proc. Biol. Soc. Wash., XXVIII, p. 106. Tipo, *Columba maculosa* TEMM., por designação original.

Reune este gênero as pombas pròpriamente ditas, ou sejam, no que toca à avifauna brasileira, os representantes maiores da família. Entre as suas companheiras, distinguem-se ainda as pombas deste grupo pelo grande comprimento dos dedos, e relativa brevidade do tarso (de comprimento quando muito igual ao do dedo médio, sem a unha). As asas, longas e pontiagudas, assinalam-se pelo grande comprimento e configuração normal (a externa não afilada na ponta) das rêmiges primárias, as mais longas das quais excedem as secundárias de mais de um terço do comprimento da asa; a cauda, de 12 rectrizes iguais (cauda truncada) em comprimento, ou apenas diminuindo gradualmente das centrais para as laterais (cauda arredondada), é constantemente mais curta do que a asa.

Diferenças de segunda ordem induziram alguns ornitologistas a repartir as espécies entre vários grupos de precária difinição, aos quais se tem dado por vezes o valor de gêneros autônomos, como o indica a sinonímia dada acima. Para só mencionar o que interessa à avifauna brasileira, pelo comprimento maior da cauda (mais de $\frac{3}{4}$ do da asa), de todos o mais merecedor talvez de tal título é *Oenoenas*, com as espécies *Columba subvinacea* e *Columba plumbea* na fauna indígena; por outro lado, a maior brevidade da cauda (de comprimento equivalente à metade do da asa) valeu a *Columba maculosa* tornar-se o tipo do gênero *Notioenas* Ridgw.; o desenho escamoso da plumagem fez separar *Columba speciosa* no gênero *Lepidoenas*, enquanto que a restrição

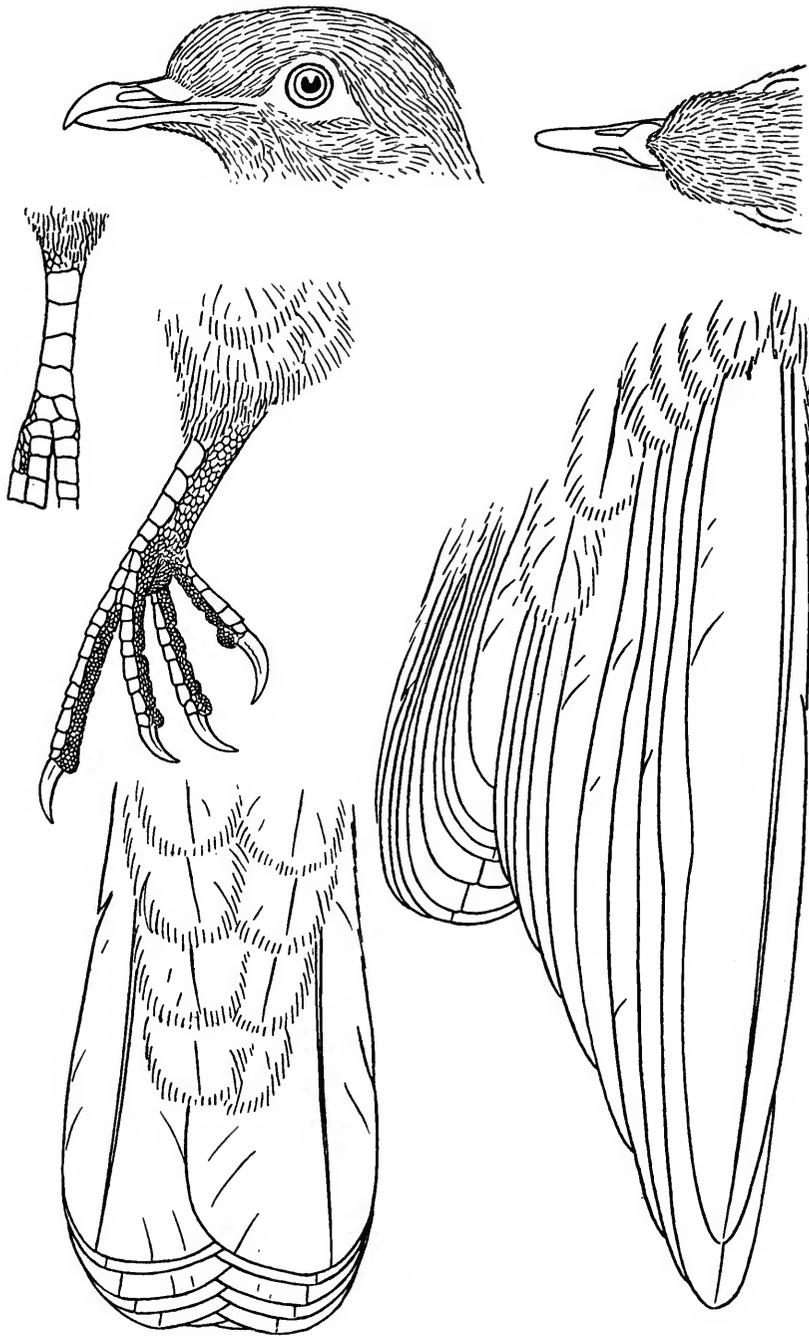


Fig. 1 — *Columba picazuro venturiana* TEMMINCK. ♂ de Itaquí (Rio Grande do Sul).

do referido desenho à parte trazeira do pescoço, de par com algumas peculiaridades morfológicas, serviu de base para o gênero *Picazurus* Des Murs, tendo *Columba picazuro* Temm. por tipo; finalmente, *Chloroenas* inclui, ao lado de outras espécies americanas, a chamada pomba do ar, *Columba cayennensis*.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE *COLUMBA*

- A. Cauda relativamente longa, com mais de três quartos do comprimento da asa
- B. Tamanho maior (160 a 190 mms. de comprimento de asa)¹ e bico proporcionalmente mais longo (14 a 18 mms.) e mais delgado (altura máxima nunca maior que um terço do comprimento); colorido predominante cinzento ou pardo-acinzentado, com banho vináceo mais ou menos acentuado; barba interna das rêmiges e coberteiras inferiores da asa cor de cinza, sem qualquer mescla de ferrugem (Guianas, Bacia amazônica, Brasil oriental) *C. plumbea*
- BB. Tamanho menor (145 a 160 mms. de asa), com bico mais curto (11 a 13 mms.) e proporcionalmente mais grosso (altura pouco menos do que a metade do comprimento); banho purpúreo muito mais acentuado em toda a plumagem; barba interna das rêmiges e coberteiras inferiores das asas frequentemente tingidas de tons ruivos ou ferrugíneos (Venezuela, Guianas e Brasil septentrional) *C. subvinacea*²
- AA. Cauda mais curta, com muito menos de dois terços do comprimento da asa
- C. Penas do pescoço, manto e alto do peito (também, menos distintamente, o resto das partes inferiores) enfeitadas de orla semilunar violáceo-esverdeada, dando à plumagem aspecto escamoso característico; coberteiras infra-caudais brancas, ou quase, com a fímbria escurecida (zonas quentes da América cisandina, desde o sul do México até o Paraguay e, no Brasil, o Estado de Santa Catarina) *C. speciosa*
- CC. Partes inferiores cinzentas, mais ou menos tingidas de vináceo ou pardo, nenhuma diferença apreciável de colorido existindo entre a fímbria e a porção central das penas; coberteiras infra-caudais cinzentas
- D. Parte posterior do pescoço e região interescapular guarnecidas de penas marginadas de preto, dando ali à plumagem aspecto mais ou menos escamoso (leste da Bolívia, norte da República Argentina, Brasil Central e este-septentrional) *C. picazuro*
- DD. Plumagem da parte posterior do pescoço e da região interescapular sem nenhum desenho especial que a destaque
- E. Penas do dorso e coberteiras superiores das asas manchadas de branco na ponta; occiput e nuca de cor semelhante à do resto do píleo (sudeste do Peru, Bolívia septentrional e central, Paraguay, Uruguay, norte da Argentina, inclusive o território brasileiro fronteiro) *C. maculosa*

1) — As medidas referem-se ordinariamente aos machos adultos, abstração feita dos casos accidentais ou aberrantes.

2) — Nesta espécie admitem-se várias raças geográficas, difíceis de pôr em chave por causa da tenuidade das diferenças em que assenta sua delicada caracterização.

- EE. Dorso e asas sem nenhuma pinta ou mancha; occiput e nuca com forte lustro verde-metálico, em flagrante contraste com o dorso e a metade anterior do pléio (sul do México, América Central e zonas quentes da América Meridional cisandina) *C. cayennensis*

Columba plumbea Vieillot

Esta pomba foi descrita tènicamente pela primeira vez por VIEILLOT (1818), com base num exemplar levado para o Museu de Paris em 1816 por DELALANDE Filho, que, como se sabe, fez todas as suas colecções zoológicas nos arredores da cidade do Rio de Janeiro. Poucos anos mais tarde foi ela novamente descrita pelo Príncipe MAXIMILIANO DE WIED, que a obtivera nas matas do sertão de Ilhéus e do Rio de Contas, registrando-lhe o nome usual de "pomba amargosa". Esta denominação, que deriva do gosto peculiar da carne, é hoje em dia ainda a mais comum; ela corresponde precisamente ao nome túpico *picaçuroba* (de *picaçu*, pomba e *rob*, amargo)¹, assinalado primeiramente por MARCGRAVE, e ainda em nossos dias frequentemente empregado para designar a espécie. É crença, abonada por alguns autores, como BERTONI², que o referido sabor tem origem em certas frutas, de que a ave costuma alimentar-se; seja como fôr, afirma GOELDI³ que a carne do peito é muito saborosa, ao contrário da das côxas e outras partes.

Com o correr dos tempos, o nome *picaçuroba*, com as suas inúmeras variantes (v.g. *picuçaroba*, *caçaroba*, *caçuirova*, *saroba*, *sarova*) perdeu também o nome sua acepção precisa, aplicando-se amiúde a outras pombas do mesmo grupo, sem consideração pelo sabor da carne respectiva.

A ciência ornitológica reconhece hoje em *Columba plumbea* quatro subespécies brasileiras, que passaremos a descrever, na mesma ordem seguida na chave abaixo :

RESUMO DIAGNÓSTICO DAS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE *COLUMBA PLUMBEA*

- A. Tamanho maior; partes inferiores cor de cinza, levemente banhadas de vináceo
- B. Bico mais comprido; colorido geral muito mais carregado e partes inferiores distintamente lavadas de vinho (Brasil este-meridional) *C. p. plumbea*
- BB. Bico um pouco menor; plumagem cinzento-clara, com as partes inferiores quase sem tons vináceos (Brasil central) *C. p. baeri*
- AA. Tamanho um pouco menor e partes inferiores muito mais tingidas de vináceo
- C. Infracaudais e lado inferior da cauda pardo-escuras (margem sul do alto Amazonas) *C. p. pallescens*
- CC. Ditas pardo-claras (Guianas e margens ambas do baixo Amazonas) *C. p. wallacei*

1) Cf. RODOLFO GARCIA, Bol. Mus. Nac., V. N.º 3, p. 38 (1929).

2) A. W. BERTONI, Vocab. Zool. Guarani, em Anais do 3.º Congresso Latino-Americano, vol. VI, p. 588 (1910).

3) Aves do Brasil, p. 374.

MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂		♀ ♀	
	asa	cauda	asa	cauda
<i>Columba plumbea plumbea</i>				
Ilha do Cardoso (São Paulo)	192	165		
Serra da Bocaina (São Paulo)	179	154		
idem idem			178	152
idem idem			173	137
Alto da Serra (São Paulo)	180	140		
Campos do Itatiaia (Rio de Janeiro)	182	148		
Rio Jucuruçu (Bahia)			170	133
<i>Columba plumbea pallescens</i>				
João Pessoa, Rio Jurua (Rio Amazonas, sul)	173	135		
Santa Cruz, Rio Eiru (Rio Amazonas, sul)	171	132		
<i>Columba plumbea wallacei</i>				
Rio Atabani (Rio Amazonas, norte)	173	130		
<i>Columba plumbea baeri</i>				
Inhumas (Gozaz)			180	145

Columba plumbea plumbea Vieillot

Columba plumbea VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit. XXVI, p. 358: "Brésil" (tipo dos arredores do Rio de Janeiro, coleccionado em 1816, por DELALANDE). — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 176 (= p. 80 da separata): Taquara, Arroio Grande. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Museum, XXI, p. 323, em parte: "Brazil". — IHERING, 1889, Anuário do Estado do Rio Gr. do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo, São Lourenço; idem, 1889, Rev. do Museu Paulista, III, p. 398: Iguape (ex *R. Krone*); idem, 1900, loc. cit., IV, p. 163: Cantagalo (ex *Euler*), Nova Friburgo (ex *Burmeister*). — MIRANDA RIBEIRO, 1906, Arch. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, XIII, p. 180: Serra do Itatiaia; idem 1923, loc. cit., XXIV, p. 253: Itatiaia. — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brasil, Aves, p. 20: Ipiranga, Alto da Serra, São Sebastião, Vargem Alegre, Campos do Itatiaia. — LÜDERWALDT, 1909, Zool. Jahrb. (System.) XXVII, p. 338: Serra do Itatiaia. — CHROSTOWSKI, 1912, Compt. Rend. Soc. Scient. Varsovie, V, pp. 460 e 492: Vera Guarani (Rio Iguazu).

Chloroenas plumbea PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 274, em parte: Itararé, Mato-Dentro, Rio Borrachudo. — BERLEPSCH, 1874, Journ. f. Orn. XXII, p. 240: Blumenau.

Columba locutrix WIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 118: Rio Ilhéus; idem, idem, p. 213: Giboia (perto de Conquista); idem, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV (2), p. 455: Ilhéus e Giboia.

Columba infuscata LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 66: Bahia.

Chloroenas infuscata BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Thiere Bras., III, p. 292: Nova Friburgo. — GOELDI, 1894, As Aves do Brasil, p. 374: Serra dos Orgãos.

Columba plumbea plumbea SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 116: Rio Claro, Serra da Esperança, Cândido de Abreu (próximo do Rio Ivai). — HOLT, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, p. 281: Serra do Itatiaia. — FINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 62: Rio Jucuruçu; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 158: Rio Jucuruçu, Vargem Alegre, Itatiaia, São Sebastião, Alto da Serra, Vanuire, Ilha do Cardoso, São Carlos (?). — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool Ser., XIII, Pte. I, N.º 1, p. 469: Fazenda Caioá (Rio Paranapanema), Roça Nova, Vitória, etc.

Oenoenas plumbea plumbea RIDGWAY, 1916, Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. VII, p. 324: Paraguay e sul do Brasil.

Oenoenas plumbea locutrix RIDGWAY, 1916, publ. cit. p. 325, em parte: Bahia e Pernambuco (?).

Columba plumbea locutrix PETERS, 1937, Check-List Bds. World, III, p. 73: leste do Brasil (Bahia e Pernambuco).

DESCRIÇÃO. Um ♂ adulto de Terezópolis, coleccionado em junho de 1942 pelo Sr. Pedro de M. Britto (Serviço da Febre Amarela) pode ser considerado topotípico da espécie nomeada por VIEILLOT: médio dorso e asas cinzento-pardas, com leve brilho verde-bronzeado; alto

da cabeça cinzento-avinhado, sem nenhum brilho visível e muito mais claro na metade anterior do que do meio para a nuca; região interescapular fortemente tingida de violeta ou vinho e distintamente marcada de manchas transversais mais claras, cambiando para o ferrugem; coberteiras superiores da cauda e rectrizes pardo-escuras, quase sem brilho; partes inferiores cor de cinza, muito mais claras do que as superiores e lavadas de vinho, principalmente no peito e no pescoço; mento e garganta ainda mais claros, tocados de fulvo; coberteiras infracaudais da mesma cor do abdome; lado inferior das rectrizes pardo-cinzentas, de colorido uniforme da base à ponta; bico preto, pés vermelhos escuros. Medidas: asa 195 mms., cauda 156 mms., bico 15 mms.

Os caracteres descritos no exemplar de Terezópolis, e considerados típicos da espécie, variam entre limites relativamente largos, dentro de uma mesma população e independentemente de sexo ou idade; assim é que se observam diferenças maiores ou menores no colorido das partes superiores e de cauda (ora mais parda, ora mais anegrada), no lustro metálico das costas e das asas, no banho vináceo que não raro interessa o próprio abdome (como num ♂ de Vanuire, perto de Glicério, oeste de São Paulo). Varia também muito o matiz e a abundância das manchas da região interescapular; mas parecem constantes nos adultos de ambos os sexos, achando-se presentes em todos os exemplares do Brasil este-meridional constantes da coleção ao nosso dispôr. SZTOLCMAN aduz a este propósito interessantes observações e comentários, tendentes a demonstrar que as manchas em questão aumentam em número e tamanho com o desenvolvimento da ave. Feitas estas ressalvas, na descrição acima enquadram-se satisfatoriamente todas as populações distribuídas, desde os limites com o Paraguay (Rio Paraná), pelos estados meridionais e este-meridionais do Brasil, inclusive a faixa oriental florestada de leste e sudeste de Minas Gerais, representada na coleção em estudo por um exemplar insexuado de Vargem Alegre (perto de Mariana).

Uma ♀ do Rio Jucuruçu, no sul da Bahia (Prado), por nós colecionada em 1933, suporta perfeitamente o confronto com as de São Paulo e Rio de Janeiro; assim, não nos parece possível separar *Columba locutrix* Wied, cujos tipos foram obtidos na faixa costeira da Bahia, um pouco mais ao norte (perto de Belmonte e Ilhéus).

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Paraguay (Alto Paraná, Puerto Bertoni), sul e sudeste do Brasil: Rio Grande do Sul (Taquara, Arroio Grande, São Lourenço); Santa Catarina (Blumenau); Paraná (Rio Borrachudo, Vera Guarani, Rio Claro, Serra da Esperança, Cândido de Abreu); São Paulo (Iguape, *Alto da Serra, *São Sebastião, Itararé, *Vanuire, *Ilha do Cardoso, *Rio Juquiá, *Barra do Rio Dourado, *Serra da Bocaina, *Porto Marcondes); Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Cantagalo, Nova Friburgo, *Terezópolis, *Serra do Itatiaia); Espírito Santo (Vitória); leste de Minas Gerais (*Vargem Alegre); sul da Bahia (Ilhéus, Conquista, *Rio Jucuruçu).

***Columba plumbea baeri* Hellmayr**

Columba plumbea baeri HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 91: cidade de Goiaz (A. BAER. col.). — PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XX, p. 37: Rio das Almas (próx. de Jaraguá), Inhumas (no Rio Meia Ponte). — HELLWAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, Pte. I, N.º 1, p. 471: Rio São Miguel (próx. de Cavalcanti).

Columba plumbea (não de VIEILLOT) REINHARDT, 1870, Vidensk Medd. Naturhist. Foren., p. 58: Sant'Ana dos Alegres, Paracatu, Lagoa Santa).

Chloroenas plumbea PELZELN, 1870, Zur. Ornith. Brasiliens: cidade de Goiaz (Natterer).

Esta raça substitui no Brasil Central *C. p. plumbea* e está seguramente representada por um exemplar do Departamento de Zoologia rotulado como ♀ e procedente de Inhumas (antiga Goiabeira), localidade do sul de Goiaz, a leste e não longe da cidade do mesmo nome, sua pátria típica. Nosso exemplar, como alhures ficou dito, concorda fielmente com a descrição original, e destaca-se à primeira vista de qualquer dos do Brasil meridional e oriental. Toda a plumagem é muito mais clara, especialmente a das partes inferiores, cinzento-claras, com tons vináceos apenas perceptíveis; o alto da cabeça, de côr plúmbea apenas mais carregada que a das partes inferiores, clareia na metade anterior e é quase isento de vináceo; o mento, pouco mais claro do que a cabeça, e igualmente pobre de tons vináceos, não apresenta manchas distintas; o dorso e as asas são pardos, quase sem brilho.

A área de dispersão desta raça, segundo HELLMAYR, que teve em mãos exemplares de Araguari, estende-se para leste até o chamado Triângulo Mineiro, mas não há elementos para se afirmar com segurança em que pontos ela cede o lugar à raça típica da espécie; paremos duvidoso que ela alcance a região do Rio das Velhas, visto como o nosso exemplar de Vargem Alegre, mencionado acima, é caracteristicamente de *C. p. plumbea*. Com estas restrições, e baseando-nos principalmente em alheio testemunho, é que daremos para *C. plumbea baeri* a seguinte

DISTRIBUIÇÃO. Matas interiores do Brasil centro-oriental: oeste de Minas Gerais (Paracatu, Sant'Ana dos Alegres, Lagoa Santa, Rio Jordão), Goiaz (cid. de Goiaz, *Rio das Almas, *Inhumas, Rio S. Miguel).

***Columba plumbea pallescens* Sneathlage**

Columba plumbea pallescens SNEATHLAGE, 1908, Journ. f. Ornithol., LVI, p. 22: Bom Lugar (Rio Purús); idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 62: Bom Lugar. — TODD, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L. p. 187: Hiutanahã, Arimã. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, Pte. I. N.º 1, p. 471: Santo Antônio, Igarapé do Gordão. — GYLDENSTOLPE, 1945, Kungs. Sv. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 45: João Pessoa.

Esta raça é-nos conhecida através de vários indivíduos de ambos os sexos, procedentes do alto Juruá (João Pessoa) e seu pequeno afluente oriental, Rio Eiru (Santa Cruz); a julgar por estes exemplares, ela se caracteriza, antes de tudo, pela cor carregada do dorso e das asas, pardo-escuros, com forte mistura de oliva, e ainda pela tonalidade francamente vinácea de todas as partes inferiores. O tamanho das aves amazônicas é também sensivelmente inferior ao das do sul do Brasil, com que aliás não se deixam confundir. As manchas do manto parecem faltar em cinquenta por cento dos exemplares adultos.

A área de distribuição de *C. plumbea pallescens* é ainda mal conhecida, admitindo-se que nas porções mais altas da Amazônia passa a ser substituída por *C. plumbea bogotensis* (BERL. & LEVERKÜHN), raça cujos caracteres são extraordinariamente semelhantes, mas de que só temos conhecimento através dos autores.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste do Equador (Rio Tigre, Rio Carapino, Raya Yaco), nordeste do Peru (Puerto Indiana, rio Ucayali), extremo oeste do Brasil, ao sul do Rio Solimões: Rio Juruá (*João Pessoa, Igarapé do Gordão, *Santa Cruz, Santo Antônio), Rio Purús (Bom Lugar, Hiutanahã, Arimã).

***Columba plumbea wallacei* Chubb**

Columba plumbea wallacei CHUBB, 1917, Bull. Brit. Orn. Cl. XXXVIII, p. 32: Rio Capim (leste do Pará); idem, 1919, Ibis, p. 31: Rio Capim. — TODD, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 186: Vila Braga, Óbidos, Manacapuru. — GRISCOM & GREENWAY, 141, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 135: Óbidos, Vila Braga. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, Pte. I, N.º 1, p. 473: Boim, Vila Acará, Tomé-açu.

Columba plumbea pallescens (não de SNETHLAGE, 1908) HELLMAYR, 1912, Abhandl. mathem.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 79; Santo Antônio do Prata, Ipitinga. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 62: Santa Helena. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 150: Castanhal. — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 66: Tapirapuã (Rio Sipotuba). — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 158: Rio Atabani.

Columba vinácea (não de TEMMINCK), SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 590: Rio Capim.

Columba plumbea (não de VIEILLOT) SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 323, em parte: Rio Capim. — GOELDI, 1903, Ibis, p. 499: Rio Capim.

Columba locutrix (não de WIED) RIKER & CHAPMAN, 1891, Auk, VIII, p. 162: Santarem.

Columba plumbea bogotensis (não de BERLEPSCH & LEVERKÜHN) HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 383: Rio Capim.

Um exemplar do Rio Atabani, na margem septentrional do Rio Amazonas (região de Itacoatiara), de sexo indeterminado, mas aparentemente ♂ adulto, confirma a existência de uma quarta raça, muito semelhante a *C. plumbea pallescens*, mas ainda assim suficientemente caracterizada. Comparado com os da série do alto Juruá, o do Rio Atabani difere pelo violáceo mais puro (sem mescla apreciável de cinza) e mais uniforme do píleo, e principalmente pelo colorido muito mais claro das coberteiras infra-caudais e do lado inferior das rectrizes. Estas diferenças não foram apontadas nem por TODD nem pelos que depois dele se têm ocupado da matéria, mas temos pouca dúvida de que o nosso exemplar deva pertencer à raça descrita por CHUBB com o nome de *C. plumbea wallacei*. A distribuição atribuída a esta subespécie, além das três Guianas, abrange as duas margens do baixo Amazonas, desde a foz até os Rios Negro e Tapajós.

Há ainda na coleção do Departamento de Zoologia um outro exemplar do Rio Atabani; trata-se porém de uma ♀ demasiado jovem para que se possa levar em conta o colorido da plumagem.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas Francesa, (Rio Oyapock, Pied Saut), Holandesa (Javaweg) e Inglesa (Rio Demerara, New River, Rio Essequibo, Bartica Grove, Camacusa), e Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas e do trecho adjacente do Rio Solimões: baixo Solimões (Manacapuru), *Rio Atabani, Óbidos, Rio Tapajós (Boim, Vila Braga, Santarem), Rio Jamauchim (Santa Helena), todo leste do Pará (Rio Acará, Ipitinga, Prata, Castanhal) e norte extremo de Mato Grosso (Tapirapuã).

***Columba subvinacea* (Lawrence)**

Chloroenas subvinacea LAWRENCE, 1868, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y., IX, p. 135: Dota (Costa Rica).

A referência mais antiga às pombas deste grupo cabe a TEMMINCK (1811), que utilizando nome já ocupado por GMELIN, (1789), descreveu sob a denominação de *Columba vinacea* um exemplar da Guiana Francesa, que hoje sabemos pertencer à mesma ave batisada posterior-

mente como *Columba purpureotincta* RIDGWAY. Todas se assemelham extraordinariamente às do grupo encabeçado por *C. plumbea*, e si não fosse o facto de existirem em algumas regiões, como a Amazônia, sub-espécies de umas e de outras, haveria talvez conveniência em tratá-las todas como simples raças geográficas de uma mesma espécie. Isso aliás afina com o senso do povo, que no Amazonas as chama indistintamente de "pomba amargosa". Comparadas com as de *C. plumbea*, as principais características das raças de *C. subvinacea* estão no porte mais reduzido (145 a 150 mms. de asa), no bico decididamente menor e proporcionalmente mais grosso (altura pouco menor que a metade do comprimento do culmen), na cor acanelada das coberteiras inferiores das asas e, principalmente, no colorido geral mais carregado da plumagem, cujo banho vináceo é muito mais intenso do que em qualquer das raças de *C. plumbea*. Não obstante, neste particular, algumas raças da última se aproximam extraordinariamente das de *C. vinacea*, embaraçando não raro a clara compreensão das relações entre os dois grupos, que SALVADORI (Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 323) e outros não souberam devidamente distinguir.

A área de distribuição desta espécie, em que o mais recente Catálogo reconhece nada menos de oito raças geográficas, abrange a porção tropical da América Central (Costa Rica, Panamá) e todo o oeste-setentrional da América do Sul, inclusive a Amazônia brasileira, onde vivem as duas formas abaixo descritas.

***Columba subvinacea purpureotincta* Ridgway**

Columba purpureotincta RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 594, nota margin.: Demerara (Guiana Inglesa). — BERL. & HARTERT, 1902, Novit. Zool. IX, p. 117: Maipures (Rio Orenoco). — SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, II, N.º 6, p. 68: Turiaçu. — HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 463: Turiaçu.

Columba subvinacea purpureotincta TODD, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L. p. 188: Rio Yuruan (Venezuela). — HELLMAYR & CONOVE, 1942, op. cit., p. 467, em parte: Serra da Lua (Rio Branco), Vila Acará (Rio Acará). — FRIEDMANN, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 399: São Gabriel.

As características desta pomba foram minuciosamente estudadas por BERLEPSCH & HARTERT (1902), que as puzeram em confronto com as de *C. plumbea*. HELLMAYR & CONOVER, últimos revisores do assunto, referem a *C. subvinacea purpureotincta* não só as populações do norte extremo do Amazonas (Rio Branco), como ainda as da mais baixa porção do referido rio, aí incluída a margem meridional (Rio Tocantins), as de leste do Pará (região de Belém e cercanias) e norte do Maranhão. Não possuímos material para formar opinião própria sobre o assunto; todavia, inclinamo-nos a seguir neste particular o parecer de GRISCOM & GREENWAY, para quem toda a baixa Amazônia estaria compreendida na área de *C. subvinacea recondita*. Aliás, todos estes autores são unânimes em referir a esta forma as aves da região de Óbidos, que geograficamente é lícito incluir na baixa porção da margem septentrional do Rio Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste da Venezuela (Ciudad Bolivar, alto Orenoco, Rio Cassiquiare, Rio Yuruan, monte Roraima), Guiana Inglesa (Rio Demerara, Bartica Grove, Camacuse, Rio Rupununi, Quonga, Rio Caramang, Ourumee), norte extremo do Brasil: Rio Branco (Serra da Lua, perto de Boa Vista), alto Rio Negro (São Gabriel).

***Columba subvinacea recondita* Todd**

Columba subvinacea recondita TODD, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 187: Colônia do Mojuí (marg. direita do Rio Tapajós, perto de Santarem). — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 135: Óbidos, Santarem, Vila Braga. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, p. 465: Óbidos, Lago Cuipeva, Arimã, Hiutanahã, Lábrea, Nova Olinda, Vila Braga, Boim, Tauari etc.

Columba purpureotincta (não de RIDGWAY) SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Ornithol., LVI, p. 538: Alcobaça (Rio Tocantins); idem, 1914 Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 62: Alcobaça, Rio Gurupi; idem, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, N.º 6, p. 68: Turiaçu. — HELLMAYR, 1929, Field. Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 463: Turiaçu. — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 159: Lago Canaçari.

Columba vinacea purpureotincta HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 267, em parte: Vila Acará (Rio Acará).

Chloroenas plumbea var. PELZELN, 1870, Orn. Bras. III, p. 275: Engenho do Gama (Rio Guaporé), Borba (Rio Madeira).

Columba plumbea palleescens (não de SNETHLAGE) HELLMAYR, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 415: Aliança, Jamarizinho.

Atribuível à presente subespécie conhecemos apenas um ♂ adulto do Lago Canaçari, na margem septentrional do Rio Amazonas, próximo de Itacoatiara. Comparado com os da série do alto Juruá, dá a impressão de divergir racialmente deles, destacando-se pela tonalidade um pouco mais clara das partes superiores e das rectrizes, o porte mais reduzido (156 mms. de asa, mínimo raramente encontrado nas aves do Juruá) e, especialmente, a pequenez do bico, cujo culmen não ultrapassa 12 ½ mms.

DISTRIBUIÇÃO: Margem direita e esquerda do médio e baixo Amazonas, até o norte do Maranhão: margem septentrional do baixo Solimões (Codajás, *fide* Gyldenstolpe) e do Amazonas (*Lago Canaçari, Óbidos), Rio Purus (Arimã Hiutanahã, Lábrea, Nova Olinda), rios Madeira (Borba, Aliança), Gi-Paraná (Jamarizinho) e Guaporé (Engenho do Gama), Rio Tapajós (Vila Braga, Boim, Santarem, Pinhel, Tauari), Rio Tocantins (Alcobaça) região de Belém (Rio Acará), Rio Gurupi, norte do Maranhão (Turiaçu).

***Columba subvinacea olgivie-granti* Chubb**

Columba olgivie-granti CHUBB, 1917, Bull. Brit. Orn. Club, XXXVIII, p. 5: Guayabamba (norte do Perú).

Columba subvinacea olgivie-granti GYLDENSTOLPE, 1945, Kungl. Sv. Akadem. Handl., XXII, n.º 3, p. 46: João Pessoa, Santo Antônio (alto Juruá).

Já atrás, a propósito de um exemplar do Lago Canaçari identificado como de *C. subvinacea recondita*, fizemos referência às diferenças que ele apresenta em confronto com as aves do alto Juruá, bem representadas nas coleções do Departamento de Zoologia por 2 ♂♂ e 6 ♀♀ de João Pessoa (antiga São Felipe) e Santa Cruz (Rio Eiru). Embora não possuamos outros elementos de convicção afora razões de origem zoogeográfica, admitimos, a exemplo de GYLDENSTOLPE, que estas populações da porção ocidental extrema da Amazônia brasileira sejam inseparáveis das do nordeste do Peru, a que cabe o nome proposto por CHUBB. De acordo com este conceito, para fixar as características da raça amazônico-peruana, descreveremos um ♂ adulto de Santa Cruz. Toda a plumagem, inclusive as próprias rectrizes, bem iluminada sob luz difusa, é mais ou menos lavada de vináceo; o píleo, o pescoço e a região interescapular são vináceos, misturados de cinza; o dorso e as asas pardacentos, lustrados de bronze e vinho, em proporção mais ou menos iguais; as supracaudais e a cauda algo mais escurecidas, distintamente lustradas de vinho; o mento e a garganta avinhado-bran-

cacentos, em contraste com o pescoço e o restante das partes inferiores, que são de um vináceo-cinza apenas mais claro que o do alto da cabeça e do manto; infracaudais e lado inferior das rectrizes pardo-cinzentas, menos tingidas de vináceo do que o abdome e o peito. Medidas: asa 163 mms., cauda 132 mms., culmen 14 mms. Nos demais exemplares o comprimento de asa varia entre 156 a 163 mms.; o da cauda, entre 127 a 132 mms.; o do culmen, entre 13 a 14 mms.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Peru (Rio Ucayali, Rio Huallaga, Cosni-pata, Huambo, Guayabamba), do Equador (Sarayacu, Rio Tigre, Baeza) e da Bolívia (Rio Surutu, Santa Cruz, Buena Vista, Cochabamba, Rio Espírito Santo, Rio Yapacani), extremo noroeste do Brasil: alto Juruá (João Pessoa), Rio Eiru (Santo Antonio, Santa Cruz).

Columba speciosa Gmelin

Columba speciosa GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 783 (baseada no "Pigeon ramier, de Cayenne, de Buffon e Daubenton, Pl. Enlum. 213: Cayenne (Guiana Francesa). — WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 251: Rio Mucuri; idem, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 452: Camamu. — SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 590: Pará (= Belém). — ALLEN, 1893, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., V, p. 148: Chapada (H. SMITH col.). — RIKER & CHAPMAN, 1891, Auk, VIII, p. 161: Santarém. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 281: Pará (= Belém, WALLACE col.), Bahia (WUCHERER), Engenho do Gama (NATTERER), Chapada. — GOELDI, 1897, Ibis, pp. 153 e 160: Counani; idem, 1893, loc. cit., p. 499: Rio Capim; idem, 1894, As Aves do Brasil, p. 377 (hábitos etc.). — HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 383: próxim. de Belém (= St^o Antônio do Prata). — IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brasil., I (Aves), p. 19: Iguape, São Francisco (Santa Catarina). — REISER, 1910, Denks. math. — naturwiss. Kl. Akad. Wien, LXXVI, p. 100: Miritiba (SHWANDA col.). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 61: Monte Alegre, Cuçari, Ilha Goiana, Faro, Guimarães. — LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, (2), p. 96: Ilhéus. — NAUMBURG, 1930, Bull. Un. St. Nat. Mus., LX, p. 66: Rio Roosevelt. — PINTO, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 36: Jaraguá, "Rio Jaraguá" errore (= Rio das Almas); idem, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 156: Santarém, Ilhéus, Itabuna, Rio das Almas, São Luiz de Cáceres, Vitória de Botucatu, Iguape, Olímpia. — BRODKORB, 1937, Occas. Pap. Mus. Zool. Univ. Michig., N.º 349, p. 6: Marajó. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 134: Tauari, Santarém, Vila Braga. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 434: Serra da Lua, Rio Acará, Rio Capim, Lago Cuipeva, Boim, Tauari, Caxiricatuba. — PINTO & CAMARGO, 1948, Papéis Avulsos do Dept^o. de Zool., VIII, p. 302: Chavantina, Rio Pindaíba, Aragarças.

Lepidoenas speciosa PELZELN, 1870, Zur. Orn. Brasil., (3), p. 274: Rio Guaporé (Engenho do Gama), Rio Madeira (Ribeirão), Barra do Rio Negro (= Manáus), Pará (= Belém).

Não se tem notícia dos nomes que teria esta espécie entre os índios; mas, desde cedo passou ela a ser chamada pelos colonos de "Pomba trocáz", por causa certamente de sua semelhança com a que em Portugal é assim apelidada. E', sem dúvida, a mais bonita das pombas indígenas, principalmente em se tratando de machos adultos, que a seguir descreveremos, com base num exemplar proveniente de Ilhéus (Nº 11.862 da col. do Dept. de Zoologia de São Paulo), na costa meridional do Estado da Bahia. Alto da cabeça, desde a fronte até a nuca cor de chocolate, com fraco banho de vinho; costas francamente cor de chocolate, lavadas de vinho, com reflexos violáceos muito visíveis sob incidência conveniente de luz; cauda preta, da base à ponta; pescoço guarnecido em toda volta de penas orladas de verde metálico, cambiando em violeta, e com a porção subterminal branca, o que dá ali à plumagem aspecto escamoso característico; região interescapular semelhante ao pescoço, com a diferença de terem as penas a parte subterminal tingida de ferrugíneo,

e tanto mais fortemente quanto mais se aproximam do dorso; alto do peito a princípio escamoso como o pescoço, mas perdendo gradativamente este aspecto até o abdome, que é esbranquiçado, com as penas mais ou menos debruadas de escuros; infracaudais brancas, com a orla extrema escurecida. Medidas: asa 297 mms., cauda 115 mms., culmen 23 mms.

Abstração de seu porte mais exíguo, a fêmea difere à primeira vista dos machos pela plumagem muito menos vistosa; o píleo, o pescoço e a região interescapular assemelham-se aos dos últimos, mas o restante das partes superiores é pardo-escuro, com muito raros indícios de chocolate, ao mesmo tempo que no lado inferior o desenho escamoso da plumagem do pescoço acusto atinge o alto do peito, sempre muito mais claro do que nos machos.

O bico e as patas são vermelho-carmezim em ambos os sexos, passando rapidamente a amarelo nos exemplares preparados.

A distribuição desta espécie é bastante ampla, abrangendo, sem dar margem a variação perceptível, os paizes quentes da America, desde o sul do México até o Paraguay e, no Brasil, o Estado de Santa Catarina. De habitat estritamente silvestre, vae ela cada vez mais escasseando entre nós com a derrubada das matas e o avanço da civilização. Por isso, enquanto é ainda bastante comum no baixo Amazonas e em algumas zonas do Brasil Central, já hoje não se vê senão excepcionalmente nos Estados do Sul. Pessoalmente, encontramos-a com abundância, quase quinze anos atrás, no sul de Goiaz (região do Rio das Almas). Observamos-a quase sempre em bandos, comendo frutinhas nas árvores grandes da mata; ocasiões houve, porém, em que deparamos com exemplares solitários, descansando entre dous vôos, não raro sob os rigores do sol. Pelo príncipe de WIED, sabemos que põe dous ovos brancos, em ninho mal feito, de gravetos.

DISTRIBUIÇÃO: Zonas florestadas de clima quente da América cisandina (localmente, como no Equador, também por vezes a vertente pacífica), desde o sul do México até o Paraguay, inclusive quase todo Brasil: sudeste do México (estados de Vera Cruz, Oaxaca, Yucatan), América Central (leste de Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá), Colombia (Rio Magdalena, Antioquia, Santa Marta, Remedios, Nóvita, Buena Vista, Villavicencio, Noanamá), Venezuela (Rio Orenoco, Maipures, Rio Caura, monte Roraima), Trinidad, Guianas Inglesa (Rio Essequibo), Rio Demerara, Rio Mazaruni, Rio Ituribisci, Camacusa, Bartica Grove), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), Equador (Zamora, Rio Suno, San Javier, Rio Napo, Sarayacu, Gualaquiza, Esmeraldas), leste do Peru (Chamicuros, Chyavetas, La Mercéd, Amable Maria), nordeste da Bolívia (baixo Rio Beni), leste do Paraguay (Puerto Bertoni) e Brasil: alto Rio Madeira, Rio Negro (Barra do Rio Negro), Rio Branco (Serra da Lua), *Rio Anibá, Rio Jamundá (Faro), Monte Alegre, Lago Cuiveva, Rio Cunani, Ilha de Marajó, Rio Tapajós (Boim, Vila Braga, Ilha Goiana, *Santarém, Diamantina, *Piquiatuba, Tauari, *Caxiricatuba), Rio Capim, Rio Acará, norte do Maranhão (Miritiba, Guimarães), sul da Bahia (Camamu, *Ilhéus, *Itabuna), Espírito Santo (*Pau Gigante), São Paulo (*Iguape, *Vitória de Botucatu, Lins, Olímpia), Santa Catarina (São Francisco), Goiaz (*Rio das Almas, *Jaraquá, *Rio Claro, Rio Araguaia), Mato Grosso (*Rio das Mortes, Chapada, *S. Luiz de Cáceres, Rio Guaporé, Rio Roosevelt).

Columba picazuro Temminck

Columba picazuro TEMMINCK, 1818, Hist. Nat. des Pigeons et Gallin., I, pp. 111 e 149 (basado em "Picazuro" de Azara): Paraguay.

Dos pombos selvagens brasileiros é este o que alcança porte mais avantajado e também seguramente, um dos mais bonitos. É fácil de reconhecer pelo desenho escamoso da plumagem na base do pescoço, à maneira de um largo semi-colar, interrompido no lado inferior. Isso lhe dá alguma semelhança com *Columba speciosa* e explica porque em certos lugares (p. ex. Cuiabá, *fide* NATTERER) é ele conhecido pelo mesmo nome popular de "Pomba trocáz". Os guaranis do Paraguay, como nos tempos de AZARA, conhecem-no ainda hoje pelo nome de "Picazuró" (cf. WETMORE, 1926), reservado em outros lugares, quiçá com mais propriedade, para *Columba plumbea*. Também goza algures do apelido de "Pomba verdadeira", registrado na Bahia pelo príncipe de WIED, e de aplicação tão imprecisa quanto o seu equivalente "Pomba legítima". A espécie parece ocorrer, pelo menos acidentalmente, em todo o Brasil, com exclusão aparente da Hiléia; mas até aqui só tem sido registrada em poucos Estados. Nessa área, pode-se claramente reconhecer três raças geográficas, de que iremos nos ocupar dentro de pouco.

Em seu conhecido trabalho sôbre as aves da Argentina e vizinhas repúblicas¹, dá-nos WETMORE informações interessantes sobre o modo de vida deste pombo, que observara repetidas vezes; ora aos bandos, à procura de alimento no chão, ou descansando sobre as árvores, ora em vôo solitário, ou aos pequenos grupos. No Uruguay (La Paloma), um ninho da raça meridional foi encontrado pelo mesmo ornitologista em fins de janeiro. De forma irregular e cêrca de 70 mms. de diâmetro, estava situado num galho horizontal de árvore, a pouco mais de dois metros de altura; era feito de capim e gravetos, e continha um filhote, já meio emplumado.

MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
São Lourenço (Rio Gr. do Sul)	240	135	20			
Idem, idem	234	140	19			
Rio Aricá (Mato Grosso)	228	125	16			
Idem, idem	227	116	20			
Idem, idem	(219)	117	20			
Corumbá (Mato Grosso)				200	115	20
Cuiabá (Mato Grosso)				222	121	18
Barra do Rio Grande (Bahia) ..	213	118	22			
Idem, idem				201	116	20

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
COLUMBA PICAZURO

- A. Plumagem mais clara; tamanho menor, medindo geralmente a asa menos de 130 mms. de comprimento nos ♂ ♂ adultos
- B. Coberteiras superiores das asas de colorido aproximadamente pardo e uniforme, abstração feita das mais externas, que são marginadas de branco (norte da Argentina, Bolívia, Brasil este-meridional e ocidental) *C. picazuro picazuro*

1) ALEXANDER WETMORE, "Observations on the birds of Argentina, Paraguay, Uruguay, and Chile", em *Un. St. National Museum, Bulletin* 133, pp. 182-5.

- BB. Coberteiras superiores das asas com os bordos mais ou menos tingidos de branco, cor predominante em todo bordo externo da asa (Brasil centro-oriental e septentrional) *C. picazuro marginalis*
- AA. Plumagem de colorido geral mais carregado, com o abdome e as infracaudais intensamente tingidos de cinza; tamanho sensivelmente maior, a asa medindo ordinariamente mais de 130 mms. nos ♂♂ adultos *C. picazuro venturiana*

***Columba picazuro picazuro* Temminck**

Columba picazuro SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus. XXI, p. 271, em parte: Cuiabá, Engenho do Gama (NATTERER) etc.; idem, 1900, Bol. Mus. Torino, XV, N.º 378, p. 14: Urucum. — GRANT, 1911, The Ibis, p. 459: Porto Esperança. — MÉNÉGAUX, 1917, Rev. Franç. d'Ornithol., p. 25: São Luiz de Cáceres. — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVI, p. 377: Descalvados.

Columba picazuro picazuro PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 155, em parte: Corumbá (GARBE col.); idem, 1940, Arquivos de Zool. do Est. de S. Paulo, I, p. 9: Santo Antônio (do Rio Abaixo). — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 436, em parte (localids. da Bolívia, Paraguay e Mato Grosso): Cuiabá. — PINTO, 1949, Bolet. Mus. Parense E. Goeldi, X, pp. 343 e 345: Cuiabá, Rio Aricá.

Crossophthalmus gymnophthalmus (não *Columba gymnophthalmus* TEMMINCK) PELZELN, 1870, Zur. Orn. Brasiliens, III, p. 274: Cuiabá, Sangrador, Engenho do Capit. Gama (Rio Guaporé, NATTERER, col.).

A descrição que se segue é a de um ♂ adulto do Rio Aricá (afluente oriental do Rio Cuiabá), colecionado pelo Autor em 21 de maio de 1944: píleo, desde a fronte até a nuca, avinhado claro, com mistura de cinza, principalmente no alto da cabeça; pescoço a princípio da mesma cor da nuca, mas, do meio para trás, tanto em cima como dos lados, caracteristicamente ornado de penas oureladas de um debrum semi-lunar preto, o que dá ao conjunto elegante aspecto escamoso, tornado muito saliente pelo contraste com o colorido da porção subterminal das penas, que é branca-azulada no começo, mas se torna cada vez mais tingida de vinho em direção à base do pescoço; região interescapular a princípio semelhante ao pescoço, mas perdendo rapidamente o aspecto escamoso, com possuírem as penas o debrum cada vez menos negro, e menos distinta a parte subterminal branco-avinhada; porção alta do dorso, como também as adjacentes coberteiras superiores das asas, cor sombria de cinza, com mescla de pardo; baixo dorso, uropígio e coberteiras superiores da cauda cinzento-plúmbeas; rectrizes da mesma cor, enegrecendo progressivamente em direção à extremidade; primárias cor clara de cinza na barba externa, com as pontas e a barba interna escuras; coberteiras superiores externas da asa cinzento-plúmbeas, com as bordas brancas; garganta de colorido claro, branco-avinhado, passando insensivelmente ao cinzento-avinhado nas partes laterais da cabeça e anterior do pescoço; colo cinzento-avinhado; peito e médio abdome da mesma cor, com leve mescla de pardo-amarelado; flancos, côxas e crisso cinzento-plúmbeos e, com exceção dos primeiros, levemente tocados de vinho; coberteiras inferiores das asas e da cauda plúmbeos. O comprimento da asa é neste exemplar de 228 mms.; o da cauda 125 e o do culmen 16. Por inadvertência, não foram tomadas as características das partes que a conservação fariam descorar. Todavia, WETMORE,¹ tendo em mãos um ♂ adulto de Formosa (norte extremo da República Argentina), informa que o bico é cinzento-azulado (plumbêo), mais escurado na ponta; a cera cor neutra de cinza; a pele nua à volta dos

1) ALEX. WETMORE, Bull. Un. St. Nat. Mus., p. 183 (1926).

olhos vermelha, abstraidas as pálpebras, que são cinzentas, com o rebordo vermelho; a íris cor de carne; as patas vermelhas e as unhas escuras.

As fêmeas pouco diferem dos machos; têm todavia o porte menor, as costas mais desbotadas e, sobretudo, as partes inferiores menos avinhadas, mais pardo-amareladas. Dous exemplares deste sexo, um de Corumbá (E. GARBE. col., 1917) e outro de Cuiabá (OLALLA col., 1944), apresentam as mesmas características, demonstrando que a espécie nesta parte ocidental de Mato Grosso forma uma população homogênea e, com todas as probabilidades, inseparável tanto das do sudeste da Bolívia como das do Paraguai, sua pátria típica. São todavia incertos os limites entre a área geográfica desta raça e a de *C. p. venturiana*.

DISTRIBUIÇÃO: Norte extremo da Argentina (Formosa, ? Tucumán), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija), Paraguai (Puerto Pinasco) e Brasil oeste-meridional: Mato Grosso (*Corumbá, Urucum, Descalvados, São Luiz de Cáceres, Cuiabá, Sangrador, *Santo Antônio, *Rio Aricá, Engenho do Gama).

Columba picazuro venturiana Hartert

Columba picazuro venturiana HARTERT, 1909, Novitates Zoologicae, XVI, p. 260: tipo de Mocovi (nordeste da República Argentina, prov. de Santa Fé).

Columba picazuro (não de TEMMINCK) BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 176: Taquara do Mundo Novo. — IHERING, 1889, Anuário do Rio Gr. do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo, São Lourenço. — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, p. 18, em parte: São Lourenço.

Columba picazuro picazuro NAUMBURG, 1932, Amer. Mus. Novit. N.º 554, p. 4, em parte: São Lourenço, Lagoa do Forno (perto de Torres). — PINTO, 1938, Rev. Museu Paul., XXII, p. 155, em parte: São Lourenço, Itaquí. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 436, em parte: (Uruguay, Buenos Aires, Rio Grande do Sul).

Picazuro picazuro reichenbachii (não de BONAPARTE) WETMORE, 1926, Bull. 133 Un. St. Nat. Mus., pag. 184: Uruguay e leste da Argentina (Buenos Aires, Corrientes etc..)

HARTERT, baseando-se em material do norte da Argentina (Tucumán, Salta e Santa Fé), e escolhendo um exemplar de Mocovi (prov. de Santa Fé), descreve esta raça como semelhante a *C. p. picazuro*, mas fácil de distinguir pelo colorido mais carregado da frente, nuca, uropígio e supracaudais. WETMORE estudando um macho adulto de San Vicente, nele reconhece a forma meridional escura separada por HARTERT, identificando-a todavia com *Crossophthalmus reichenbachii* BONAPARTE, cujos tipos supoz originários da Patagonia (um ♂ adulto) e do Paraguai (um jovem, "at least so characterized"). Todavia, o exame direto do material ainda existente no Museu de Paris permitiu ulteriormente a HELLMAYR¹ esclarecer a confusão existente a seu respeito, provando à luz dos assentamentos encontrados nos rótulos dos espécimes, que *Crossophthalmus reichenbachii*, longe de se aplicar às pombas do presente grupo, deve reverter à sinonímia de *Columba maculosa* TEMM., a que provam pertencer quaisquer dos dous exemplares que teriam servido a BONAPARTE para descrever a sua espécie. Por outro lado, opina o referido autor pela inseparabilidade das aves do norte da Argentina e do Uruguay, reduzindo, em consequência, *C. p. venturiana* a mero sinônimo de *C. p. picazuro*, tal como já fizera a Sra. NAUMBURG², dez anos antes.

1) HELLMAYR & CONOVER, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 440, nota 1 (1942).

2) Amer. Mus. Novit., N.º 554, p. 3 (1932).

Não obstante, um macho adulto, coleccionado por E. GARBE em Itaqui, nas fronteiras do Brasil com o Uruguay, diverge logo à primeira vista dos de Mato Grosso, demonstrando pertencer a raça particular, que não hesitamos em identificar com a nomeada por HARTERT, tão grande é a concordância de suas características com a diagnose da última. Robustece ainda este juízo a presença de outro exemplar do Rio Grande do Sul (Colônia São Lourenço, ENSLEN col.), que, embora sem sexo especificado, é também, sem nenhuma dúvida, um macho adulto, e em tudo parecido com o de Itaqui. Comparados com o de Mato Grosso, e abstração feita de seu porte sensivelmente mais avantajado, estes machos do Rio Grande do Sul diferem ao primeiro exame pela tonalidade geral muito mais carregada da plumagem, tanto do alto da cabeça e das costas, como das partes inferiores, onde o baixo abdome e as tíbias são predominantemente plúmbeas, e as infracaudais quase exclusivamente desta cor; também as primárias e as retrizes são mais escuras, e menor a quantidade de branco no rebordo das coberteiras superiores das asas.

No que se refere à área de dispersão de *C. picazuro venturiana*, não há dados para lhe traçar de modo preciso os limites septentrionais, visto como, conforme observaram WETMORE, LAUBMANN¹ e outros, já na região do Chaco, que abrange na República Argentina o distrito de Formosa, é ela substituída por *C. picazuro picazuro*.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da República Argentina (Buenos Aires, Santa Fé, Corrientes), Uruguay (San Vicente, Rio Negro, Rocha) e extremo sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Taquara, *São Lourenço, *Itaqui).

***Columba picazuro marginalis* Naumburg**

Columba picazuro marginalis NAUMBURG, 1932, Amer. Mus. Novit., N.º 554, p. 3: Corrente (loc. típica), Parnaguá, Rio Parnaíba (Floriano, Belo Horizonte), Ibiapaba, Barra do Rio Grande, Remanso, Soledade, Santa Rita do Rio Preto. — PINTO, VTCR, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 156: Cidade da Barra (= Barra do Rio Grande), Pirapora. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 438: Ibiapaba, Parnaguá, Soledade.

Columba picazuro (não de TEMMINCK) FORBES, 1881, Ibis, p. 356: Paraíba e Pernambuco (Quipapá, Garunhuns). — ? HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 90: Rio Araguaia. — REISER, 1910, Denkschr. Math.-naturwiss. Kl. Akd. Wien, LXXVI, p. 86: Soledade (no Rio São Francisco, perto de Caraíba), Barra do Rio Grande. — HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 462: Ibiapaba (Col. de CONOVER).

Columba leucoptera (não de LINNÉ) WIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 242 (241 da ed. in-8vo): Rio de Contas.

Columba poeciloptera (não de VIEILLOT) WIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, 2, p. 459: "in den Wäldern des oberen *Rio das Contas* Flüge".

É-nos esta subespécie conhecida através de um casal de Barra do Rio Grande (Rio S. Francisco, Bahia), coleccionado em 1908 por E. Garbe. Tomando em consideração principal o macho adulto, vê-se que ela difere das anteriormente estudadas em mais de um caráter, entre os quais avultam: a maior quantidade de branco nas bordas das coberteiras das asas; a cor muito mais desbotada, pardo-suja, das penas do dorso e das asas, cuja orla é ainda nitidamente mais clara; pela tonalidade francamente vinácea, sem mescla apreciável de cinza, das partes inferiores; o cinzento mais claro das supracaudais e o preto menos retinto da porção terminal das retrizes; o porte muito reduzi-

1) ALF. LAUBMANN, "Die Vögel von Paraguay", em Wissenschaftliche Ergebnisse der Deutschen Gran Chaco-Expedition, Bd. I, p. 131 (1939).

do etc. Nos jovens há pouco vináceo (mais pardo-amarelado) e falta a faixa branca na borda da asa (REISER).

Esta raça habita as zonas secas do nordeste do Brasil, até, pelo menos, o interior do Piauí (Parnagua, Rio Parnaíba, Ibiapaba) e, ao que parece, também uma parte de Goiás, onde deve ceder o lugar à forma típica da espécie. No dizer de REISER, é esta entre as suas congêneres a mais abundante na região do Rio Grande (noroeste da Bahia), onde aparece na companhia de *C. cayennensis sylvestris*. O ninho encontrado em fins de maio pelo mesmo ornitólogo numa ilha do lago Parnaguá continha apenas um ovo, medindo 38 mms. de compr. por 28,5 mms. de largura.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil oriental e este-septentrional: Minas Gerais (Rio S. Francisco, *Pirapora), Bahia (Rio de Contas, *Barra do Rio Grande, Remanso, Soledade, Santa Rita do Rio Preto), Pernambuco (Quipapá, Garanhuns), Paraíba, Piauí (Ibiapaba, Corrente, Floriano, Belo Horizontê, Parnaguá),? Goiás (Rio Araguaia).

Columba maculosa Temminck

Columba maculosa TEMMINCK, 1813, Hist. Nat. Fig. et Gallin., I, pp. 113 e 450 (baseado em "Paloma cobijas manchadas" de AZARA): Paraguay.

Entre as pombas brasileiras do gênero *Columba*, é principalmente com *C. pacazuro* que o presente possui mais traços de semelhança; mas desta difere à primeira vista no colorido uniforme do pescoço, a que falta qualquer vestígio do semicolar de penas debruadas de preto, e pela presença de uma nódoa apical branca nas penas do manto e coberteiras superiores das asas.

A área de distribuição da espécie compreende, de um lado, as regiões de clima frio ou temperado da porção meridional da América do Sul, incluso o sul extremo do Brasil, e, de outro lado, sob a forma de uma raça bem diferenciada (*C. m. albipennis*), as partes montanhosas da Bolívia e do Peru, a leste dos Andes.

Columba maculosa maculosa Temminck

Columba maculosa maculosa PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 156: Uruguaiana.

Notioenas maculosa maculosa WETMORE, 1926, Bull. Un. St. Nat. Mus., N.º 133, p. 185: (Uruguay).

Dos autores que podemos consultar, IHERING & IHERING, no conhecido catálogo das "Aves do Brasil" publicado em 1907, são os primeiros a acrescentar o sul do Brasil à área geográfica desta subespécie, sob o testemunho de OUSTALET. Um ♂ adulto, colecionado posteriormente (julho de 1914) por E. GARBE em Uruguaiana e já mencionado por nós no "Catálogo das Aves do Brasil", (1.ª parte, 1938), confirmam a sua ocorrência no Rio Grande do Sul, onde provavelmente não vai muito além da zona fronteira com o Uruguai.

O colorido da plumagem, tomado o macho de Uruguaiana por modelo, é semelhante nos dous sexos e pode ser descrito como se segue: o alto da cabeça, o pescoço, o manto e todas as partes inferiores são de cor cinzento-avinhada clara, com predominância de cinza no vértice, bochechas, garganta, baixo abdome e coberteiras inferiores da cauda; a região interescapular e coberteiras superiores das asas sepio-pardacentas, com a extremidade manchada de uma nódoa subtriangular branca, de contornos mal definidos; coberteiras superiores marginais da asa cinzento-escuras, com estreito debrum terminal branco; primárias cin-

zento-escuras, anegrando-se progressivamente da base para a ponta, que é debruada distintamente de branco; dorso, uropígio e coberteiras supra-caudais cinzento-plúmbeas; rectrizes plúmbeas na base e anegradas na metade terminal. Medidas: asa 206 mms., cauda 115 mms., culmen 15 mms. O bico, nas aves mortas de fresco, é escuro; as patas vermelhas; as unhas pretas (WETMORE, 1926).

Segundo WETMORE, que sob a denominação de *Notioenas maculosa fallax* (SCHLEGEL)¹ admite a separabilidade das populações distribuídas pelo oeste e centro da Argentina, o bico é de cor escura na ave recém-abatida; a iris cinzenta, as patas vermelhas, as unhas pretas.

DISTRIBUIÇÃO: República Argentina (Patagonia, Rio Negro, Chubut, Mendoza, Buenos Ayres, Entre Rios, Córdoba, La Rioja, Catamarca, Tucumán, Salta), Uruguay (Paysandú, Lazcano, Rio Negro, Rocha, Cerro Largo, Treinta y Três), sul da Bolívia (Tarija), Paraguay e regiões fronteiriças do Brasil oeste-meridional: sudoeste de Mato Grosso² e oeste do Rio Grande do Sul (*Uruguaiana).

Columba cayennensis Bonnaterra

E' esta pomba muito fácil de reconhecer entre as suas congêneres pelo brilho acatassolado, verde-brônzeo ou purpurino, da nuca e adjacências. Em que pese o carater precário das denominações vulgares, é ela a que sob o nome típico de "picaçu", ou "pocaçu" (contração de *picui* pomba e *açu*, grande), vem mencionada nos roteiros e notícias dos velhos cronistas. Isso tem a sua explicação no fato de ser a espécie mais comum em quase toda a faixa costeira do Brasil, em muitos pontos da qual, como na Bahia (PINTO, 1935), o nome indígena é usual ainda nos dias de hoje.

HELLMAYR & CONOVER reconheceram na presente espécie nada menos de cinco raças geográficas, distribuídas ao longo de toda América tropical, desde o México, até o Paraguay e o nordeste da Argentina. Dessas, duas ocorrem em território brasileiro.

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE *COLUMBA CAYENNENSIS*

- A. Rectrizes, em toda sua extensão, cinzento-escuras (porção septentrional da América do Sul; até a margem esquerda do Rio Amazonas) *Columba cayennensis cayennensis*
- AA. Rectrizes com a parte terminal cinzento-clara, em frisante contraste com a porção restante (desde a margem direita do Amazonas até o Paraguay e o norte da Argentina) *Columba cayennensis sylvestris*

Columba cayennensis cayennensis Bonnaterra

Columba cayennensis BONNATERRE, 1792, Tabl. Enc. Méth. Orn., I, livr. 51, p. 234 (baseada em "Le Pigeon Ramier de Cayenne" de Hollande, Abregé d'Hist. Nat., II, p. 214): Cayenne.

- 1) *Chloroenas fallax* SCHLEGEL, 1873, Mus. Hist. Nat. Pays-Bas, IV, p. 80 (Rio Negro, Patagônia).
- 2) A inclusão do Estado de Mato Grosso baseia-se no testemunho de A. STEULLET & A. DEAUTIER (Obra del Cincuentenario del Museo de La Plata, tomo I, 3a. entrega, 1939, pp. 691-692), únicos autores a mencionar a ocorrência da espécie no Estado em questão. Embora nada se saiba de positivo sobre o exemplar do Museo de La Plata, é fora de dúvida que só pode provir da zona brasileira fronteiriça com o Paraguay ou a Argentina.

- Columba rufina* TEMMINCK, 1810, em TEMM. & KNIP, Les Pigeons, I, Colombes, p. 59, pl. 24: "la Guyane Française". — SCLATER & SALVIN, 1869, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Ilha Mexiana (WALLACE col.). — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI p. 287 (em parte); Pará, Ilha Mexiana. — GOELDI, 1897, Ibis, p. 160: Cunani (GOELDI col., 1895). — HAGMANN, 1907, Zool. Jahrb., XXVI, p. 41: Mexiana (HAGMANN, 1901). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. GOELDI, VIII, p. 62 (em parte): Ilha de Marajó (Pacoval, Pindobal, S. Natal), Mexiana, Faro.
- Chloroenas rufina* PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 275: Barcelos, Manáus, Forte do Rio Branco (NATTERER col.).
- Columba rufina rufina* HELLMAYR, 1912, Abhandl. math.-physik, Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 121: Ilha Mexiana (crítica). — BRODKORB, 1937, Occas. Pap. Mus. Zool. Iniv. Mich., N.º 349, p. 2: Ilha Caviana (STEEER, col., 1871).
- Columba rufina andersoni* CORY, 1915, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 294: Serra da Lua (ANDERSON col.).
- Columba cayennensis cayennensis* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 455: Serra da Lua, Óbidos, Lago Cuipeva, boca do Igarapé Piaba. — FRIEDMANN, 1948 Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 398: Santa Izabel, São Gabriel (alto Rio Negro).

Em seu sentido restrito *Columba cayennensis* apresenta,, segundo HELLMAYR & CONOVER, caracteres intermediários entre a raça central-americana denominada *C. cayennensis pallidicrissa* CHUBB e *C. c. sylvestris* VIEILLOT, forma legitimamente brasileira, que em minúcia iremos estudar dentro de pouco. O que a distingue desta última é a cor muito mais clara das rectrizes, cuja porção terminal não faz, por isso, senão contraste muito fraco com a base. Não é todavia fácil delimitar-lhe a área geográfica com base nesta diferença, já pela irregularidade da zona de transição entre as duas raças, já pela amplitude das variações individuais de certas populações de *C. c. sylvestris*. Ao que dizem os modernos autores, a distribuição de *C. c. cayennensis* no Brasil estender-se-ia dos limites com as Guianas à margem septentrional do baixo Amazonas, desde o estuário até o Rio Jamundá (GRISCOM & GREENWAY, 1941), ou mesmo o baixo Rio Negro (HELLMAYR & CONOVER, 1941). Falta-nos material para formar opinião a respeito; mas a nossa série de Itacoatiara, recusa-se a confirmar tão extensa distribuição para oeste, assemelhando-se decididamente à do Brasil meridional no que tange ao acentuado contraste entre a extremidade, desbotada, e a porção restante, enegrecida, das rectrizes.

DISTRIBUIÇÃO: Porção cisandina de leste da Colombia (Villavicencio) e do Equador (Rio Suno, Rio Napo); Venezuela (Rio Cassiquiare, Rio Orenoco, monte Roraima, Puerto Ayacucho); Guianas Inglesa (Bartica, Rio Essequibo, Rio Abary, Georgetown), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Isle le Père); Brasil oeste-septentrional, da margem esquerda do baixo Amazonas para o norte, desde o Rio Negro até o estuário: Rio Negro (Manáus, Barcelos, Santa Izabel, São Gabriel), Rio Branco (Forte do Rio Branco, Serra da Lua, Caracarai), Rio Tacutu, Rio Surumu (Frechal), norte extremo do Pará (Cunani), *Itacoatiara e adjacências (*Lago do Serpa, *Lago Canaçari), Rio Jamundá (Faro), Óbidos, Lago Guipeva, Igarapé Piava, ilhas do Delta (Marajó, Mexiana, Caviana).

***Columba cayennensis sylvestris* Vieillot**

- Columba sylvestris* VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat. nouv. édit., XXVI, p. 366 (baseada na "Paloma montés" de Azara, Apuntam., N.º 319): Paraguay.
- Columba rufina* (não de TEMMINCK) WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 301 (298 da ed. in-8vo.): Trancoso; idem, 1821, loc. cit., II, p. 341 (340 na ed. in-8vo.): Ilha Cachoeirinha (Rio Belmonte); idem, 1833, Beitrage Natur-

- ges. Bras., IV, (2), p. 453: Rio de Janeiro, Rio Mucuri, Alcobaça, Peruípe, Caravelas, Belmonte. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 59: Lagoa Santa. — ALLEN, 1876, Bull. Essex. Inst., VIII, p. 82: Romes (?), perto de Santarem. — FORBES, 1881, Ibis, p. 356: Paraíba. — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeitschr. Ges. Ornithol., II, p. 176: Taquara do Mundo Novo; RIKER & CHAPMAN, 1891, Auk, VIII, p. 162: Santarem. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 287, em parte: Itararé (NATTERER), Pelotas Chapada (H. SMITH). — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 148: Chapada (H. SMITH). — H. v. IHERING, 1899, Anuário do R. G. do Sul, XVI, p. 145: Mundo Novo; idem, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 398: São Paulo. — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, p. 19: Iguapé, "Ourinho" (= Jacarèzinho). — SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Orn., LVI, pp. 516 e 538: Ilha Goiana (Rio Tapajós), Arumateua (Rio Tocantins). — REISER, 1910, Denks. mathem.-naturwiss. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 86; "Caesarea" (= Senzala) das Cabras" (Rio Grande), Faz. Taboão (Rio Preto). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 62, em parte: Beneditos, Arumateua, I. Goiana. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 150: "Pará" (= Belém).
- Chlorooenas rufina* BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 29: Lagoa Santa. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 275, em parte: Taipas, Porto do Jacaré, Ipanema, Itararé, Tijuco, Borda do Mato, Pitanguí, Rio Borrachudo.
- Columba rufina sylvestris* HELLMAYR, 1908, Novitates Zoologicae, XV, p. 91: Goiaz (cidade); idem, 1910, loc. cit., XVII, p. 415: Humaitá (Rio Madeira); idem, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 463: Tranqueira. — CHROSTOWSKI, 1912, Compt. Rend. Soc. Scient. Varsovie, V, pp. 459 e 492: Vera Guarany (Rio Iguapé), Rio dos Índios. — REISER, 1925, Denks. math.-naturwiss. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 463: Piauí. — SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 115: Fazenda Ferreira (Rio da Areia). — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 66: Água Branca de Corumbá. — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, (2a. pte.), p. 22: Valparaízo, Três Lagoas, Sant'Ana do Paranaíba; idem, 1935, loc. cit., XIX, p. 61: Ilha de Madre de Deus, Curupeba; idem, 1937, loc. cit., XX, p. 37: Fazenda Formiga (Rio das Almas); idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 157: Primeira Cruz, Ilha de Madre de Deus, Crixás (= Pilar), Jaraguá, Iguapé, Olímpia, Valparaízo, Jacarèzinho, Miranda, Três Lagoas, Sant'Ana do Paranaíba; idem, 1941, Arquivos de Zoologia, II, p. 9: Santo Antônio, Chapada. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 134: Rio Tapajós.
- Columba cayennensis sylvestris* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Catal. Bds. Americas), pte. I, N.º 1, p. 458: Rio Acará, Vitória (Rio Xingu), Boim (Rio Tapajós, m. esq.), Caxiricatuba (id., marg. dir.), Humaitá (Rio Madeira), Canutama (Rio Purus), Rio Manacapuru, Tranqueira, Rio Grande, Faz. Taboão (Rio Preto), Macaco Seco (perto de Andaraí), Veadeiros, Faz. Caioá (Rio Paranapanema), Água Suja (pto. de Bagagem), Vacaria. — GYLDENSTOLPE, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 44: João Pessoa, Lago Grande (Rio Juruá). — PINTO, 1948, Pap. Avulsos do Dept. de Zool., VIII, p. 302: Chavantina (Rio das Mortes).

Entre os pombos selvagens autóctones é este um dos mais comuns e, por ser também o que mais se aproxima das zonas cultivadas, o único conhecido em muitas partes, pela gente do campo. A descrição que se segue é a de um ♂ adulto procedente de Porto Marcondes (Rio Paranapanema, Estado de S. Paulo): alto da cabeça avinhado na metade anterior; na posterior, do vértice à nuca, cinzento, com intenso brilho metálico verde-bronze, cambiando em violáceo; parte baixa do pescoço e porção interescapular subjacente violáceo-acinzentadas; alto do dorso e coberteiras superiores das asas avinhado-ferruginosas; dorso e supracaudais cinzento-plúmbeos; primárias plúmbeo-anegradas; rémiges terciárias pardacentas; coberteiras inferiores das asas plúmbeas; recítrizes plúmbeo-anegradas, com o quarto terminal brancocento, em contraste maior ou menor com a parte restante; mento e garganta cinza muito claro, quase branco, sem limites nítidos com as partes contíguas; lado anterior do pescoço e peito avinhados, com mescla de cinza e toques

de ferrugem; abdome cinzento-plúmbeo, esmaecendo na parte média e junto às infracaudais, plúmbeo-esbranquiçadas; bico pardo-escuro, patas vermelhas.

MEDIDAS (em milímetros)

Columba cayennensis cayennensis

	asa		cauda	
	♂	♂	♀	♀
Itacoatiara (marg. direita do Amazonas)	172	114		
Idem, idem			166	114
Lago Canaçari (marg. direita do Amazonas)	170	111		
Idem, idem			175	104

Columba cayennensis sylvestris

Lago do Batista	189	121		
Idem, idem	185	118		
Idem, idem			179	117
Rio Curuá do Sul (Pará)	179	117		
Aramaná (Rio Tapajós)	185	120		
Santarém (Rio Tapajós)			174	113
Porto Marcondes (Rio Paranapanema)	195	122		
Lins (oeste de S. Paulo)	188	110		
Idem, idem			180	112
Porto Marcondes (Rio Paranapanema)			186	111
Porto Cabral (Rio Paraná)			185	122
Rio das Almas (Goiáz)	185	115		
Rio Verde (Goiáz)			185	114
Miranda (Mato Grosso)	188	117		
Rio Aricá (Mato Grosso)	175	113		
Ilha Madre de Deus (Bahia)	180	120		
Colatina (Espírito Santo)			185	122

Os caracteres estão sujeitos a variações individuais, não somente no que respeita à dupla coloração das rectrizes, como à maior ou menor abundância de ferrugem nas coberteiras superiores das asas, etc. As fêmeas, além de um pouco menores, têm as costas e as coberteiras das asas pardacentas, com variável banho de oliva, e quase sem tons de vinho ou ferrugem.

A variação no colorido das rectrizes é muito importante do ponto de vista das relações de *C. c. sylvestris* com as raças vizinhas, e especialmente com a forma guianense. E' de admitir-se que as aves de São Paulo e sul de Mato Grosso, de nós bem conhecidas, apresentam características semelhantes às do Paraguay. Nelas é sempre evidente o contraste formado pela porção terminal branco-acinzentada das rectrizes, fora daí quase pretas. Marchando para o norte, via litorânea, este contraste vae-se atenuando com terem as rectrizes colorido geral cada vez mais claro, a ponto de exemplares da Bahia (Ilha de Madre de Deus, Recôncavo) e mesmo do Espírito Santo (Colatina) quase não se poderem diferenciar dos do Maranhão e margem direita do baixo Amazonas (Rio Tapajós); espécimes do centro de Mato Grosso (Rio Aricá) combinam também com os do nordeste, sob este particular. Já os de Lago do Batista (a leste do baixo Madeira), no trecho médio da margem meridional do Amazonas, concordam muito mais com os de São Paulo. Os da região de Itacoatiara, ao norte do Rio Amazonas, apesar das variações, aproximam-se também muito mais dos do Brasil meridional do que dos da Bahia e Rio Tapajós, parecendo autorizar assim a ampliação da área geográfica de *C. c. sylvestris* até aquele habitat septentrional.

A “pomba do ar” dos paulistas, ou “pocaçu” dos baianos, ainda costuma ser bastante frequente onde perdurem reservas grandes de mata, ou não a tenham exterminado os caçadores. Encontramo-la em numerosos bandos, há mais de três lustros, na região de Valparaízo (oeste de São Paulo) e Sant’Ana do Paranaíba (sudeste de Mato Grosso), banquetando-se nas mais altas copas, não longe do povoado. No Recôncavo da Bahia (Ilha de Madre de Deus), durante os meses de verão visitavam regularmente as quixabeiras, árvores das caatingas, que por essa época se enche de frutos maduros. GOELDI fala de sua quantidade profusa em Marajó e outras ilhas do delta Amazônico; mas o quase nada que se sabe de sua nidificação e hábitos diz bastante da ignorância ainda existente no que respeita à vida das nossas aves mais comuns.

DISTRIBUIÇÃO. Leste do Perú (La Merced, Chirimoto, Rio Ucayali, Chamicuro, Urubamba) e da Bolívia (Rio Beni, La Paz, Cochabamba, Tarija, Santa Cruz); Paraguay (Sapucay, Villa Rica, Colonia Risso, Alto Paraná, Puerto Casado, Amambai); norte da Argentina (Misiones, Tucumán, Corrientes, La Rioja, Santa Fé, Chaco, Formosa); Brasil, da margem esquerda do Rio Solimões e da direita do Rio Amazonas ao extremo sul: Rio Solimões (Manacapuru), Rio Juruá (João Pessoa), Rio Madeira (*Lago do Batista, Humaitá), Rio Tapajós (Boim, *Santarém, *Caxiricatuba, *Piquiatuba), Rio Curuá, Rio Xingú (Vitória), Rio Tocantins (Ilha Goiana, Arumateua), leste do Pará (Benevides), Estado do Maranhão (Tranqueira, *Primeira Cruz), Piauí, Paraíba, Bahia (Rio Grande, São Marcelo, Rio Preto, Macaco Seco, *Ilha de Madre de Deus, *Ilhéus, Rio Belmonte, Trancoso, Alcobaca, Peruípe, Caravelas, Rio Mucuri), Espírito Santo (Colatina), Rio de Janeiro (Porto Real), Minas Gerais (Lagoa Santa, Água Suja), São Paulo (*Iguape, *Juquiá, Itararé, Ipanema, Tijuco, Taipas, Faz. Caioá, *Rio Paranapanema, *Assiz, *Valparaízo, *Lins, *Barra do Rio Dourado, Rio Paraná, *Porto Cabral), Paraná (Jacarèzinho, Pitangui, Rio Borrachudo, Rio dos Índios, Vera Guarani, Rio Iguaçú), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Mundo Novo, Pelotas), Mato Grosso (Corumbá, *Miranda, *Três Lagoas, *Sant’Ana do Paranaíba, *Cuiabá, Chapada, *Santo Antonio, *Rio Aricá, *Rio das Mortes, Vacaria), Goiás (cid. de Goiás, *Rio das Almas, Veadeiros, *Pilar, *Rio Claro).

Gênero **OREOPELEIA** Reichenbach

Oreopeleia REICHENBECH, 1852, Av. Syst. Natur., p. XXV. Tipo, por designação original, “*Columba martinicana*” de BRISSON (= *Columba martinica* LINNÉ).

Compreende este gênero pombas de porte mediano, antes terrestres de hábitos e de aspecto semelhante aos de *Leptotila*, donde serem também correntemente chamadas “juritis”. Destas, todavia, se distinguem em caracteres importantes, dos quais a forma normal (não afilada na parte terminal) da primária externa é, talvez, de todos o mais saliente. Outras feições peculiares às espécies do grupo são a cauda arredondada, de 12 retrizes subiguais, sempre muito mais curta do que a asa; dedos, relativamente curtos (o médio, sem a unha, sempre muito mais curto do que o tarso); tarso revestido de largos escudos transversais na face anterior e de pequenas escamas hexagonais na posterior; região perióftálmica desnuda; plumagem de colorido pleno, sem manchas nem pintas (salvo, em certas espécies exóticas, uma lista escura nas bochechas), mas frequentemente lustrada de reflexos metálicos no lado superior.

Grupo exclusivamente neotrópico, abrange uma vintena de espécies distribuídas pelas regiões quentes das três Américas, desde o sul dos Estados Unidos e o México, através das Antilhas, da América Central e da Colômbia (a leste e a oeste dos Andes), e de quase toda América Meridional cisandina, até o Paraguay.

CHAVE DIAGNÓSTICA DAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE
OREOPELEIA

- ♂ ♂ — partes superiores ruivo-ametistinas, com mistura de pardo-azeitonado nas coberteiras superiores das asas; partes inferiores brancas, com o peito sombreado de cinzento-vináceo; ♀ ♀ — partes superiores pardo-bronzeadas, com o manto tingido de violeta e as supracaudais côr de cobre; primárias côr de ferrugem, passando a bronzino na parte terminal; rectrizes côr escura de cobre, lustradas de violeta; abdome e infra-caudais brancos *Oreopeleia violacea*
- ♂ ♂ — as partes superiores pardo-azeitonadas, com o píleo cinzento, lustrado de bronze no vértice e a região interescapular fortemente tingida de violeta; partes inferiores ocráceo-aleonadas, com a garganta esbranquiçada e o peito mais ou menos tingido de pardo-ametista; ♀ ♀ — partes superiores inteiramente verde-bronze, com exceção apenas da fronte, mais ou menos lavada de ferrugem; primárias pardo-bronzeadas; rectrizes côr de bronze, como o dorso; abdome e infra-caudais de colorido baio ou aleonado *Oreopeleia montana*

Oreopeleia violacea (Temm. & Knip)

Columba violacea TEMMINCK, 1810, em TEMMINCK & KNIP, Les Pigeons, I, p. 67, pl. 29: "le Nouveau Monde", local. errônea, em substituição à qual HELLMAYR & CONOVER propuseram o Rio de Janeiro.¹

Nenhuma referência a esta pomba pudemos rastrear nas notícias e crônicas sobre o Brasil antigo, ignorando-se mesmo si ela jamais recebeu, do índio ou do sertanejo, nome particular, capaz de distingui-la de sua congênera. A espécie teve a sua primeira descrição de TEMMINCK, em começos do século passado, com base num exemplar único do Museu de Paris, de incerta procedência. HELLMAYR & CONOVER (1942), de quem haurimos esses informes, aventam a possibilidade de ser ele originário do Rio de Janeiro, que porisso sugerem como localidade típica. Essa proposta fica porém naturalmente prejudicada pela reiterada sugestão anterior de PINTO², que escolhera como tal a Bahia.

Segundo o conceito de HELLMAYR (1906), nisso acompanhado pelos autores modernos, a espécie compreende duas raças geográficas, uma das quais, *Oreopeleia violacea albiventer* (LAWRENCE), limitada ao sul da América Central e norte adjacente da Colômbia.

Oreopeleia violacea violacea (Temminck & Knip).

Geotrygon violacea SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit., Mus., XXI, p. 565, parte: Bahia. — IHERING, 1894, Rev. Mus. Paul., III, p. 404: São Paulo; idem, 1900, loc. cit., IV, p. 163: Cantagalo. — LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2a. pte., p. 96: Ilhéus (GARBE).

Geotrygon violacea violacea HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 384: Sto. Antonio do Prata, Rio Jordão, Vitória; idem, 1912, Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wiss., XXVI, N.º 2, p. 97: Prata.

1) Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. 1, n.º 1, p. 606, nota 1 (1942).

2) Revista do Mus. Paulista, XIX, p. 69 (1935); id., XXII, p. 169 (1938).

Oreopeleia violacea PELZELN, 1870, Zur Orn. Bras., p. 279: Ipanema (NATTERER).

Oreopeleia violacea violacea PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 69: Serra do Palhão, Rio Jucurucu, Ilhéus; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 169: Ilhéus, Franca, Ituverava.

Oreopelia violacea violacea SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Pol. Hist. Nat., V, p. 117: Vermelho (CHROSTOWSKI).

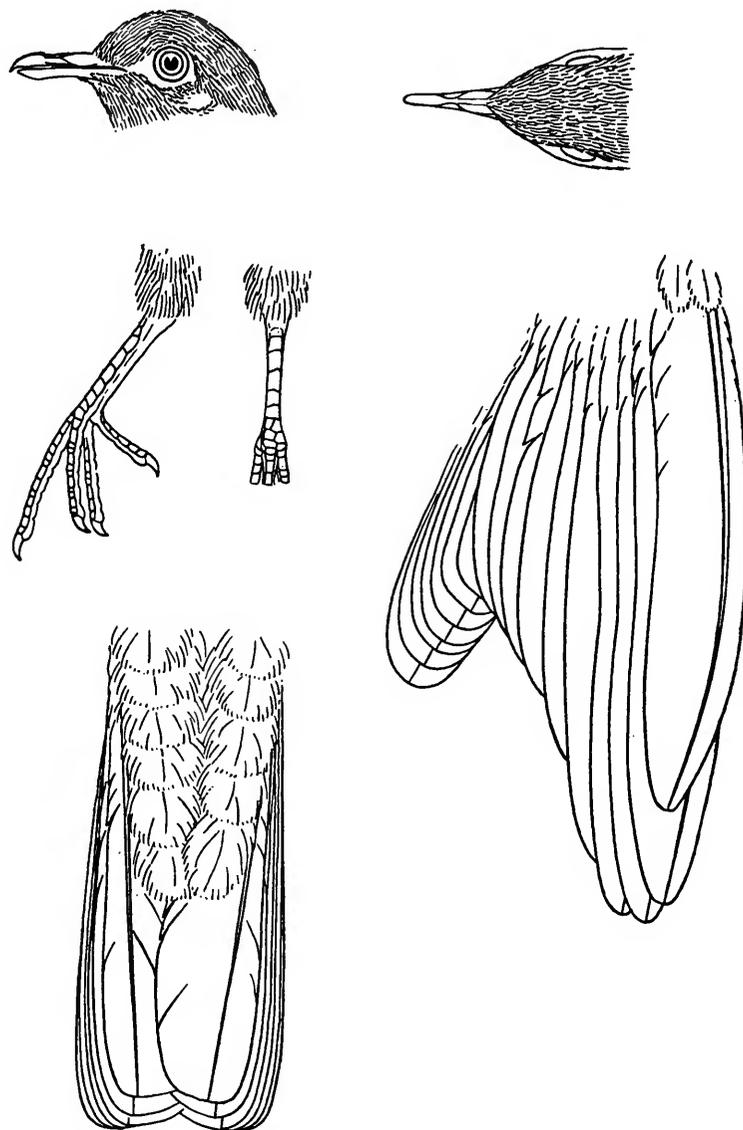


Fig. 2 — *Oreopeleia violacea violacea* (TEMM. & KINP). ♂ de Franca (São Paulo).

A descrição que se segue é a de um macho adulto coleccionado em novembro de 1932 na Serra do Palhão (próximo do Rio Gongogi, Bahia) pelo sr. WALTER GARBE.

O alto da cabeça, quase branco na frente, é na metade anterior de cor clara, tirante a cinza, com leve banho vináceo; o vértice, muito mais escuro que o resto, é fortemente lustrado de reflexos brônzeos, com cambiantes de violeta; nuca cinzento-avinhada, passando gradativamente ao violeta ametistino no manto e região interescapular; baixo dorso pardo-azeitonado, com mescla de violeta; uropígio e supracaudais violáceo-arruivados; coberteiras superiores das asas e secundárias pardo-azeitonadas, lustradas de violeta; primárias cor de canela, com a parte terminal escurecida; rectrizes violáceo-arruivadas no lado superior e acaneladas na inferior, com a ponta pardo-escura; lados da cabeça cor muito clara de cinza, lavada de vinho; mento e garganta brancos, passando a vináceo claro no peito; abdome branco, irregularmente manchado de tons creme; infracaudais brancas, com a borda externa tingida parcialmente de ferrugem; bico e patas vermelhos. Medidas: asa 149 mms; cauda 92 mms; bico 16 mms.

A fêmea equivale ao macho em tamanho, mas difere bastante na plumagem, tendo as partes superiores e as asas pardo-azeitonadas, lustradas de bronze na nuca e de ametista no manto; as primárias são pardo-escuras, com a borda externa acanelada; as supra-caudais e o lado superior das rectrizes são violáceo-acaneladas; a garganta branca, o peito pardo-acinzentado, o abdome e as infracaudais brancos.

Muito menos comum do que a sua congênera, esta pomba frequenta as matas tanto do norte, como do sul do Brasil, conforme a seguir vai pormenorizado.

DISTRIBUIÇÃO. Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, Santa Bárbara), Bolívia (Santa Cruz, Buena Vista), Brasil este-septentrional e meridional: Pará (Prata), Bahia (*Ilheus, *Serra do Palhão, Rio Jucuruçu), Espírito Santo (*Pau Gigante), Rio de Janeiro (Cantagalo, leste de Minas Gerais (*Rio Doce), São Paulo (Ipanema, *Franca, Ituverava, *Porto Cabral), Paraná (Vermelho, não longe de Guaruapuava).

Oreopeleia montana (Linné)

Columba montana LINNÉ, 1758, Syst. Nat., ed. 10, pte. 1, p. 163 (baseada em "The Mountain Partridge" de Edwards, Nat. Hist. of Birds, III, p. e pl. 119, e em SLOANE, Voyage in Jamaica, II, p. 304, pl. 261, fig. 1): Jamaica.

Com HELLMAYR & CONOVER, aceitamos o ponto de vista de BOND (*Auk*, XLIX, 1932, p. 494), para quem *Oreopeleia martinica* (LINN.), estranha ao Brasil, e a nossa "pomba cabocla" de que a seguir nos ocuparemos, são simples variedades geográficas da presente espécie.

Oreopeleia montana montana (Linné).

Columba montana WAGLER, 1827, Syst. Av., I, fol. 16, spec. 75: Paraguay, Brasil, Cayenne, Jamaica. — WIED, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, (2), p. 479: Cabo Frio, Rio Mucuri, Caravelas, Belmonte, Porto Seguro.

Geotrygon montana SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. London, p. 591: alto Rio Negro, Pará (WALLACE). — REINHARDT, 1879, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 58: Lagoa Santa. — BERLEPSCH, 1873, Journ. f. Ornith., XXI, p. 248: Blumenau. — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 178: Taquara, Arroio Grande. — CHAPMAN & RIKER, 1891, *Auk*, VIII, p. 162: Diamantina. — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 567: Rio Negro e Pará (WALLACE), Bahia (WUCHERER). — IHERING, 1889, Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo; idem, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 404: Iguape (KRONE); idem, 1900, loc. cit., IV, p. 163; Cantagalo, Nova Friburgo (EULER). — IHER. & IHERING, 1907 Cat.

Faun. Brasil., Aves, p. 25: Iguape. — GOELDI, 1903, Ibis, p. 499: Rio Capim. — HELLMAYR, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 407: Humaitá; idem, 1910, loc. cit., p. 417: Aliança, Calama; idem 1912, Abh. Math.-physik. Kl. Akad. Wiss., XXVI, N.º 2, p. 97: Rio Capim, Pará. — SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Orn., LVI, p. 22: Monte Verde; idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 68: Pará, Mocajutuba, Anindeua, Sta. Isabel, Benevides, Peixe Boi, Cametá, Rio Curuá, Boim, Óbidos.

Oreopeleia montana PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 279: Mato Dentro, Ipanema, Morungaba, Vila Bela de Mato Grosso, Borba, Manáus, Marabitanas, Pará. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila, LVIII, p. 151: Rio Guamá. — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 543: Manacapuru; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 170: Manacapuru, Óbidos, Santarém, Iguape, Ilha do Cardoso. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 139: Tauari, Óbidos, Santarém.

Oreopelia montana BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 206: Nova Friburgo. — CABANIS, 1874, Journ. f. Orn. XXII, p. 230: Cantagalo.

Oreopeleia montana montana HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 602: Utinga, Lago Cuipeua, Rio Acará, Tomé Açu, Boim, Caxiricatuba, Tauari, Labrea, Rio Manacapuru. — H. F. A. CAMARGO, 1946, Papéis Avulsos do Dept. de Zool., VII, p. 157: Boracéia. — PINTO, 1947, Arquivos de Zoologia, V, p. 337: Rio Pracupi. — FRIEDMANN, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, pág. 402: São Gabriel.

Vive esta pomba exclusivamente nas grandes matas, onde se alimenta de preferência no chão, à maneira das rolas e jurutis, donde os nomes de “Juruti vermelha” e “Juruti da mata”, por que é habitualmente conhecida entre os sertanejos. Segundo o Príncipe MAXIMILIANO, a quem parece ter escapado a existência de duas espécies no gênero, era ela conhecida entre os tupis da costa por “Parari”; mas este nome, si em algum tempo gozou de acepção mais precisa, tornou-se comum a várias pombas indígenas de aparência e hábitos mais ou menos semelhantes. GOELDI (Aves do Brasil, 1894, p. 371) refere ainda as denominações de “Pomba cabocla” e “Juruti piranga”; mas é impossível dizer se esta última, tirada evidentemente de PELZELN (*ex* NATTERER manusc.) teria curso normal entre os índios, ou se, pelo contrário, a cunharam, por analogia, os ulteriores ocupantes da terra. RICARDO KRONE, num exemplar remetido de Iguape (sul de São Paulo) para o Museu Paulista, registra o apelido de “Rola do mato grosso”, evidentemente alusivo à vida mateira da espécie.

Descrita originariamente na Jamaica, é esta pomba encontrada em quase toda América Meridional cisandina, a partir do sul do México, América Central e Grandes Antilhas, até o norte do Paraguay, inclusive a bacia Amazônica e todos os Estados do Brasil. Nesta extensa área as populações mantêm invariáveis as características da raça, que passamos a descrever, com base num macho adulto de Vila Ema (arredores da Cidade de São Paulo), colecionado em 30 de março de 1947 pelo sr. E. DENTE, auxiliar-preparador do Departamento de Zoologia: lado superior ruivo-purpúreo com a fonte ferruginosa e cambiando a pardo-azeitonado no baixo dorso, nas supracaudais e coberteiras superiores das asas; lados da cabeça e do pescoço ruivo-purpúreos, com uma faixa branco-arruivada nas bochechas; rectrizes pardo-azeitonadas, com lustro vináceo e mescla apreciável de ruivo; mento e garganta esbranquiçados, com toques de ferrugem; lado inferior do pescoço, colo, e peito pardo-arruivados, com forte banho vináceo; abdome e infracaudais ocráceo-aleonados, com mescla irregular de ferrugem; coberteiras inferiores das asas cor intensa de ferrugem e rectrizes cor de canela, escurecidas na parte terminal. O bico e as patas vermelhos, muito descolorados pela dessecação. Medidas: asas 136 mms; cauda 85 mms; culmen (abstraida a porção basal, plumada) 13 mms.

De exemplar a exemplar essas características experimentam largas variações, ora pela grande predominância do brilho purpúreo, especialmente no pescoço e região interescapular, ora pela maior ou menor abundância dos tons de ferrugens no abdome.

As fêmeas diferem à primeira vista dos machos, com terem as partes superiores inteiramente pardo-oliváceas e, como também as partes inferiores, sem qualquer vestígio de vinho ou púrpura: a parte anterior do píleo é tingida de ferrugem, o peito pardo-arruivado, e o abdome branco-aleonado claro.

DISTRIBUIÇÃO. Flórida (acidental), sul do México (Vera Cruz etc.), Grandes Antilhas (Cuba, Jamaica, São Domingos, Porto Rico, São Thomas etc.), América Central (Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá), Colômbia (Puerto Valdivia, Florencia, Bonda), Venezuela (Merida, Rio Cassiquiare, Cerro Yapacana), Trinidad, Guianas, Ecuador (Sarayacu, Zamora, Rio Peripa), Peru (Yurimaguas, Marcapta, Rio Ucayali, Chamicuros), Bolívia (Tiloñilo), norte do Paraguai (Alto Paraná) e quase todo Brasil: Rio Negro (São Gabriel), Rio Solimões (*Manacapuru) e baixo Amazonas (*Igarapé Anibá, *Rio Atabani, *Lago do Serpa, *Itacoatiara, *Óbidos), Rio Juruá (*João Pessoa) e Rio Eiru (*Sta. Cruz), Rio Purus (Monte Verde), Rio Madeira (Humaitá, Aliança, Calama), Rio Tapajós (*Santarém, *Caxiricatuba, Boim, *Rio Arapiuns), Rio Curuá, *Rio Pracupi, Rio Tocantins (Cامتá), leste do Pará (Rio Capim, Benevides, Peixe Boi, Sta. Isabel), Bahia (Caravelas, Belmonte, Porto Seguro, Rio Mucuri), Espírito Santo (*Pau Gigante), Rio de Janeiro (Cabo Frio, Cantagalo, *Distrito Federal), Minas Gerais (Lagoa Santa), São Paulo (*Iguape, *Cananéia, *Vila Ema, *Rio Juquiá), Sta. Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Arroio Grande).

O ninho observado por GOELDI na serra dos Orgãos, durante o mês de setembro, "era antes uma depressão primitiva entre um punhado de folhas finas de árvores e taquaras" ficava a cerca de um metro do chão, e continha dois borrachos, ainda, cegos e seminus.

Gênero SCARDAFELLA Bonaparte

Scardafella BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, N.º 1, p. 24: Tipo, por designação original, *Columba squamosa* TEMMINCK (= *Columba squammata* LESSON).

O desenho escamoso da plumagem, resultante da orla semilunar preta que enfeita cada pena, é atributo comum e saliente de todos os colúmbidas deste grupo neotrópico, também dos vulgarmente conhecidos pelo nome de rolas. A cauda, de comprimento pelo menos igual ao da asa, é constituída de 12 rectrizes sub-iguais e de ponta extensivamente branca nos pares laterais.

Scardafella squammata (LESSON), que é das duas espécies do gênero a única representada na América do Sul, distingue-se de *S. inca* (LESSON), sua similar norte-americana, pelo tamanho maior, cor denegrida (em vez de acanelada) da barba externa das rêmiges primárias, coberteiras superiores do bordo da asa largamente tingidas de branco e desenho escamoso muito mais nítido em todas as partes da plumagem, e interessando nas partes inferiores também o peito (quase imaculado em *inca*).

Scardafella squammata (Lesson)

Columba squammata LESSON, 1831, *Traité d'Ornithologie*, livr. 6, p. 474 — baseada em *Columba squamosa* TEMMINCK & KNIP, 1810 (não BONNATERRE, 1792), *Les Pigeons*, vol. I, p. 59: Bahia.

Distinguem-se nesta espécie duas raças geográficas, uma das quais (*S. s. ridgwayi* RICHMOND) está confinada à região costeira da Colômbia

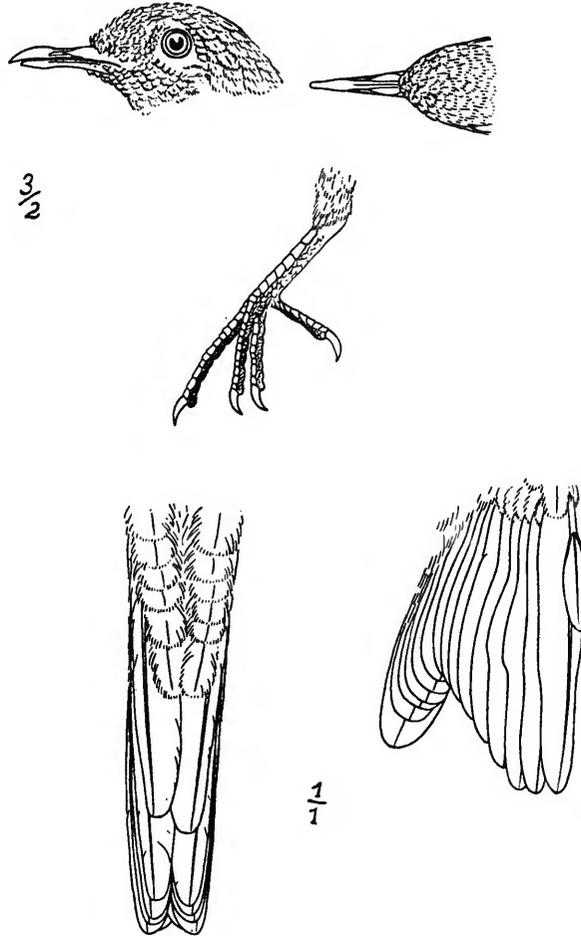


Fig. 3 — *Scardafella squammata squammata* (LESSON). ♀ de Caipe (Bahia).

bia e da Venezuela e consta diferir da brasileira apenas pela maior largura do debrum das penas, pescoço e alto do peito ordinariamente mais intensamente lavados de vinho, bico algo mais grosso e em geral mais longo (HELLMAYR).

Scardafella squammata squammata (Lesson).

Columba squamosa (não de BONNATERRE, 1792), TEMMINCK, 1813, *Hist. Nat. des Pigeons et des Gallinacées*, I, pp. 336 e 484: Bahia. — WIED, 1821, *Reise nach Brasilien*, II, pp. 160 e 232: Barra da Vareda (Rio Pardo, nos confins da Bahia e Minas Gerais) e Poções (perto de Conquista); idem, 1883, *Beitr. Naturges. Bras.*, IV, (2), p. 469: Sertão da Bahia e Minas.

- Columba squamosa* BURMEISTER, 1856, Syst. Uebersicht Thiere Brasiliens, III p. 298: Fazenda das Carrancas (a sudoeste de Lagoa Santa). — REINHARDT, 1870, Videnks. Medd. Naturhist. Foren., 1870, p. 55: Franca (LUND), Paracatu, Rio São Francisco, Curvelo, Fazenda das Carrancas, Sete Legoas, Taboleiro Grande.
- Scardafella squamosa* BONAPARTE, 1854, (= 1857), Conspect. Gen. Av., II, p. 85: Brasil. — PELZELN, 1870, Zur. Ornith Brasil., III, p. 277: Irisanga (= Orissanga), Sítio do Baú, Fazenda José Dias (NATTERER col.), Minas Gerais (SCHÜCH). — FORBES, 1881, The Ibis, p. 356: Paraíba e Pernambuco (entre Macuco e Garanhuns). — SALVADORI, 1893, Catal. Birds of Brit. Mus., XXI, p. 464, em parte: Bahia (WUCHERER), José Dias (NATTERER), Pernambuco (FORBES). — IHERING, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 400: São Paulo. — NICOLL, 1904, The Ibis, p. 40: Bahia. — REISER, 1910, Denks. math-naturwiss. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 87: Joazeiro, Serra de Soledade; idem, 1925, loc. cit., p. 190: Fazenda da Serra (no Rio Grande, Bahia). — SNETHLAGE, Bol. Mus. Nacional, II N.º 6, pp. 48 e 68: Ceará e Maranhão (São Bento).
- Scardafella brasiliensis* SZTOLCMANN, 1826, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 117: Invernadinha.
- Scardafella ridgwayi brasiliensis* BEEBE, 1907, Zoologia, I, N.º 1, p. 21, fig. 5, c: costa norte do Brasil. — RIDGWAY, 1916, Bull. Un. St. Nat. Museum, I, pte. VII, p. 389 (em chave): Brasil.
- Scardafella squammata squammata* HELLMAYR, 1908, Novitates Zoologicae, XV, p. 92: cid. de Goiaz, Bahia e Rio Jordão (ROBERT); idem, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 465: Filadélfia (no Rio Tocantins), Cocos (perto de Codó), São Francisco (no alto Parnaíba), Ibiapaba, Deserto, Arara, Quixadá, Juá (perto de Igatu). — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 68: Piraputanga. — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., pp. 106, 711 e 801: Sant'Ana do Paranaíba e Porto Tibiriçá (Rio Paraná); idem, 1935, loc. cit., XIX, p. 63: Ilha de Madre de Deus, Caipe, Cidade de Barra; idem., 1936, loc. cit., XX, p. 38: Rio das Almas; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 160: Boa Vista, Bonfim, Cid. de Barra, Ilha de Madre de Deus, Caipe, Rio Pandeiro, Cana Brava, Jaraguá (= Rio das Almas), Caconde, S. José do Rio Pardo, Jaboticabal, Rincão, Bauru, Capivari, Presid. Epitácio, Porto Tibiriçá, Rio Pardo. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Museum Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 050: Macaco Seco (pto. de Andaraí), São Marcelo, Joazeiro, Soledade, Lamarão, Quixadá, Juá, São Francisco (alto Parnaíba), Cocos (pto. de Codó), Ibiapaba, Deserto, Arara, Rios das Velhas, Rio Jordão, Água Suja, Orissanga (col. NATTERER), Invernadinha, Faz. Morungaba, Goiaz, Filadélfia (Rio Tocantins), Cavalcante, Veadeiros, Piraputanga. — PINTO, 1943, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, III, pp. 273 e 282: Ilha de Madre de Deus e Caipe. — BERLA, 1946, Bol. Mus. Nacional, Nov. Ser., Zoologia, N.º 65, p. 2: Recife. — PINTO & CAMARGO, 1948, Papéis Avulsos do Dept. de Zool., VIII, p. 302: Rio das Mortes (H. SICK col.).

Entre as rolas, como são vulgarmente os pombos menores, esta logo se reconhece, não só pelo elegante desenho escamoso da plumagem, que é ornada de riscos transversais semilunares escuros, sobre fundo cinzento muito claro, como ainda pela voz característica, muito bem representada na onomatopéia “fogo-apagou”, pela qual é em toda parte conhecida. O nome de “rola cascavel”, conquanto incluído pela generalidade dos autores na sinonímia vulgar da espécie, e alusivo ao ruído peculiar de chocalho ou guiso, que ela produz ao levantar vôo, é de uso muito pouco comum, não nos ocorrendo tê-lo ouvido alguma vez dos habitantes do interior. Graças a MARCGRAVE, sabemos que entre os índios da costa nordestina ela era chamada “picui-pinima”, que quer dizer rola pintada¹.

Descrevê-la-emos com base num macho adulto por nós próprio coligido na Bahia (Ilha de Madre de Deus), pátria típica da espécie: partes superiores de colorido fundamental cinzento-pardo, mais claro no

1) — “Picui-piuna”, registrado por E. GOELDI (Aves do Brasil, p. 380), não passa, com toda probabilidade, de lapso do autor, ou simples erro tipográfico.

alto da cabeça do que no dorso, com todas as penas orladas de debrum semilunar preto, dando ao conjunto aspecto escamoso característico; coberteiras superiores externas das asas quase inteiramente brancas, debruadas de preto na ponta; mento e garganta brancos, com discos transversais semilunares pouco distintos; partes inferiores restantes brancas, com as penas oureladas de forte debrum semilunar escuro e tingidas de leve banho vináceo no peito e nos lados do pescoço; subcaudais brancas, com a ponta debruada de preto; rêmiges primárias pardo-escuras, com o lado superior do pogônio externo denegrido e os dois terços basais do pogônio interno cor intensa de canela; coberteiras inferiores das asas pretas, ou cor de canela em maior ou menor extensão; rectrizes centrais cinzentas no lado superior e anegradas no inferior e na ponta; as do segundo par inteiramente pretas, com a base cinzenta; as do terceiro semelhantes às do segundo par, com uma estreita mancha apical branca; as do quarto, quinto e sexto par pretas, respectivamente com o quarto, o terço e a metade terminais brancos; bico pardo-escuro, mais claro na base; patas cor de rosa clara. Medidas: asa 96 mms.; cauda 98 mms.; bico (culmen) 18 mms.

Há muito pouca variação entre os indivíduos das várias populações, que podem diferir na quantidade mais ou menos apreciável de vináceo no peito, na largura dos debruns semilunares, ou na extensão do branco nas rectrizes. Entre estas variações só as do último caso assumem em certas populações constância capaz de lhes emprestar sentido zoogeográfico. O branco nas rectrizes atinge o seu máximo nas aves do Recôncavo da baía de Todos os Santos, não só porque abrange maior extensão da pena nos três pares externos, como ainda se acha sempre presente nas do terceiro par, onde não raro ocupa apreciável porção do trecho terminal. Nas aves do interior de São Paulo, pelo contrário, as rectrizes externas são brancas em menor extensão, as do terceiro par sendo inteiramente pretas ou apenas manchadas de branco na orla terminal.

A fogo-apagou que já ocorre no norte do Paraguay, frequenta as zonas secas e descampadas do planalto e do nordeste brasileiros, estendendo-se ao sul até o interior de São Paulo e o norte do Paraná. Na porção mais septentrional de sua área de dispersão chega até a costa, sendo, por exemplo, na Bahia, comuníssima em toda a orla do Recôncavo, onde vive em boa vinzinhança com as duas rolinhas comuns do gênero *Chaemepelia*. Aos casais, ou em pequenos bandos, é vista a qualquer hora do dia, catando no solo pedregoso e seco as sementinhas de que se sustenta. Não obstante, temos muito poucas informações sobre os seus hábitos, e particularmente sobre a sua reprodução em vida livre. Segundo o príncipe NEUWIED, o ninho feito de gravetos como na generalidade dos pombos, fica na espessura de arbustos copados e contém dois ovos brancos. Tolera bem o cativeiro posto que os dois sexos estejam representados, reproduzindo-se até às vezes nesta condição.

DISTRIBUIÇÃO: Norte do Paraguay (Vila Rica, Horqueta, Cerro Amambay, Nueva Germania, colinas do Apa)¹ e regiões descobertas do Brasil central e oriental: Maranhão (*Boa Vista, São Bento, Cocos, São Francisco), Piauí (Ibiapaba, Deserto, Arara), Ceará (Quixadá, Juá), Pernambuco (Recife, próx. de Macuco), Bahia (Joazeiro, Soledade, *Barra do Rio Grande, *Bonfim, *Ilha de Madre de Deus, *Caípe, Macaco Seco, Poções, Barra da Vareda), Minas Gerais (Curvelo, Paracatu, Sete Lagoas, Taboleiro Grande, *Rio Pandeiro, Rio Jordão, Água

1) — Cf. ALFR. LAUBMANN, Anz. Orn. Gesells. Bay., II, p. 389 (1933).

Suja), centro e oeste de São Paulo (Orissanga, *Capivarí, *São José do Rio Pardo, *Monte Alegre, *Caconde, *Jaboticabal, *Rincão, *Lins, *Assiz, *Lucélia, *Botucatu, *Bauru, *Porto Marcondes, *Presidente Epitácio, *Porto Tibiriçá), Paraná (Invernadinha, Faz. Murungaba), Goiás (*Rio Claro, Goiás, *Nova Roma, *Jaraguá, *Rio das Almas, Veadeiros, Cavalcante, Filadélfia), sul de Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, Piraputanga, *Corumbá, *Salobra, *Rio das Mortes, Vacaria).

Gênero UROPELIA Bonaparte

Uropelia BONAPARTE, 1855, Comp. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, N.º 1, p. 24. Tipo, por monotipia *Columbina campestris* SPIX.

As rolas de que agora nos iremos ocupar são ainda mais rabilongas do que as do gênero *Scardafella*, e destas à primeira vista se distinguem: pela plumagem imaculada (sem manchas semilunares), parda em cima e quase branca nas partes inferiores; pela presença de um espelho metálico nas coberteiras superiores das asas, e ainda pela muito mais forte diferença de comprimento das rectrizes, cujo tamanho é aproximadamente o mesmo nos três pares centrais, e depois diminui gradativamente nos três pares laterais, de modo que as externas têm apenas cerca de dois terços de comprimento das centrais.

Compõe-se este gênero de uma única espécie, aparentemente insusceptível, ela própria, de divisão em raças geográficas.

Uropelia campestris (Spix)

- Columbina campestris* SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57, pl. 75, fig. 2: "in campis Bahiae" (cf. HELLMAYR, 1906, Abhandl. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 697). — REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss., LXXXVI, p. 87: Santa Filomena, Lagoa do Saco; idem, 1924, loc. cit., p. 192: Piauí.
- Columba venusta* TEMMINCK, 1825, Nouv. Rec. Pl. Color., livraison 57, pl. 341, fig. 1: "dans la province de Goyas" (AUGUSTE ST. HILAIRE col.).
- Columbula campestris* BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Thiere Brasil., III, p. 299: "in Innern Brasiliens, auf dem Camposgebiet". — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 54: Paracatu (LUND). — PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 276: Rio Uruú, Bacalhau, Estrela, Cuiabá (NATTERER). — SCLATER & SALVIN, 1878, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 141: "Arare" (= Arari, na Ilha de Marajó). — ALLEN, 1893, Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Cachoeira (H. SMITH).
- Uropelia campestris* BONAPARTE, 1857, Comp. Gen. Av., II, p. 85: Minas Gerais. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds. of Brit. Mus., XXI, p. 489: Rio Uruú (NATTERER), Chapada (H. SMITH). — GOELDI, 1897, Ibis, p. 164: Lagoa do Amapá. — HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 93: Rio Tesouras, Goiás; idem, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 469: Cocos (pto. de Codó), Filadélfia (baixo Tocantins). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 66: Pacoval, Pindobal, Rio Arari, São Natal (na Ilha de Marajó); idem, 1926, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, II, p. 48: Ceará. — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 69: Tapirapoá. — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVI, p. 377: Descalvados. — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 164: Pirapora, Rio das Almas, Coxim; idem, 1938, Boletim Biológico, Nov. Ser., III, p. 103: Rio das Mortes e Rio Cristalino (W. GARBE col.); idem, 1941, Arquivos de Zoologia do Est. de S. Paulo, II, p. 9: Cuiabá. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 551: campos de Marajó, Arari, Codó, Filadélfia, Cuiabá, Cambará, São Marcelo etc. (material revisto). — PINTO & CAMARGO, 1943, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, VIII, p. 303: Chavantina, (Rio das Mortes, DR. H. SICK col.). — PINTO, 1949, Bol. Mus. Goeldi, X, p. 346: Cuiabá, Rio Aricá.

Uropelia campestris figginsi OBERHOLSER, 1931, Proc. Colo. Mus. Nat. Hist., X, p. 24: Descalvados.

Uropelia campestris campestris PINTO, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 39: Fazenda Formiga (Rios das Almas).

À falta de espécimes topotípicos, baseia-se a seguinte descrição num ♂ adulto por nós próprio coligido no Rio das Almas, umas dez léguas a nordeste da cidade de Jaraguá (sul de Goiaz): a metade ante-

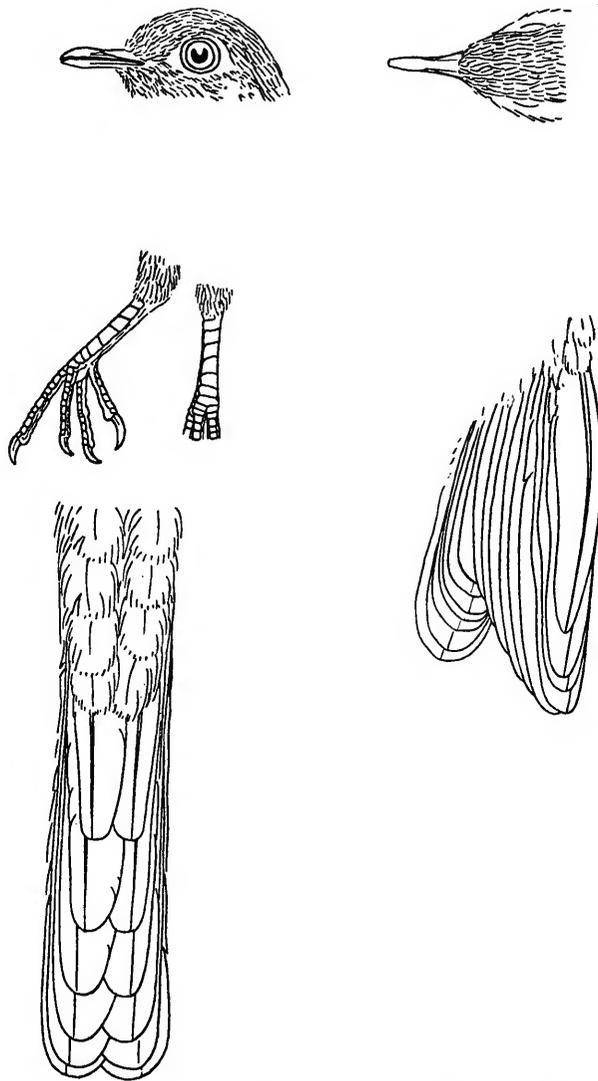


Fig. 4 — *Uropelia campestris* (SPIX). ♂ de Pirapora (Rio São Francisco, Estado de Minas Gerais).

rior do píleo, desde a base ao bico até próximo ao vértice, é cinzento-plúmbea, contrastando com o resto das partes superiores pardo-azeitoadas, mais carregadas no dorso anterior e na região occipital do que no pescoço e nas coberteiras superiores das asas; os lados da cabeça, acinzentados à volta dos olhos e pardos na região auricular, passam

insensivelmente ao cinzento-vináceo em direção à garganta, cuja porção central é mais clara, como também o mento; lados do pescoço, colo e porção adjacente do peito branco-avinhados, sombreados levemente de cinza; abdome branco, tingido de pardo-cinzento claro nos flancos; infracaudais brancas, sem mancha; grandes coberteiras superiores das asas, algumas delas com a barba externa caracteristicamente manchada no trecho médio de larga nódoa metálica violeta, a que se seguem, antes da ponta pardo-olivácea, uma estreita faixa transversal negra e outra branca; rémiges terciárias, algumas com intensa nódoa subterminal negra, lustrada de azul ferrete, na barba externa; primárias pardo-oliváceas, passando a branco na metade basal; coberteiras subalares pretas; rectrices pardo-escuras, quase pretas na página inferior, as dos três ou quatro pares laterais terminadas obliquamente em branco; bico pardo-escuro e patas amarelas. Medidas: asa 69 mms.; cauda 81 mms.; culmen 10 mms. Na ave viva o rebordo palpebral é amarelo e a iris azul.

A área de distribuição desta rola se estende a partir do leste da Bolívia (Santa Cruz) pelos campos descobertos do interior seco do Brasil, coincidindo em parte com a de *Scardafella squammata squammata*, cujo habitat e regime são muito semelhantes; mas é consideravelmente mais restrita do que a desta última, que não só se estende muito mais para o sul, como abrange no nordeste brasileiro larga faixa litorânea, onde *Uropelia campestris* é desconhecida. No Estado de Mato Grosso as duas espécies possuem cada qual o seu domínio geográfico, excluindo-se mutuamente em quase toda parte; em Goiás e no interior do Piauí, pelo contrário, apresentam larga zona de distribuição praticamente comum.

Ficou-nos lembrança viva da ocasião em que pela primeira vez a encontramos em estado de liberdade, ao percorrermos às primeiras horas da manhã o chapadão cortado pelo Rio das Almas, no sul de Goiás. Em grupos de uma meia dúzia de indivíduos, catavam no chão as pequenas sementes de que se sustentam, escolhendo de preferência as trilhas despidas de qualquer vegetação. Nada de particular parece ter sido observado sobre os seus hábitos, inclusive a nidificação.

Segundo HELLMAYR & CONOVER, os caracteres se mantêm constantes em todas as populações da espécie, desaparecendo em face de séries adequadas as diferenças que conduziram à separação das aves de Mato Grosso como *Uropelia campestris figginsi* OBERHOLSER.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Bolívia (Santa Cruz) e zonas do campo do centro e norte do Brasil: norte e centro de Mato Grosso (Tapirapõã, *Cuiabá, *Santo Antônio, *Barra do Rio Aricá, Cachoeira, Cambará, *Coxim, *Rio das Mortes, *Rio Cristalino), Goiás (Rio Uruú, Rio Tessoras, Bacalhau, Estrela, *Rio das Almas, Filadélfia), oeste de Minas Gerais (Paracatu, *Pirapora) e da Bahia (São Marcelo do Rio Preto), sul do Ceará e do Piauí (Santa Filomena, Lagoa do Saco), Maranhão (Cocos), Ilha do Marajó (Arari, Pacoval, Pindobal), norte do Pará (Amapá).

Gênero COLUMBINA Spix

Columbina SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57. Tipo, designado por GRAY (1841), *Columbina strepitans* SPIX.

Nas rôlas deste gênero a cauda é mais curta do que a asa e de 12 rectrices; destas só as externas são decididamente mais curtas do que as dos pares restantes e, como também as do par vizinho, completamente brancas; as centrais, e não raro também as subcentrais, são cinzen-

tc-pardas até a extremidade; as dos pares intermédios seguintes são brancas, com a base e a margem externa escurecidas, em extensão variável, mas sempre decrescente das mais centrais para as laterais. No lado externo das asas, que são eutáxicas (5.^a rêmige secundária presente), alinham-se várias coberteiras com a ponta azul-negra, formando um espelho transversal e oblíquo.

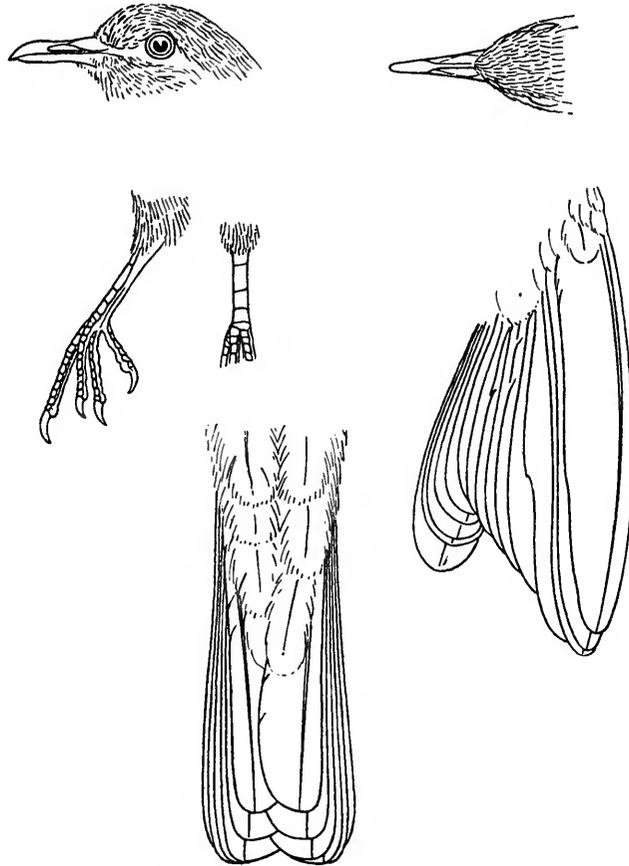


Fig. 5 — *Columbina picui picui* (TEMMINCK). ♀ de Aquidauana (Mato Grosso).

A espécie única ocorre em quase toda a porção da América Meridional situada ao sul e a leste da bacia Amazônica, e também, a oeste dos Andes, na região central do Chile.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES E SUBESPÉCIES DO GÊNERO *COLUMBINA* SPIX

- a. Tamanho médio maior (machos adultos com 90 a 94 mms. de asa); colorido geral mais carregado; as partes superiores, inclusive as rectrizes centrais, são pardo-acinzentadas, uniformes, ou quando muito com mistura ténue de tons ardoziados no alto da cabeça (Argentina, Paraguay, Brasil meridional e ocidental) *C. picui picui*

- aa. Tamanho pouco inferior (machos com menos de 90 mms. de asa); colorido geral mais desbotado; as partes superiores são de colorido cinzento claro passando ordinariamente a ardosiado ou plúmbeo na região interescapular e no alto da cabeça (norteste do Brasil) *C. picui strepitans*

Columbina picui (Temminck)

Columba picui TEMMINCK, 1813, Hist. Nat. Fig. Gallin., I, ps. 435 e 498 (baseada em "Paloma Picui" de AZARA, Apunt., N.º 324): Paraguay.

E' esta uma das muitas aves sul-americanas cuja primeira descrição se deve a FELIX AZARA, que escrevendo nos primeiros anos do século passado nos disse ser ela "muito comum no Paraguay e nas regiões banhadas pelo Rio da Prata". Não muitos anos depois, a espécie foi encontrada no nordeste do Brasil por SPIX, que a batisou com o nome de *Columbina strepitans*. Todavia, como as populações a que respectivamente correspondem as descrições de AZARA e de SPIX apresentem algumas diferenças apreciáveis, razão existe para serem separadas como subespécies, sob os nomes que os direitos de prioridade conferem a cada qual.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos. (Col. do Dept. de Zoologia)	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	bico	asa	cauda	bico
Columbina picui picui						
60, La Plata (Argentina)	92	78	12			
9.105, Itaquí (Rio G. do Sul)	94	82	12			
30.117, Corumbá (Mato Grosso)	88	73	13			
30.119, (idem, idem)	91	80	12			
30.121, (idem, idem)	87	78	13			
10.090, (idem, idem)				91	81½	13
30.120, (idem, idem)				86	72	12
18.319, Salobra (idem)	93	82	13			
12.416, Miranda (idem)	89	78	14			
12.334, (idem, idem)				91	80	13
12.597, Aquidauana (idem)				85	72	13
17.110, Cuiabá (idem)	93	84	13			
17.111, (idem, idem)	89	78	13			
30.122, (idem, idem)	86	77	13			
30.118, (idem, idem)				92	76	13
30.123, (idem, idem)				90	75	13
Columbina picui strepitans						
7.373, Bonfim (Bahia)				88	79	13
7.378, Joazeiro (idem)	90	80	14			
7.376, (idem, idem)	87	74	12			
7.375, (idem, idem)				89	76	14

Columbina picui picui (Temminck)

*Columbula*¹ *picui* BURMEISTER, 1856, Uebers. Thiere Brasil., III, p. 300: Brasil meridional, Montevideo, Paraguay. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 276: São Paulo (Apiá, perto do Rio Paranapanema), Mato Grosso (Cuiabá, Vila Maria, Caiçara). — J. A. ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada (perto de Cuiabá, col. H. SMITH). — IHERING, 1899, Anuário do Est. do Rio Grande do Sul, XVI, p. 146: Rio Grande do Sul (Mundo Novo, Rio Grande, Pedras Brancas); idem, 1902, Rev. Mus. Paul., V, p. 284: São Paulo

1) *Columbula* BONAPARTE, 1855 Compt. Rend. Acad. Sci. Paris. XL, p. 22 — nome novo

(Iguape). — HELLMAYR, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 408: Amazonas (Humaitá, no alto Maceira). — MÉNÉGAUX, 1917, Rev. Franç. d'Orn., p. 25: São Luiz de Cáceres (antiga Vila Maria).

Columbina picui picui PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.^a parte, p. 711 — Mato Grosso (Aquidauana). — PINTO, 1940, Arquivos de Zoologia, II, p. 9: Mato Grosso (Cuiabá, Santo Antonio). — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXV, p. 377: Mato Grosso (Descalvados).

Para descrever os caracteres desta raça servir-nos-emos de um ♂ adulto (N.º 30.121 da col. do Dep. de Zoologia) procedente de Corumbá: alto da cabeça cor cinzento-plúmbea clara (com algumas penas pardas da plumagem juvenil de permeio), exceção feita da porção anterior brancacenta e levemente tocada de vinho; dorso pardo, levemente arruivado; coberteiras superiores da cauda muito mais claras do que o dorso, passando ao cinzento claro; mento e meio da garganta brancos, passando a claro cinzento-avinhado nos lados da cabeça, peito e porção alta do abdome; baixo abdome mais claro do que o peito, passando gradativamente a branco quase puro nas coberteiras infracaudais; coberteiras superiores das asas um pouco mais claras do que o dorso, as medianas com a ponta manchada de azul-negro, de modo a formar um espelho transversal oblíquo muito distinto; as externas marginadas de branco; primárias escuras, quase pretas as mais externas com a margem de fora distintamente tingida de canela claro; secundárias escuras, com a barba interna debruada de branco; terciárias da cor do dorso, com a barba interna largamente tingida de preto junto à borda; rectrizes centrais cinzento-ardosiado claro; rectrizes do segundo par cinzento-ardosiadas, com a porção terminal quase branca; as do terceiro, quarto e quinto pares brancas, com a porção basal cinzenta e a barba externa escurecida até próximo à ponta; rectrizes do sexto par inteiramente brancas, como as infracaudais imediatamente superjacentes; coberteiras inferiores das asas negras, como também as do bordo da asa. O bico é pardo-escuro e as patas, agora desbotadas, deviam ser róseas no animal vivo. Medidas: asa 87 mms. cauda 78 mms. culmen 13 mms.

As variações observadas nos caracteres acima descritos são muito pequenas nos ♂ ♂ tanto do sul de Mato Grosso, como da região de Cuiabá. Elas residem: na tonalidade do dorso, ora mais cinzenta, ora mais pardo-arruivada; na cor do píleo, mais intensamente plúmbeo em alguns exemplares do que noutros; no rebordo externo das primárias, às vezes escuro como o resto da pena etc.. As ♀ ♀ se distinguem principalmente pela ausência de banho vináceo no peito e a falta de cinzento no píleo, que é pardo. São também, em regra, um pouco menores.

Colecionamos esta pombinha em Cuiabá, junto às margens do rio homônimo; mas não temos nenhuma nota sobre seus hábitos, semelhantes aliás aos das outras rolas. WETMORE, que a encontrou em todos os lugares do Paraguay, Uruguay e República Argentina por onde viajou, conta-nos que “a espécie é social e decididamente gregária onde quer que haja alimentação em abundância”. Apareciam geralmente em grupos de uma meia dúzia de indivíduos, não sendo raros os bandos de 25 ou 30. Segundo ainda o mesmo autor, frequentam a beira das moitas de vegetação, como também os campos descobertos, afastando-se raramente dos pontos onde hajam árvores em que se abriguem e mostrando atração particular pelo chão arado de fresco. Aparece também nos centros habitados, sem exceptuar as ruas e praças de grandes cidades como Buenos Aires, onde teve ocasião de observá-la o sagaz ob-

servador de cujo livro¹ estamos tirando estes apontamentos. Faz ninho nos primeiros meses do ano, de gravetos e palha, a cerca de dois metros do chão, à beira das moitas, entre garranchos. Põe dois ovos, brancos, e de mais ou menos 23 mms. de diâmetro longitudinal.

DISTRIBUIÇÃO: República Argentina (Tucumán, Jujuy, Mendoza, Buenos Aires, Santa Fé, Córdoba, Rio Negro, Entre Rios, Formosa), Chile (Valparaizo, Santiago), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Paysandú), Paraguay (Chaco, Vila Rica, Sapucay, Alto Paraná, Rio Pilcomayo, Rio Apa), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Cochabamba, La Paz, Chuquisaca) e zonas descampadas do Brasil oeste-meridional, com ocorrências na Amazônia (alto Madeira) e oriental: Mato Grosso (*Corumbá, *Salobra, *Miranda, *Aquidauana, Descalvados, *Cuiabá, São Luiz de Cáceres, Rio Guaporé), Rio Grande do Sul (Itaqui, Mundo Novo, Pedras Brancas), sul de São Paulo (Iguape, Apiaí).

Columbina picui strepitans Spix

Columbina strepitans SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57, pl. 75, fig. 1: campos do Piauí. — REISER, 1910, Denks. mathem.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 87: Bahia (Joazeiro, Soledade), Piauí (Lago Parnaguá, Pedrinha).

Columbula picui (não *Columba picui* TEMMINCK) SALVADORI, 1893, Catal. Birds. Brit. Mus., XXI, p. 470, em parte: Ceará. — SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, II, p. 48: Ceará.

Columbina picui strepitans HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 466: Piauí (Arara, Ibiapaba), Ceará (Varzea Formosa, Quixadá). — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 162: Bahia (Joazeiro, Bonfim, Cidade da Barra).

Difere esta subespécie da precedente pelo colorido geral mais claro, mais desbotado, especialmente nas partes superiores. Suas características podem ser assim descritas, um ♂ adulto de Joazeiro tomado por tipo: o dorso, a porção adjacente das asas e as rectrizes centrais, são pardo-acinzentadas claras, com fraca mistura de pardo; o manto, cinzento-azulado ou plúmbeo, faz visível contraste com o dorso e continua-se sem limite preciso com o alto da cabeça, mais ou menos tingido de pardo; a borda externa das terciárias e coberteiras superiores vizinhas é de um branco puro, em intenso contraste com as primárias, pretas e sem nenhum rebordo arruivado distinto. No lado inferior o abdome e as infracaudais são alvos, como raros tons de creme; o peito é de cor levemente avinhada, quase sem mistura de cinza. Como se infere da nossa tabela de medidas, nas aves nordestinas o porte parece um pouco inferior, em média, ao das de Mato Grosso.

Como vimos, pertencem a esta forma as populações de *Columbina picui* distribuídas pelo interior dos Estados este-septentrionais do Brasil, desde as margens do Rio São Francisco no Estado da Bahia, até o sul do Maranhão, o Piauí e o Ceará. Não há registros de sua presença no oeste de Pernambuco, onde todavia seguramente ocorrerá.

DISTRIBUIÇÃO: Maranhão, Piauí (Lago Parnaguá, Ibiapaba, Arara), Ceará (Varzea Formosa, Quixadá), norte da Bahia (Rio São Francisco, Soledade, *Bonfim, *Joazeiro).

1) ALEX. WETMORE, "Observations on the Birds of Argentina, Paraguay, Uruguay, and Chile", em Bull. Un. St. Nat. Museum. N.º 133, p. 178 e segs. (1926).

Gênero COLUMBIGALLINA Boie

Columbigallina (não de OKEN, 1817, *nomen nudum*) BOIE, 1826, Isis, Heft 10, col. 977. Tipo, por monotípia, *Columba passerina* LINNÉ.

Chaemepelia SWAINSON¹, 1827, Zool. Journ., III, p. 361. Tipo, designado por GRAY, 1841, *Columba passerina* LINNÉ.

Este gênero conta no Brasil com três espécies, incluindo-se neste número as duas pombas rolas mais comuns e de mais larga distribuição. De hábitos sociáveis, passam a maior parte do tempo no chão, onde procuram o alimento constituído essencialmente de sementinhas e grãos.

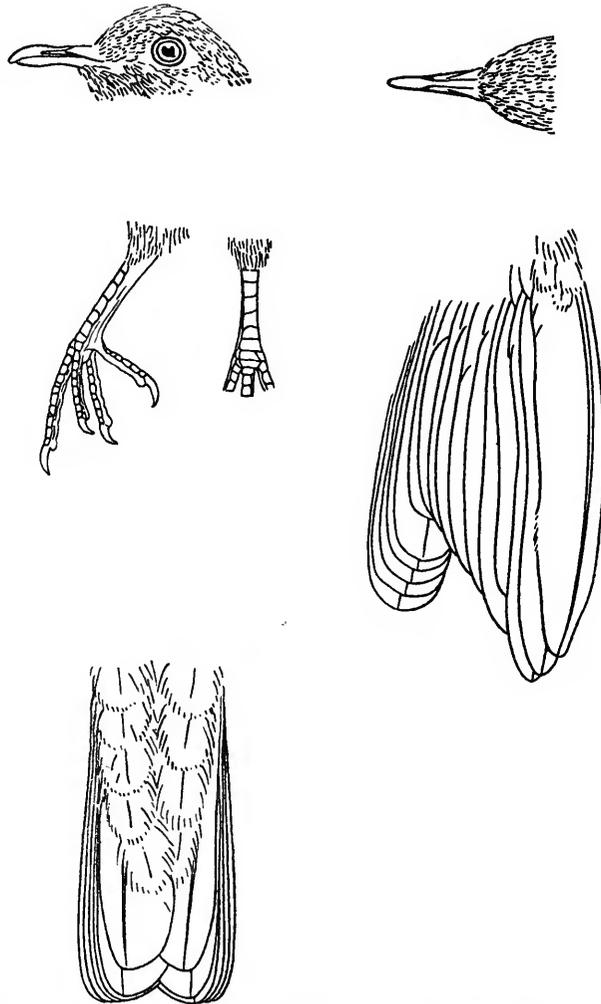


Fig. 6 — *Columbigallina passerina griseola* (SPIX). ♂ de Belém (Pará).

A falta de características morfológicas de valor diagnóstico si tomadas isoladamente, o grupo em conjunto se reconhece, antes de tudo, pelo comprimento relativamente pequeno da cauda (que nunca excede aos três quartos da asa), cujas rectrizes diminuem leve e gradualmente de

1) O nome de SWAINSON é encontrado sob inúmeras formas, umas decorrentes de lapsos dos autores, outras do intuito de corrigir a grafia original, que é a única sancionada pelas regras de Nomenclatura.

tamanho das centrais para as laterais (cauda arredondada) e, quando não de todo escuras, nunca têm branco mais que a orla terminal; pelas rêmiges externas largas até a ponta; pela presença de entalhe brusco, delimitando um dente no bordo da barba interna da quarta primária (a contar de fora). Os sexos diferem sempre no colorido da plumagem, que é sempre mais viva, mais intensa, nos machos do que nas fêmeas.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO
GÊNERO *COLUMBIGALLINA*

- A. Bordos laterais dos tarsos guarnecidos de uma escova longitudinal de minúsculas penas; axilares e coberteiras inferiores das asas, pelo menos as proximais, pretas *C. talpacoti*
- AA. Tarsos inteiramente implumes; axilares e coberteiras inferiores das asas cor de canela intenso.
- B. Pescoço e peito de colorido uniforme, sem indício de desenho escamoso (América meridional cisandina, das Guianas ao Paraguai, através do Brasil este-septentrional e central) *C. minuta*
- BB. Penas do pescoço e do peito esbranquiçadas nos bordos e escuras no centro, dando à plumagem aspecto escamoso característico (Guianas e Brasil septentrional, da Amazônia ao norte da Bahia) *C. passerina*

Columbigallina talpacoti (Temminck)

Entre as congêneres brasileiras distingue-se esta espécie facilmente pelos tarsos, guarnecidos em cada lado de uma fileira de penas curtas e densas. Na subespécie típica, que é a única de distribuição larga no Brasil, as coberteiras inferiores das asas são pretas, o mesmo acontecendo com as rêmiges, que só muito excepcionalmente se mostram tingidas de canela na orla interna. Isso a distingue de *C. t. rufipennis* (BONAPARTE) e outras raças mais septentrionais, em que subalares e rêmiges ferruginosas são carácter saliente.

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
COLUMBIGALLINA TALPACOTI

- A. Rêmiges inteiramente escuras (América do Sul cisandina, das Guianas ao norte da Argentina) *C. talpacoti talpacoti*
- AA. Rêmiges parcialmente cor de canela (do sudeste do México ao sul da Venezuela, através da América Central e leste da Colômbia) *C. talpacoti rufipennis*

Columbigallina talpacoti talpacoti (Temminck).

Columba talpacoti TEMMINCK, 1811, em TEMMINCK & KNIP, Les Pigeons, I, Columbigallines, p. 22: América do Sul (posto que o tipo se admite ser procedente do Brasil, a Bahia foi por nós escolhida como pátria)¹. — WIED, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 465: Rio de Janeiro, Cabo Frio, Espírito Santo etc. — EULER, 1867, Journ. f. Orn., XV, pp. 189, 190, 196 e 198: Cantagalo.

Columba minuta (não de LINNÉ, 1766) WIED, 1821, Reise nach Brasil, II, p. 341 (340 na ed. in-8vo): Ilha Cachoeirinha (Rio Belmonte).

Columbina cabocolo SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 58, pl. 75a, fig. 1: Brasil (local. não especificada).

1) PINTO, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 163 (1938).

- Columbina talpacoti* HELLMAYR, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 416: Rio Madeira (Calama) e Rio Machados (Maruim); idem, 1910, Abhandl. Math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, pp. 80, 96 e 122: Peixe-Boi, Mexiana.
- Chamaepelia talpacoti* BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 297: Rio de Janeiro. — EULER, 1867, Journ. f. Orn., XV, p. 417: Cantagalo. — SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Rio Tocantins. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 277: Rio de Janeiro, Sapitiba, Ipanema, Tijuco, São Vicente (perto do Rio Guaporé), Forte do Rio Branco, Pará. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., 1870, p. 56: Lagoa Santa. — HAMILTON, 1871, Ibis, p. 309: Itapetininga. — LAYARD, 1873, Ibis, p. 396: Nazaré (= Belém). — BERLEPSCH, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 274: Blumenau. — ALLEN, 1876, Bull. Essex Inst. VIII, p. 82: Santarém. — FORBES, 1881, Ibis, p. 357: Pau d'Alho, Paraíba. — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Gesam. Orn., II, p. 176: Taquara do Mundo Novo, Arroio Grande. — BOUCARD & BERLEPSCH, 1892, The Humminh Bird, II, p. 41: Porto Real. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 485: Guiana Inglesa, Guiana Francesa, Bolívia, Brasil (Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Nova Friburgo (Jhapada, Baião)). — GOELDI, 1897, Ibis, p. 164: Lagoa Grande do Amapá. — H. IHERING, 1897, Rev. Mus. Paul., II, p. 166: Ilha de São Sebastião; idem, 1899, III, p. 400: São Sebastião, São Paulo. — SALVADORI, 1897, Bol. Mus. Zool. Torino, XV, N.º 378, p. 14: Urucum. — NICOLL, 1904, Ibis, p. 40: Bahia. — SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Orn., LVI, pp. 516 e 538: Guiana, Alcobaga. — REISER, 1910, Denks. mathem.-naturwiss. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 87: Pau d'Alho (perto de Recife), Rio São Francisco, Cidade da Barra. — GRANT, 1911, Ibis, p. 460: Rabicho (Rio Paraguay). — MÉNÉGAUX, 1917, Rev. Franc. d'Orn., p. 25: São Luiz de Cáceres, Poconé. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 151: Castanhal. — HOLT, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, p. 281: Serra do Itatiaia.
- Columbigallina talpacoti* RIKER & CHAPMAN, Auk, VIII, p. 162: Santarém. — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 129: Chapada. — IHERING, 1907, Catal. Fauna Bras., Aves, p. 22: Ipiranga, São Sebastião, São José do Rio Pardo, Jaboticabal. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 65: Rio Tocantins (Alcobaga), Rio Tapajós (Goiana), Rio Maecuru, Arumanduba; idem, Bol. Mus. Nacional, II, N.º 6, p. 48: Ceará.
- Chamaepelia talpacoti talpacoti* HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII p. 468: Rio Tocantins (Filadélfia), Maranhão, Piauí, Ceará. — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 68: Mato Grosso (Urucum), Rio Solimões. — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., p. 712: Valparaizo, Sant'Ana do Paranaíba.
- Columbigallina talpacoti talpacoti* PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 66: Bahia (Madre de Deus, Caípe, Curupeba, Rio Jucuruçu, Bonfim, Joazeiro); idem, 1936, loc. cit., XX, p. 39: Goiaz (Jaraguá); idem, 1938, XXII, (Catal. Aves Bras., 1a. pte.), p. 163: Rio Juruá, Rio Tapajós, Rio Matipoó, Maria da Fé, Itatiba, São José do Rio Pardo, Capivari, Campo Grande, Corumbá; idem, 1941, Arquivos de Zoologia, II, p. 9: Coxim, Santo Antônio, Cuiabá, Chapada. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field. Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 536: Boa Vista (Rio Branco), Ressaca (Rio Capim), Ipomonga (id.), Igarapé da Piava, Boim, Óbidos, Carolina, Barra do Corda, São Francisco, Alto Parnaíba, Ibiapaba, Arara, Serra de Baturité, Varzea Formosa, São Marcelo, Macaco Seco, Terezópolis, Araçatuba, Vacaria, Urucum, Fazenda Morungaba, Filadélfia. — PINTO, 1943, Pap. Avulsos do Dept. Zoologia, III, pp. 273, 278 e 282: Ilha de Madre de Deus, Curupeba, Caípe; idem, 1944, loc. cit., p. 138 Monte Alegre. — BRODKORB, 1937, Occas. Pap. Mus. Zool. Univ. Michigan, N.º 349, p. 6: Arari (Ilha de Marajó).

Muito comum em quase toda parte, até mesmo nos arredores das grandes cidades, é esta rolinha vulgarmente conhecida por vários apelidos, alusivos na sua grande maioria à viva cor avermelhada dos machos adultos. Assim, é costume chamá-la de rola “caldo-de-feijão” em São Paulo, “sangue-de-boi” na Bahia e “rola roxa” no Rio Grande do Sul. Pertence também seguramente às que os tupis do nosso litoral denominavam “picuipebas”, termo registrado por GABRIEL SOARES e, ao que pa-

rece, ainda usado no Rio de Janeiro até o começo do século passado¹. AZARA, o primeiro autor a descrever a espécie, conheceu-a entre os índios guaranis do Paraguay pelo nome de "picuipita" (rola vermelha) cujo significado está mais de acordo com a zoonímia atualmente em voga.

Para descrever a rolinha "caldo-de-feijão", tomaremos um ♂ adulto de Curupeba (No. 14.398 do Dept. de Zoologia), lugarejo da orla marítima da chamada Bahia de Todos os Santos (próximo à Ilha de Madre de Deus): coberteiras superiores da cauda e dorso de intenso colorido chocolate-avinhado, com mistura de pardo na região interescapular e nos lados; pescoço posterior e alto da cabeça cinzento-plúmbeos, desmaiando em direção à frente, que é clara, levemente lavada de vinho; rêmiges terciárias e coberteiras superiores internas das asas pardo-avinhadas, muitas delas com uma nódoa azul-negra na barba externa; primárias e coberteiras superiores respectivas escuras, quase pretas; partes inferiores vináceo-cinzentas, clareando no peito e passando a branco quase puro na garganta e no mento; rectrizes centrais pretas, com a base mais ou menos extensamente tingidas de vinho; as laterais com uma larga ourela vinácea na ponta e no trecho adjacente da barba externa. Bico pardo-escuro e patas vermelhas.

Estas características se mantêm constantes em todas as populações da raça brasileira; não obstante, observam-se sensíveis variações individuais no tocante à intensidade do colorido, que ora é mais desmaiado, ora muito carregado, tirante a ruivo. Em certos indivíduos a barba interna das primárias é mais ou menos tingida de canela, preludiando o que em *C. t. rufipennis* é carácter constante e muito conspícuo. Como esta variação ocorre irregularmente até nas populações meridionais da espécie, não há razão para manter-se *Chaemepelia arthuri* BANGS & PENARD², a qual teve por base exemplares com a referida peculiaridade³.

As ♀ ♀ diferem dos ♂ ♂ logo à primeira vista; a plumagem é pardo-cinzenta, com as partes superiores muito mais escuras e mais ou menos tingidas de oliva; a tinta vinácea, quando presente, limita-se de ordinário a leve banho nas coberteiras inferiores da cauda e superiores das asas.

MEDIDAS (em milímetros)

N.º	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
20.844, Itacoatiara (Amazonas) ...	89	66	13			
22.653, (idem, idem)				86	68	13
22.670, Rio Eiru (idem)	91	72	13			
22.655, (idem, idem)				88	66	13
14.637, Aveiro (Rio Tapajós)	92	74	13			
14.638, Marai (idem)				87	70	13
18.132, Tapera (Pernambuco)	86	66	12			
13.960, Caipe (Bahia, Reconc.) ...	94	71	13			
14.398, Curupeba (idem)	90	68	13			
24.537, Rio Piracicaba (Minas) ..	88	65	14			

1) PELZELN (Zur Ornithol. Brasiliens, p. 277) escreve *Picuypeon*; mas temos pouca dúvida de que houve aqui erro na cópia do manuscrito de NATTERER.

2) *Chaemepelia arthuri* BANGS & PENARD, 1918, Bull. Mus. Compar. Zool., LXII, p. 45; vizinhanças de Paramaribo (Guiana Holandesa).

3) Cf. HELLMAYR & CONOVER, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 539, nota 1 (1942).

24.538, (idem, idem)				88	70	13
17.113, Cuiabá (Mato Grosso)	94	74	14			
17.112, (idem, idem)				91	62	13
12.736, St.'Ana do Paranaíba (idem)	92	71	13			
14.722, Jaraguá (Goiaz)	90	68	13			
31.882, Porto Marcondes (S. Paulo)	90	70	12			
26.804, Ipiranga (idem)	91	70	12 ½			
26.149, Lins (idem)	90	70	13			
26.145, (idem, idem)				89	66	13
28.995, Ibiti (idem)	90	68	13			
28.891, (idem, idem)				85	63	12
27.259, Serra da Bocaina (idem) ..				91	70	12 ½
29.558, Ubatuba (idem)				91	68	13

DISTRIBUIÇÃO: América Meridional cisandina (acidentalmente também no Chile), das Guianas ao Paraguay e norte da Argentina, através da Amazônia e de todos os Estados do Brasil. Guianas Inglesa (Georgetown, Demerara, Quonga, Annai, Rio Ituribisci, Rio Abary, Rio Anarica, Rio Bonasika, Bartica, Supenaam); Holandesa (Surinam, Panamaribo) e Francesa (Cayenne), leste do Peru (Rio Marañon, Amable Maria, La Merced) e da Bolívia (Rio Beni, Vitoria, Riberalta, Santa Cruz, Rio Surutu, Chaco boliviano), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, Rio Pilcomayo, Villa Rica, Itaño), norte da Argentina (Salta, Tucumán, Formosa, Misiones, Buenos Aires) e do Chile (Malleco), Brasil: Rio Solimões (Manacapuru), Rio Branco (Boa Vista, Forte do Rio Branco), e norte extremo do Pará (Amapá), Rio Juruá (*João Pessoa) e Eiru (Sto. Antônio, *Santa Cruz), baixo Rio Amazonas (*Itacoatiara, Óbidos, *Igarapé Boiuçu, Arumanduba, Serra do Erêrê), Rio Tapajós (Boim, Santarém, *Marai, *Aveiro, *Caxiricatuba, Goiana), Rio Tocantins (Alcobaça, Baião), Ilha do Marajó (Arari), Ilha Mexiana, distrito este-paraense (Belém, Castanhal, Rio Capim, Peixe-Boi), Estado do Maranhão (Carolina, Barra do Corda, São Francisco, Alto Parnaíba), Piauí (Arara), Ceará (Várzea Formosa, Serra de Baturité), Paraíba, Pernambuco (*Tapera, Pau d'Alho), Bahia (Rio São Francisco, *Joazeiro, São Marcelo, Cidade da Barra, *Bonfim, Macaco Seco, *Ilha de Madre de Deus, *Curupeba, *Caípe, *Rio Jucuruçu), Espírito Santo (Pau Gigante), Rio de Janeiro (Sapitiba, *Manguinhos, Porto Real, Nova Friburgo, Cantagalo, Itatiaia, *Rio Muriaé), Minas Gerais (Lagoa Santa, *Maria da Fé, *Rio Matipoó, *Rio Doce, *Rio Piracicaba), São Paulo (Ipanema, Tijuco, Itapetininga, Jaboticabal, *São José do Rio Pardo, *Batatais, *Serra da Bocaina, *Ubatuba, *São Sebastião, cid. de São Paulo, *Ipiranga, *Embu, *Capivari, *Monte Alegre, *Itatiba, *Mogí das Cruzes, *Rio Juquiá, *São Miguel Arcanjo, *Rio Paranapanema, *Assiz, Vitória, *Lins, Araçatuba, *Valparaizo, *Macaúbas, *Ribeirão Mato Grosso, *Porto Cabral), Paraná (Faz. Murganga), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Mundo Novo, Arroio Grande), Mato Grosso (*Sant'Ana do Paranaíba, *Campo Grande, *Salobra, *Corumbá, Urucum, Rabicho, *Coxim, *Cuiabá, *Santo Antônio, *Rio Aricá, *Chapada, São Vicente, Cáceres, Poconé, *Rio das Mortes), Goiaz (*Jaraguá, Filadélfia).

***Columbigallina talpacoti rufipennis* (Bonaparte)**

Chamaepelia rufipennis BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, p. 22; arredores de Carthagena (Colômbia). — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 487: México, América Central, Colômbia, Venezuela.

Columbigalina talpacoti rufipennis FRIEDMANN, 1948, Proc. Un. St. Mus., XCVII, p. 401: Cucuí (alto Rio Negro).

Não conheço de visu esta rolinha, que em data muito recente pode ser incluída na avifauna brasileira, através de um único exemplar, ♂

adulto, colecionado em Cucuí, margem esquerda do alto Rio Negro, junto à fronteira com a Venezuela. O conde SALVADORI descreve-a como semelhante a *C. t. talpacoti*, mas com as rêmiges e as coberteiras inferiores das asas cor de canela, exceção feita da extremidade das primárias, que são pardas, como também a barba externa das secundárias. O exemplar de Cucuí, conforme observou FRIEDMANN, possui a barba externa da primária inteiramente pardo-escuro. Isso, de par com a ocorrência de indivíduos da última com vestígios de canela na margem das rêmiges (*C. arthuri*), reduz o hiato existente entre *C. rufipennis* e *C. talpacoti*, que assim adquirem novos títulos para serem tratadas como raças geográficas de uma mesma espécie.

Atingindo a custo, como vimos, os últimos limites septentrionais do Brasil, a sua área de dispersão dilata-se para o norte até o sudeste do México (Vera Cruz), através da Venezuela (vale do Orenoco) e ilhas adjacentes (Tobago, Margarita, Trinidad), do norte e leste da Colômbia (Santa Marta, Cartagena, Bogotá, Bucaramanga etc.) e da América Central. Desta área estão excluídas as populações da região ocidental da Colômbia (vale do Rio Cauca) e do oeste do México, as quais, com base em diferenças mínimas, está-se geralmente de acordo em separar de *C. t. rufipennis*, sob as denominações respectivamente de *C. t. caucuae* e *C. t. eluta*.

Columbigallina minuta (Linné)

Muito apropriadamente chamada por AZARA de Pomba anã, é esta a menor de todas as rolinhas encontradas no Brasil. Ela convive na maioria dos lugares com *C. talpacoti*, mas desta ainda se distingue à primeira vista pela plumagem, que é cinzento-avinhada clara nos machos adultos, e pelo acanelado intenso da barba interna das primárias e das coberteiras inferiores das asas. A espécie, cuja distribuição, bem mais larga do que a da rola vermelha, se estende do norte do Paraguai ao sudeste do México, deixa-se dividir em três raças geográficas, das quais apenas uma pertence ao nosso território.

Columbigallina minuta minuta (Linné)

Columba minuta LINNÉ, 1766, Syst. Nat., 12a. ed., I, p. 285: baseada em "Turtur parvulus (sic) fuscus americanus" de Brisson, Ornithol., I, p. 116 (descrição da fêmea, ou senão do macho jovem): "in Dominicopoli Insula" (Ilha de São Domingos), localidade errônea, que BERLEPSCH & HARTERT (Novitates Zoologicae, IX, 1902, p. 119) substituíram por Cayenne.

Chamaepelia amazilia BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, p. 21: Peru. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 277: São Paulo (Marambicu, Itararé) e Mato Grosso (Cuiabá, Engenho do Gama, Vila Bela).

Chamaepelia griseola (não *Columbina griseola* SPIX) FORBES, 1881, Ibis, p. 357: Recife e Paraíba.

Columbigallina griseola ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada.

Chamaepelia minuta SALVADORI, 1893, Catal. Birds of Brit. Museum, XXI, p. 481, em parte: Trinidad, Guiana Inglesa, Peru, Brasil (Pernambuco, Bahia, Chapada). — IHERING, 1902, Rev. Mus. Paulista, V, p. 285: Piracicaba, Bahia. — REISER, 1910, Denks. mathem.-naturwiss. Kl. Akad. Wien, LXXVI, p. 87: Pernambuco (Pau d'Alho), Bahia (Joazeiro, Barrinha, Barra do Rio Grande, Sta. Rita do Rio Preto) e Piauí (Rio Parnaíba, Estreito).

Columbigallina minuta IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 22: Bahia, São Paulo (Piracicaba, Vitória do Botucatu). — SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, N.º 6, pp. 48 e 68: Ceará e Maranhão (São Bento).

Chamaepelia minuta minuta HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 467: Maranhão (Codó e alto Parnaíba), Piauí (Arara, Ibiapaba). — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 68: Mato Grosso (Pal-

meirás, Urucum). — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., p. 712: Três Lagoas.

Columbigallina minuta minuta PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 65: Bahia (Ilha de Madre de Deus, Curupeba, Joazeiro, Bonfim); idem, 1936, loc. cit., XX, p. 38: Goiaz (Inhumas); idem, 1938, Bol. Biológico, Nov. Ser., III, p. 103: Rio das Mortes; idem, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 162: localids. da Bahia, São Paulo, Goiaz e Mato Grosso¹ idem; 1940, Arquivos de Zoologia, I, p. 234: Pernambuco (Tapera). — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, 531: Tomé Açú (Rio Acará), Vitória, Alto Parnaíba, Ibiapaba, Arara, Vazea Formosa. — PINTO, 1943, Papéis Avulsos, III, pp. 273, 278: — Ilha de Madre de Deus, Curupeba. — BERLA, 1946, Bol. Mus. Nacional, Zool., N.º 65, p. 7: Usina São José (no município de Igarapu). — PINTO & CAMARGO, 1948, loc. cit., VIII, p. 302: Chavantina (Rio das Mortes).

As características da raça sul-americana de *C. minuta* serão descritas tomando por base um ♂ adulto (No. 13.954, da Col. orn. do Dept. de Zoologia de São Paulo) de Curupeba, coligido por W. GARBE em fevereiro de 1933.

Alto da cabeça cinzento-plúmbeo, com mistura de pardo na região da nuca e clareando gradualmente em direcção à frente, que é clara, levemente tingida de róseo; lado posterior do pescoço e manto cinzento-azulado (cor clara de chumbo), passando gradualmente a pardo no dorso e adjacentes coberteiras superiores internas das asas; uropígio e coberteiras superiores da cauda cinzento-plúmbeos; coberteiras superiores das asas plúmbeo-pardacentas, as centrais lavadas de vináceo e muitas delas com a barba externa ornada de grande nódoa preta, intensamente lustrada de violeta; rêmiges primárias pardo-escuras, com a barba interna cor de ferrugem até próximo à extremidade; coberteiras inferiores da asa cor de ferrugem; partes inferiores muito mais claras do que as superiores, quase brancas no mento e na garganta, passando gradualmente a cinzento-avinhadas no peito; abdome brancacento no centro e acinzentado nos lados; infracaudais brancas, mais ou menos tingidas de cinza; tíbias pardas, com mescla de penas escuras; rectrizes centrais cinzentas no lado superior e escuras no inferior; demais rectrizes pretas em baixo e em cima cinzento-plúmbeas até o trecho sub-terminal, que é enegrecido, principalmente nas mais laterais, e passa novamente a cinzento na orla extrema; as do par externo com a ponta e vizinho trecho da barba externa orladas de branco; bico pardo-amarelo; patas cor de rosa, tornadas amarelas no exemplar conservado. Medidas: asa 76 mms.; cauda 57 mms.; culmen 11 mms.

As ♀ ♀ diferem dos ♂ ♂ com terem todo o lado superior, do píleo às supracaudais, pardo, levemente lustrado de azeitona, e ausência praticamente completa de tons vináceos, tanto nas asas, como nas partes inferiores, que são pardo-amareladas, à excepção da garganta, quase branca.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos.	Col. orn. Dept. de Zoologia	♂ ♂			♀ ♀		
		asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
13.953,	Ilha Madre de Deus (Bahia)	80	55	11			
18.133,	Tapera (Pernambuco)	77	54 ½	11			
13.953,	Ilha Madre de Deus (Bahia)'	80	55	11			
13.956,	(idem, idem)	76	52	11 ½			
13.954,	Curupeba (idem)	76	57	11			
27.942,	(idem, idem)	78	57	10			
7.381,	Joazeiro (idem)	81	53	12			
7.389,	Bonfim (idem)				73	56	11

1) Os exemplares de Manacapuru pertencem a *C. passerina griseola*.

30.126, Cuiabá (Mato Grosso)				74	55	11
32.276, Rio das Mortes (idem)	79	56	12			
32.277, (idem, idem)				78	54	11
14.721, Inhumas (Goiaz)	71	61	11			
28.232, Guaraparim (Espto. Santo)	76	54	11			
28.233, (idem, idem)				75	55	11½
32.996, Manguinhos (R. de Janeiro)	74	54	11			
32.991, (idem, idem)				75	55	11
26.155, Lins (São Paulo)	78	54	11 ½			
26.159, (idem, idem)	77	58	11			
26.156, (idem, idem)				76	56	11

DISTRIBUIÇÃO: Zonas campestres e descobertas da metade oriental da América Meridional cisandina¹, da Venezuela e Guianas ao norte e leste do Paraguay, através do Brasil este-septentrional e central: Venezuela (Rio Orenoco, Ciudad Bolívar, monte Roraina) e Ilha de Trinidad, Guianas Inglesa (Rio Yurari, monte Tacutu, Rio Abary, Quonnga, Annai, Georgetown), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), leste do Peru (Xeberos, Huánuco, vale do Urubamba), Paraguay (Rio Pilcomayo, Alto Paraná), centro e leste do Brasil: leste extremo do Pará (Rio Acará), Maranhão (Cocos, São Bento, Estreito, Alto Paraíba), Piauí (Ibiapaba, Arara, Estreito), Ceará (Várzea Formosa), Paraíba, Pernambuco (Recife, Pau d'Alho, *Tapera), Bahia (*Joazeiro, *Bonfim, Barra do Rio Grande, Santa Rita do Rio Preto, *Ilha de Madre de Deus, *Curupeba), Espírito Santo (*Guaraparim), Rio de Janeiro (Distrito Federal, *Manguinhos), interior de São Paulo (Marambicu, Itararé, Piracicaba, Botucatu, *Vitória, *São José dos Douros, *Lins), Mato Grosso (*Tres Lagoas, *Rio das Mortes, Urucum, Corumbá, *Cuiabá, *Cáceres, *Rio das Mortes, Chavantina, Goiaz, (*Inhumas).

Columbigallina passerina (Linné)

Columba passerina LINNÉ, 1758, Syst. Nat., 10a. ed., I. p. 165 — nome composto, que se admite, com BONAPARTE (Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, 1855, p. 21) ter essencialmente por base "The Ground Dove" de CATESBY (Nat. Hist. Carolina, I, p. e pl. 26): Carolina do Sul (Estados Unidos).

Repartida em múltiplas raças geográficas, às vezes de distribuição muito restrita, é esta rolinha comum nas regiões quentes da América Septentrional, América Central e Antilhas. No hemisfério meridional estende-se ainda pelas zonas quentes d'aquém e além Andes, dividindo-se também em numerosas subespécies, das quais apenas uma existe no Brasil.

Parece-se muito com *C. minuta*, assim no colorido ferrugíneo das rêmiges e coberteiras inferiores das asas, como na tonalidade geral da plumagem, que nos machos adultos é cinzento-avinhada; mas é muito fácil de reconhecer entre as congêneres pelo desenho escamoso do peito e do pescoço, cujas penas apresentam a porção central escura, em forte contraste com as margens, avinhadas nos machos e brancacentas nas fêmeas.

Columbigallina passerina griseola (Spix)

Columbina griseola SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 58, pl. 75a., fig. 2: "in sylvis fl. Amazonum".

1) Também a costa pacífica do norte do Peru, caso se admita com ZIMMER (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, 1930 p. 259) e HELLMAYR & CONOVER, a inseparabilidade de *Columba minuta amazilia* (BONAPARTE, 1855), cujo tipo é de Lima (Peru).



Estampa V

- Columbina picui picui* (TEMMINCK). — ♂.
Oxápelis cyanopsis (PELZELN). — ♂.
Uropelia campestris (SPIX). — ♂



Estampa VI

Columbigallina passerina griseola (SPIX). — ♂.

Columbigallina talpacoti talpacoti (TEMMINCK). — ♂.

- Chamaepelia passerina* CABANIS, 1849, em Schomburgk, Reis. Brit. Guiana, III, p. 743: Rio Demerara. — SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Pará. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 277: Borba, Manáus, São Joaquim, São Gabriel, Forte do Rio Branco. — LAYARD, 1873, Ibis, p. 395: Pará (= Belém). — ALLEN, 1876, Bull. Essex Inst., VIII, p. 82: Santarém. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 473, (em parte): Borba, Pará, Pernambuco. — GOELDI, 1903, Ibis, pp. 481 e 499: Aroá. — SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Orn., LVI, p. 496: Ilha Goiana. — REISER, 1910 e 1925, Denks. mathem.-naturwiss. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, pp. 87 e 190: Amarração.
- Columbigallina passerina* RIKER & CHAPMAN, 1891, Auk, VIII, p. 162: Santarém. — BERLEPSCH, 1892, Journ. f. Orn., XL, pp. 97 e 102: Bahia.
- Columbigallina passerina griseola* HELLMAYR, 1906, Abhandl. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 697, em parte: Bahia, Pará; idem, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 384: Santo Antônio do Prata, Benfica. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 65: Pará (= Belém), Quatipuru, Vitória, Ilha de Maracá, Monte Alegre; idem, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, p. 48: Ceará. — PINTO, 1937, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 543: Manacapuru; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 162: Belém. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 136: Rio Tapajós ("várias localidades"), Lago Cupeva, Boca do Iparapé Piaba, Óbidos, Benevides, Santarém. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 519: Boa Vista (Rio Branco), Ressaca, Ipomonga, Boca do Igarapé Piava, Santarém, Tauari, Boim, Rio Manacapuru, São Luiz, Turiaçu. — BERLA, 1946, Bol. Mus. Nacional, Zool., N.º 65, p. 6: Dois Irmãos (pto. de Recife). — PINTO, 1948, Arquivos de Zool., V, p. 336: Rio Pracupi, Aveiro, Santarém, Aramanai, Capanema, Itacoatiara, Igarapé Anibá, Igarapé Bravo, Ig. Boiussu, Belém. — FRIEDMANN, 1948, Proc. Uu. St. Nat. Mus., XCVII, p. 400: São Gabriel. — LAMM, 1948, Auk, LXV, p. 268: Pernambuco.
- Columbina passerina griseola* HELLMAYR, 1912, Abh. math.-phys. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, p. 96: Pará (= Belém), Benfica, Rio Capim, Santo Antônio.
- Chaemepelia passerina griseola* TODD, 1913, Ann. Carnegie, Mus., VIII, p. 548 (monografia).
- Chamaepelia passerina griseola* STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 150: Pará (= Belém). — HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 467: Turiaçu. — FRIEDMANN, 1948, Proc. Uu. St. Nat. Mus., XCVII, p. 400: São Gabriel.

Tida por SALVADORI e outros como *C. minuta*, houve longa divergência na identificação da ave, evidentemente imatura, descrita e figurada por SPIX; mas o exame do tipo permitiu a HELLMAYR confirmar a velha suposição de BERLEPSCH (Journ. f. Ornith., 1887, p. 34) quando nela reconheceu a presente rolinha.

Descreve-la-emos a seguir, tomando por base um ♂ adulto de Itacoatiara (No. 22.677 do Dept. de Zoologia): dorso, uropígio e coberteiras superiores da cauda cor de cinza, com mescla de tons pardo-oliváceos, e passando a cinzento-violáceo claro na região interescapular; alto da região interescapular, pescoço posterior e alto da cabeça cinzento-azulados, levemente banhados de púrpura e enfeitados de manchas semilunares sombrias, correspondendo à orla das penas; fronte avinhada, com o centro e a orela das penas escurecidos; região superciliar, auricular e lateral da cabeça avinhadas, com as bordas das penas levemente sombreadas; coberteiras superiores das secundárias cinzento-avinhadas, muitas delas com uma grande nódoa preta, lustrada de brilho metálico, violáceo, no trecho subterminal da barba externa; coberteiras superiores das primárias negras, as marginais tingidas de ferrugem na metade basal; primárias cor intensa de ferrugem, com a borda externa e a ponta escurecidas; coberteiras inferiores das asas castanho-ferruginosas; mento e meio da garganta brancos, distintamente lavados de vinho; lados do pescoço e peito de aspecto escamoso,

graças à disposição imbricada das penas, que são pardo-escuras, com a orelha cor clara de vinho; abdome cinzento-avinhado, tornando-se mais cinza nos flancos e no crisso; infracaudais branco-avinhadas, com a base escurecida; retrizes centrais cinzentas no lado superior e pretas no inferior; demais retrizes pretas, com a porção basal do lado superior cinzenta; as do par lateral com a ponta e o trecho adjacente da barba externa marginados de branco. Bico pardo-escuro e patas vermelhas, desbotadas em amarelo no exemplar conservado. Medidas: asa 80 mms.; cauda 60 mms.; culmen 12 mms.

As ♀ ♀ são um pouco menores do que os ♂ ♂ (alguns mms. menos nas medidas da asa e da cauda) e destes diferem pela plumagem desbotada, pardo-olivácea na fase dorsal e pardo-esbranquiçada na ventral, sem nenhuma tonalidade vinácea distinta; no peito e no pescoço as penas são pardo-anegradas no centro e branco-sujo nas bordas, dando à região o aspecto escamoso característico da espécie.

DISTRIBUIÇÃO: Zona equatorial e oriental da América do Sul, das Guianas à Amazônia e ao nordeste do Brasil: Guianas Inglesa (Georgetown, Rio Demerara, Rio Abary, alto Rio Tacutu, Quonga, Pirara) Holandesa (Surinam, Paramaribo) e Francesa (Cayenne), Brasil amazônico e este-septentrional: Ilha de Maracá, Rio Branco (Forte do Rio Branco), Rio Negro (São Joaquim, São Gabriel, Manaus), baixo Solimões (*Manacapuru, *Rio Manacapuru), Rio Madeira (Borba), baixo Amazonas (*Itacoatiara, *Rio Anibá, Óbidos, Monte Alegre, *Igarapé Boiuçú, *Ig. Bravo, Lago Cuipeva), Rio Tapajós (Boim, Santarém, Tauari, Ilha Goiana), Rio Xingu (Vitória), Rio Pracupi (*Portel), Rio Capim (Aproaga, Ipomonga, Ressaca), Rio Acará (Serraria Cabral), distrito de leste do Pará (*Belém, Prata, Benevides, Benfica, Quati-puru), norte do Maranhão (São Luiz, Turiaçu) e do Piauí (Amarração), Ceará, Pernambuco e, ao que parece, o norte adjacente da Bahia¹.

Gênero LEPTOTILA Swainson

Leptotila SWAINSON,² 1837, *Classif. of. Birds*, II, p. 345. Tipo, por monotipia, *Peristera rufaxilla* SELBY (= *Columba rufaxilla* RICHARD & BERNARD).

Compreende este grupo colúmbidas de porte relativamente grande ou mediano (pelo menos nunca inferior ao das rolas maiores), por toda parte do Brasil conhecidos pelo nome de "juritis" (ou "juritis"), herdado dos índios. Reconhecem-se facilmente pela forma particular da primária externa, muito mais estreita do que as outras e abruptamente adelgada no terço terminal, de par com o colorido pleno da plumagem, sempre mais escura nas partes superiores e isenta de qualquer mancha, com as coberteiras inferiores das asas cor de canela e as retrizes ter-

1) HELLMAYR (*Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII*, p. 467) é quem amplia para o sul a distribuição de *C. p. griseola* até "vizinhanças da Bahia", com base em espécimes de origem comercial existentes nos museus.

2) *Leptotila* foi emendado por GRAY (*List. Gen. Bds., 2a. ed., 1841*, p. 75) para *Leptoptila*, forma que passou a ser adotada pela generalidade dos autores, até pouco tempo atrás. Hoje, cedendo à tendência de voltar à grafia primitiva toda vez que seja impossível provar decorra ela de simples erro tipográfico, está-se de acordo em restabelecer definitivamente o nome de SWAINSON, tal como viera à publicidade. Entre os sinônimos de *Leptotila* SWAINSON merecem referência *Homoptila* SALVADORI (1871), *Engyptila* SUNDEVALL (1873) e *Aechmoptila* COUES (1878).

minadas em branco. Abrange cerca de uma dezena¹ de espécies, distribuídas, a partir do sul dos Estados Unidos, México e América Central

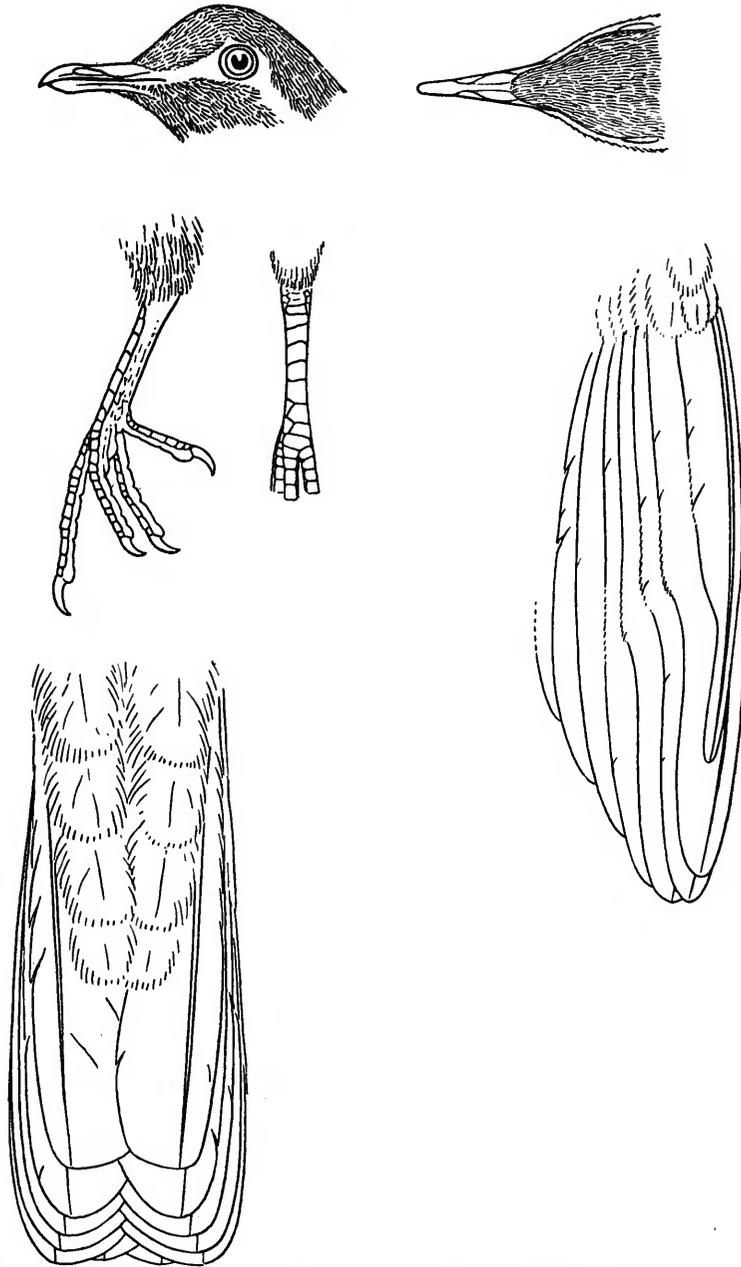


Fig. 7 — *Leptotila verreauxi decipiens* (SALVADORI). ♂ de Curupeba (Bahia, Recôncavo).

por quase toda América Meridional, exceção feita da vertente pacífica do Equador para o sul, e do sul da República Argentina. Destas apenas

1) Oito segundo PETERS (Check-List Bds. World, III, 1937), e nove para HELLMAYR & CONOVER (Catal. Bds. Americas, I, pte. I, n.º 1, 1942), que reconhecem como espécie autônoma *L. pallida* (BERL. & TACZANOW.), do oeste colombiano.

ocorrem no Brasil, diferenciadas ambas em raças geográficas de caracterização difícil, de vez que as mudanças de coloração e de tamanho, bastante evidentes nas populações extremas, sempre se processam de modo gradual, ao longo de uma área de distribuição praticamente ininterrupta.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE *LEPTOTILA*

- A. Parte trazeira do pescoço, desde a nuca até o manto, acatassolada de intensos reflexos metálicos verde-bronze e cúpreos; bochecha e região auricular de colorido cinzento-avinhado, semelhante ao das partes adjacentes (América cisandina, desde o México até o Uruguay e o norte da Argentina) *L. verreauxi*
- AA. Parte trazeira do pescoço e manto ocráceo-cinzentos, lustrados de violenta (sem mescla de bronze), em forte contraste com o alto da cabeça, cor de chumbo; bochecha e região auricular mais ou menos tingidas de ocre ou ferrugem, destacando-se nitidamente do peito vináceo-ruivo, com mescla variável de cinza (zonas quentes da América Meridional desde a Colômbia até o Uruguay, exceção feita da vertente meridional pacífica) *L. rufaxilla*

Leptotila verreauxi (Bonaparte)

Leptotila verreauxi BONAPARTE, 1855, Comptes Rendus de l'Acad. de Sciences de Paris, LX, n.º 3, p. 99: "Nouvelle Grenade" (= Colombia).¹

Um carácter marcante permite distinguir com segurança todas as formas desta espécie: é o brilho metálico verde bronzeado, com cambiantes de cobre, da região trazeira do pescoço e do manto. Esse brilho varia bastante de intensidade, mas é sempre fácil de verificar, examinando-se o exemplar sob conveniente incidência de luz². Não obstante, erros de determinação amiúde encontrados nos exemplares dos museus recomendam cuidado na verificação desta característica diagnóstica, constante em todas as raças de *L. verreauxi*, porém de todo ausente em *L. rufaxilla*.

De acordo com este conceito, *L. verreauxi* ocorre desde o sul dos Estados Unidos (Texas) até o leste da Argentina (Buenos-Aires), sendo no gênero a espécie de mais extensa distribuição e ao mesmo tempo a mais rica em raças geográficas. A forma típica vive no extremo noroeste do continente sul-americano (norte e leste da Colômbia) e ilhas adjacentes, estendendo-se para o norte até uma parte da América Central (Panamá; Costa Rica); é todavia estranha ao Brasil, de cujas populações, mesmo amazônicas, se distingue à primeira vista em mais de um ponto, merecendo destaque particular a cor avermelhada do píleo, que é decididamente cinzento-plúmbeo em todas as formas brasileiras.

No Brasil, o tamanho dos indivíduos diminui progressivamente de tamanho do norte para o sul, e sob este particular, as populações amazônicas se distinguem à primeira vista das dos Estados centrais e meridionais, extremado-se em raças geográficas de fácil caracterização e reconhecimento. As populações intermédias, mercê de certas diferenças, permitem o reconhecimento de uma forma particular de área correspon-

1) A descrição da espécie, muito omissa, foi posteriormente feita com pormenor em *Conspect Gen. Avium*, II, ç. 73 (dado a lume em 1857).

2) Demonstra a experiência que a melhor maneira de evidenciar os reflexos verdes do pescoço é colocar a ave horizontalmente e examiná-la de trás para diante, em frente à claridade.

dente aos Estados do nordeste e sem limites precisos com as das duas outras. Finalmente, as aves do extremo sul experimentam um aumento brusco de tamanho, de par com algumas diferenças de plumagem, filiando-se a uma raça particular, peculiar à região platina.

Com ser a que, além de mais conhecida, possui maior área de dispersão e conserva maior homogeneidade, descreveremos em primeiro lugar a raça este-brasileira, utilizando as suas características como termo de comparação para o estudo das demais. Antes disso, o quadro de medidas abaixo, organizado com base em exemplares adultos escolhidos entre os da coleção do Depart. de Zoologia de São Paulo, dará idéia do valor e sentido da variação de tamanho experimentada pelas diversas populações brasileiras da espécie, com a respectiva discriminação sistemática.

MEDIDAS (em milímetros)¹

N.os	(Col. do Depart. de Zoologia)	♂ ♂		♀ ♀	
		asa	cauda	asa	cauda
20.731,	Itacoatiara (Rio Amaz., norte)	128	104		
17.990,	Silves (idem)	129	104		
23.083,	Igarapé Boiçu (Baixo Amaz., norte) ...			130	102
21.386,	Lago do Batista (Amazonas, sul)	136	112		
14.628,	Aveiro (Rio Tapajós)	129	110		
23.073,	Santarém (idem)			128	103
6.653,	Primeira Cruz (Maranhão)	136	111		
33.004,	Serra de Baturité (Ceará)			132	108
7.601,	Bonfim (Bahia)	144	114		
13.945,	Ilha Madre-Deus (Bahia)	138	115		
13.946,	Curupeba (idem)	138	118		
27.741,	(idem, idem)			132	110
13.947,	Rio Gongogi (idem)	138	115		
29.247,	Rio Muriaé (Rio de Janeiro)	(137)	(106)		
24.559,	Colatina (Espírito Santo)	142	115		
33.005,	Pau Gigante (idem)			140	115
24.527,	Rio Doce (Minas)	141	112		
24.525,	(idem, idem)	142	(108)		
24.526,	(idem, idem)	143	(107)		
24.524,	S. José da Lagoa (idem)			145	117
N.os	(Col. do Depart. de Zoologia)	♂ ♂		♀ ♀	
		asa	cauda	asa	cauda
15.799,	Rio S. Francisco (Minas)	147	114		
14.715,	Jaraguá (Goiás)	139½	115		
26.468,	Rio Claro (idem)			142	115
14.713,	Rio das Almas (idem)	140	114		
32.286,	Rio das Mortes (Mato Grosso)	139	116		
32.287,	(idem, idem)			136	104
12.344,	Miranda (idem)	146	111		
30.098,	Corumba (idem)			145	115
30.107,	(idem, idem)			141	108
30.103,	Cuiabá (idem)	139	110		
17.106,	(idem, idem)	141	113		
30.105,	Rio Aricá (idem)	141	113		
30.106,	(idem, idem)			144	(98)
26.184,	Lins, (São Paulo)	140	113		
26.186,	(idem, idem)	144	114		
26.185,	(idem, idem)			145	109
26.187,	(idem, idem)	142	115		
29.707,	Batatais (idem)	142	109		

1) As medidas postas entre parênteses denotam crescimento incompleto das penas, não servindo para comparação.

29.806, Ibiti (idem)	148	112		
8.271, Piassaguera (idem)	146	118		
30.996, Iporanga (idem)	153	116		
30.997, (idem, idem)			150	116

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
LEPTOTILA VERREAUXI

- A. Tamanho maior (asa de ordinário com mais de 140 mms.)
mais de 140 mms.)
- B. Peito mais claro, com predominância habitual dos tons vináceos; asa com menos de 150 mms. de comprimento (do norte da Argentina e do Paraguay ao leste do Perú, através do Brasil central e médio-oriental) *L. verreauxi decipiens*
- BB. Peito mais sombrio, antes plúmbeo do que vináceo; asa de regra com mais de 150 mms. de comprimento (do extremo sul do Brasil ao Uruguay e leste da Argentina) *L. verreauxi chlorauchenia*
- AA. Tamanho menor (asa só excepcionalmente com
- C. Dorso mais claro, pardo-oliváceo distintamente lavado de amarelo-ruivo (nordeste do Brasil) *L. verreauxi approximans*
- CC. Dorso mais escuro, cinzento-oliváceo, sem mescla distinta de tons amarelos ou arruivados (baixo Amazonas) *L. verreauxi brasiliensis*

Leptotila verreauxi decipiens Salvadori

Homoptila decipiens SALVADORI, 1871, Atti R. Accad. Sci. Torino, VI, p. 131: Brasil (como pátria típica sugerimos o sul do Estado de Mato Grosso).

Leptotila verreauxi decipiens NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 71: Urucum, Rio São Lourenço, Tapirapuã (Exped. Rondon — Roosevelt). — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 22: Valparaizo, Sant'Ana do Paranaíba, Aquidauana (PINTO col.); idem, idem, p. 801: Porto Tibiriçá. — STONE & ROBERTS, 1937, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. LXXXVI, p. 377: Descalvados. — PINTO, 1948, Papéis Avuls. Dept. Zool., VIII, p. 303: Chavantina (H. SICK col.).

Leptotila ochroptera PELZELN (ex manuscr. de NATTERER),¹ 1870, Orn. Bras., III, p. 278, em parte: Sepitiba, Mato Dentro,² Jaguaraiá, Ipanema (NATTERER col.). — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 555, em parte: Bahia, Sapitiba, Corumbá (H. SMITH), Chapada; idem, 1895, Bol. Mus. Zool. Torino, XV, p. 5: Urucum. — MÉNÉGAUX, 1917, Rev. Franç. d'Ornith., p. 25: Paconé.

Leptotila ochroptera IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brasil, Aves, p. 24: Cachoeira, São Sebastião.

Leptotila ochroptera ochroptera HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 93: cid. de Goiaz e Rio Araguaia.

- 1) *Leptotila ochroptera* PELZELN, embora desacompanhado de descrição, tem sido longamente usado como nome mais antigo da presente juriti. Rejeitou-o todavia HELLMAYR (1929), como indeterminável, em proveito de *L. decipiens* SALVADORI, que teve por base um exemplar do museu de Turim, sem duas primárias externas, e vagamente oriundo do Brasil. Sua aceitação ainda hoje me parece defensável, posto que se lhe dê por base o N.º 320 de AZARA (primeira citação), cuja descrição, ao nosso ver, não cabe senão à juriti de pescoço acatassolado de reflexos dourados e violáceos,
- 2) É incerto haver NATTERER colecionado *L. v. decipiens* em Mato-Dentro, por isso que, segundo verificou o conde SALVADORI (cf. Cat. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 554, nota margin.), o exemplar dessa localidade recebido do museu de Viena pelo British Museum pertencia a *L. r. reichenbachii*.

- Leptoptila verreauxi ochroptera* PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 68: Rio Gongogi, Curupeba, Ilha de Madre de Deus; idem, 1936, loc. cit., XX, p. 40: Rio das Almas, Rio Meia Ponte; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 168: Barro Preto, Cachoeira, São Sebastião, Piassaguera, Presid. Epitácio, Glicério, São Miguel Arcanjo, Porto Tibiriçá, Itatiba, Miranda, Aquidauana, Sant'Ana do Paranaíba, Rio das Almas, Inhumas; idem, 1941, Arquivos de Zoclogia, II, p. 9: Coxim, Sto. Antonio.
- Leptoptila chlorauchenia* (não GIGLIOLI & SALVADORI) IHERING, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 403: Cachoeira, São Sebastião. — GRANT, 1911, Ibis, p. 460: Porto Murinho.
- Engyptila chalcachenia* BOUCARD & BERLEPSCH, 1892, The Humming Bird, II, p. 41: Porto Real.
- Engyptila erythrothorax* (não *Columba erythrothorax* TEMMINCK, 1811) ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. V, p. 149: Chapada.
- Peristera rufaxilla* (não *Columba rufaxilla* RICH. & BERNARD, 1792), REINHART, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., ps. 57 e 454: Mogi das Cruzes, Itu, Campinas, Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo.

Na descrição a seguir utilizamos um ♂ adulto (N.º 13.043 da Col. orn. do Dept. de Zoologia de São Paulo) procedente de Miranda, no sul do Estado de Mato Grosso, que poderemos considera a pátria típica da raça em estudo. Manto, lado posterior do pescoço, nuca e parte posterior do píleo de colorido fundamental cinzento plúmbeo, lustrados de intensos reflexos metálicos verdes e dourados, com cambiantes de cobre e violeta, consoante a incidência dá luz; região frontal muito mais clara, vináceo-acinzentada, sem nenhum brilho metálico; loros bochechas cinzento-avinhadadas; lados do pescoço de igual cor, com leve lustro de cobre; dorso, uropígio, coberteiras superiores de cauda, rêmiges terciárias e coberteiras superiores das asas cinzento-azeitonadas, com leve lustro oliváceo; mento branco; garganta da mesma cor, com leve mistura de vinho; porção dianteira do pescoço, colo e peito de colorido fundamental muito claro, tirante a cinza, fortemente lavados de vinho; abdome muito mais claro, quase isento de tonalidade vinácea, passando a branco no centro, e atrigueirando-se de tons pardos nos lados e nas tíbias; infracaudais brancas, um pouco tismadas de pardo ou cinza nas margens; primárias pardo-escuras, com a barba interna tingida de canela desde a base até pouco além do meio nos mais externas, e, nas demais, cada vez mais perto da ponta; coberteiras inferiores das asas e auxiliares cor intensa de canela; rectrizes centrais paro-escuras, levemente lustrada de oliva no lado superior; rectrizes laterais extremas pretas, com a ponta branca (numa altura de mais de 1 cm.) e a orla da barba externa brancas; rectrizes intermédias semelhantes às laterais, mas com menos branco na ponta e sem qualquer orla distinta. Medidas: asa 146, cauda 111, culmen 16 mm. O bico é escuro, quase preto; a pele nua à volta dos olhos é vermelho sanguíneo na ave viva; as patas são também vermelhas, desbotando em amarelo no exemplar conservado. Não há diferença apreciável entre os dous sexos, quer em tamanho, quer em colorido.

As características acima descritas se mantêm suficientemente constantes nas populações do Brasil central e este-meridional; seguindo em direção ao nordeste elas experimentam gradual modificação, tanto no que diz respeito à cor da plumagem, que adquire uma tonalidade mais olivácea (menos cinzenta), quanto às medidas, consideravelmente menores em média. Por outro lado, nos limites meridionais do país observa-se um progresso mais rápido no aumento de tamanho, de par com alguma alteração no colorido, que adquire uma tonalidade uniformemente mais sombria, tanto nas partes superiores, como nas inferiores.

DISTRIBUIÇÃO. Norte da Argentina (Formosa, Tucumán, Jujuy, Santa Fé, Córdoba); Paraguay (Chaco, Rio Apa, Rio Pilcomayo, Sapucay etc.); leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Cochabamba) e do Perú (Rio Urubamba, Chanchamayo, Urubamba, Huánuco, Moyobamba); Brasil ocidental e este-meridional: sul do Amazonas (alto Purus), Mato Grosso (Tapirapuã, *Cuiabá, *Sto. Antônio, *Rio Aricá, Chapada, Poconé, Descalvados, *Corumbá, Urucum, *Miranda, *Aquidauana, Piraputanga, *Coxim, *Chavantina, *Santana do Paranapba, Vacaria), Goiás (cid. de Goiás, *Jaraguá, *Rio das Almas, *Inhumas, Rio São Miguel, Veadeiros, *Rio Claro), centro e sul da Bahia (Macaco Seco, *Rio Gongogi), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo, Água Suja, Barro Preto, *Rio Doce, *Rio Sussui, *São José da Lagoa), Espírito Santo (Colatina, *Pau Gigante), Rio de Janeiro (Sapitiba, Porto Real, *Cardoso Moreira, *Manguinhos) e quase todo o Estado de São Paulo (Mogí das Cruzes, Itú, *Batatais, *Cachoeira, *São Sebastião, *Piassaguera, *Itatiba, *Ibiti, *Lins, *Glicério, *Valparaíso, *Rio Paranapanema, Fazenda Caióá, *Lucélia, *Presidente Epitácio, *Porto Tibiriçá).

Como sempre sucede em casos tais, não é possível estabelecer limites geográficos muito precisos para *L. v. decipiens*, devendo existir inevitavelmente alguma divergência entre os autores sobre este particular, já porque baseie cada qual o seu juízo em material diverso, já pela variabilidade do critério pessoal no interpretar as diferenças observadas.

O material em mãos se acomoda em linhas gerais à distribuição adotada por HELLMAYR & CONOVER. Parece-nos conveniente adotá-la, embora persuadido de que o seu estudo, si feito independentemente, só por acaso nos levaria a apresentar uma imagem dos factos exatamente coincidente.

Leptotila verreauxi chlorauchenia (Giglioli & Salvadori)

Leptotila chlorauchenia GIGLIOLI & SALVADORI, 1870, Atti R. Accad. Sci. Torino, V, p. 274: Estancia Trinidad, perto de Montevideo (Uruguay).

*Leptotila chalcauchenia*¹ BERLEPSCH, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 243: Blumenau. — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 177: Taquara do Mundo Novo.

Leptotila chloroachenia IHERING, 1892, Annuário do Rio Grande do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo, Pedras Brancas, São Lourenço.

Leptotila ochroptera chloroachenia HELLMAYR, 1915, Novit. Zool., XVI, p. 94 (no texto): Roça Nova. — CHROSTOWSKI, 1912, Compt. Rendus Soc. Scient. Varsovie, V, ps. 461 e 492: Vera Guarani.

Leptotila ochroptera PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 278, em parte: Jaguaraiaba.

Leptotila ochroptera ochroptera SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Pol. Hist. Nat., V, p. 117: Terezina (Rio Ivaí), Cândido de Abreu, Faz. Concórdia (na vert. ocid. da Serra da Esperança), Faz. Firmiano (Rio da Areia, afl. do Iguaçu), Invernadinha (pto. de Guarapuava).

E' esta uma das raças melhor caracterizadas de *L. verreauxi*, compreendendo todas as populações meridionais da espécie, desde o sul extremo de São Paulo, onde ela cede gradualmente o terreno a *L. v. decipiens*, até o Uruguay e o leste da República Argentina. Como o provam um ♂ e uma ♀ de Iporanga (N.os 30.996 e 30.997 do Dept. de Zoologia), afora o avantajado das dimensões (asa habitualmente com mais de 150 mms., de comprimento, podendo chegar a 164 mms.), ela difere da raça centro-brasileira pela plumagem mais escura, em que predominam os

1) *Leptotila chalcauchenia* SCLATER & SALVIN (ex manuscr. de SALVADORI), 1870, (março), Proc. Zool. Soc. Lond., ano de "1869", p. 633: Conchitas (Argentina, Buenos Aires).

tons cinzentos, em detrimento do vináceo; o alto da cabeça é decididamente plúmbeo, lustrado de verde, clareando progressivamente na metade dianteira, até a fronte, que todavia é muito mais escura do que em *L. decipiens*, antes cinzenta, do que vináceo-brancacenta; as bochechas, loros inclusive, e os lados do pescoço são também mais escuros, cor de cinza, quase sem vinho; as partes inferiores, da mesma forma, apresentam tonalidade fortemente acinzentada no peito, e muita mistura de pardo do abdome.

DISTRIBUIÇÃO. Leste da Argentina (Misiones, Entre Rios, Corrientes, Buenos Aires), Uruguay (San Vicente, Lazcano, Rio Negro)¹ e sudeste extremo do Brasil: sul de São Paulo (*Iporanga), Paraná (Jaguaraíba, Guarapuava, Terezina, Cândido de Abreu, Invernadinha, Rio da Areia etc.), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Mundo Novo, São Lourenço, Pedras Brancas).

A área de distribuição da raça *chlorauchenia* interfere largamente com os limites meridionais da de *decipiens*, a determinação de exemplares isolados oferecendo não raro grandes dificuldades ao sistematista; estas dificuldades são particularmente evidentes nas aves de leste de São Paulo, podendo ser apontado como exemplo um ♂ de Itibi, perto de Amparo (N.º 29.806 do Dept. de Zoologia), que apenas difere dos de Iporanga pelas medidas um pouco menores.

Leptotila verreauxi approximans (Cory)

Leptotila ochroptera approximans CORY, 1917, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser. XII, p. 7: Serra de Baturité (Ceará).

Leptotila ochroptera FORBES, 1881 (não PELZELN, 1870), Ibis, 4a. Ser., XIX, p. 357: Garanhuns. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 555, em parte: Pernambuco (FORBES col.). — REISER, 1910, Denkschr. mathem-naturwiss. Kl. Bayr. Akad. Wiss., LXXVI, p. 88: Sambaíba (Rio São Francisco), Lagoa Parnaíba.

Leptotila verreauxi SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, p. 48: Ceará; idem, 1926, loc. cit., p. 68: Anil, Turiaçu.

Leptotila verreauxi approximans HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 470: Turiaçu, São Luiz, Grajaú, alto Parnaíba, Lagoa Parnaíba, Ibiapaba, Deserto, Arara, Serra de Baturité. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 579: Rio do Peixe (perto de Queimadas), São Marcelo, São Luiz, Serra de Baturité, Grajaú, Turiaçu, Deserto, Ibiapaba, Arara. — LAMM, 1948, Auk, LXV, p. 269: Patos.

Leptotila verreauxi approximans PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., p. 168, em parte: Primeira Cruz (SCHWANDA col.).

Leptotila v. approximans abrange as populações espalhadas pelo nordeste do Brasil, inclusive toda a porção septentrional do Estado da Bahia, até a zona do Recôncavo, onde faz transição insensível com *L. v. decipiens*. Estas duas raças são fáceis de distinguir quando representadas por exemplares topotípicos, caracterizando-se *approximans* não só pelas suas dimensões muito inferiores em média (asa só muito excepcionalmente com mais de 40 cm.), como por diferenças bastante sensíveis no colorido da plumagem, tais como a tonalidade amarelada, menos cinzenta, das partes superiores, a região frontal muito mais clara, quase branca junto do bico, as partes inferiores geralmente também mais pálidas etc.

DISTRIBUIÇÃO. Nordeste do Brasil: norte da Bahia, inclusive o Recôncavo (Rio São Francisco, São Marcelo, Queimadas, *(Bonfim, *Ilha

1) Cf. WETMORE, Bull., 133 Un. St. Nat. Mus., 177 (1926).

de Madre-Deus, *Curupeba), Pernambuco (Garanhuns), Paraíba (Patots), Ceará (*Serra de Baturité), Piauí (Ibiapaba, Arara, Deserto, Lagoa Parnaguá, Maranhão (São Luiz, Turiaçu, *Primeira Cruz, Grajaú, alto Parnaíba).

GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 138) consideraram também como *approximans* as aves de ambas as margens do baixo Amazonas, atendendo o mesmo ponto de vista por nós esposado ao inventariar os exemplares da coleção do Museu Paulista (Rev. Mus. Paul., XXII, 1938, p. 168). Material mais abundante levamos hoje a restringir a área geográfica da raça nordestina, excluindo-a da bacia Amazônica, tal como fizeram HELLMAYR & CONOVER (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, 1942, p. 580).

Leptotila verreauxi brasiliensis (Bonaparte)

Peristera brasiliensis BONAPARTE,¹ 1856, Compt. Rendus Acad. Sci. Paris, XLIII, p. 945: sem indicação de localidade (como pátria típica proponho o Rio Branco, no extremo norte do Estado do Amazonas).

Leptotila verreauxi SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 66: Ilha de Marajó, Ilha Mexiana, Monte Alegre, Faro.

Leptotila verreauxi approximans PINTO (não CORÇ), 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 168, em parte: Santarém, Prainha, Aveiro. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 138: Rio Tapajós, Benevides, Santarém.

Leptotila verreauxi brasiliensis HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 578: Rio Branco (Serra Grande, Boa Vista, Serra da Lua), Lago Cuipeua, Óbidos, Boca do Ig. Piava, Ipomonga, Boim, Tauari, Caxiricatuba, Manacapuru.

Leptotila rufaxilla PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 279, parte (*teste* HELLMAYR): Rio Muriá.

Nas populações baixo-amazônicas de *Leptotila verreauxi*, o dorso e as asas têm, de regra, colorido predominantemente cinzento, mais ou menos como em *L. v. decipiens* ao invés de apresentarem a tonalidade baía ou amarelada peculiar às aves do nordeste brasileiro. As partes inferiores são também um pouco mais claras, especialmente o abdome e as infracaudais; todavia nunca chegam a ser pròpriamente brancos, como às vezes acontece na raça típica da espécie, aparentemente estranha ao Brasil. No trecho inferior do Rio Amazonas, essas características são muito mais evidentes na margem septentrional do que na do sul, onde, a partir do baixo Tapajós, elas experimentam forte tendência no sentido das de *L. v. approximans*. Ainda assim, a julgar pelo material que podemos estudar, as aves das duas margens do baixo Amazonas, consideradas em globo, se assemelham mais entre si do que com as do Maranhão e norte da Bahia, não havendo razão bastante para referí-las à raça nordestina, de preferência à do resto da Amazônia brasileira.

Segundo HELLMAYR (1929), o tipo de *Peristera brasiliensis* Bonaparte foi levado de Lisboa para o Museu de Paris por ET. GEOFFROY ST. HILAIRE, por ocasião do saque levado a efeito pelas tropas napoleônicas comandadas por Junot. Como se sabe que o material brasileiro existente então no museu lisbonense procedia, em quase sua totalidade, das coleções feitas por ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA em fins do século XVIII, podemos presumir, com grande dose de probabilidade que a ave em questão deve provir de alguns dos grandes afluentes do Rio Amazonas viajados por aquele célebre explorador. A escolha do alto Rio Branco como pátria típica da raça amazônica tem a seu favor a dilatada permanência do citado viajante naquele rio, e a verificação, feita por HELLMAYR, de que o exemplar do Museu de Paris concorda com os das Guianas.

DISTRIBUIÇÃO. Guianas Francesa (Cayena, Roche-Marie), Holandesa (Lelydorp)¹ e Inglesa (Rio Demerara, Rio Abary, Quonga)², Brasil amazônico: Rio Branco (Boa Vista, Serra da Lua, Serra Grande), Rio Solimões (Manacapuru), baixo Amazonas (*Itacoatiara, *Silves, Faro, Óbidos, Monte Alegre, *Igarapé Boiçu), baixo Madeira (*Lago do Batista), baixo Tapajós (Boim, *Santarém, *Aveiro, Caxiricatuba, Tauari), Rio Capim (Ipomonga), Rio Acará (Serraria Cabral).

Não há dados positivos sobre as relações zoogeográficas entre *L. v. brasiliensis* e *L. v. verreauxi*, que conhecemos através de um ♂ e duas ♀♀ adultas de norte da Colômbia (La Playa, Rio Magdalena e La Canela), recebidas pelo Museu Paulista do American Museum (col. respect. por CHAPMAN e L. MILLER), em permuta.

A julgar por essas amostras as diferenças que separam a forma típica da raça amazônica são decididamente mais acentuadas do que as existentes entre a última e suas irmãs brasileiras, merecendo destaque o colorido muito mais claro das partes inferiores, a extensão maior da porção terminal branca das rectrizes, o tom vináceo-avermelhado dos lados da cabeça, e a decidida predominância dos reflexos cúpreos sobre os verde-bronze no manto e pescoço adjacente.

Leptotila rufaxilla (Richard & Bernard)

Columba rufaxilla RICHARD & BERNARD, 1792, Act. Soc. Hist. Nat. Paris, I, (1), p. 118: Cayenne (Guiana Francesa).

Afora outras diferenças, a ausência completa de reflexos verde-bronze na região posterior do pescoço distingue, com segurança, esta juriti de qualquer das raças de *L. verreauxi*. Não obstante, o reconhecimento das duas espécies escapa geralmente ao observador comum, que as engloba sob o nome típico de “juriti verdadeira”, ou simplesmente “juriti” (ou ainda “juruti”, pronúncia habitual em São Paulo), distinguindo-se apenas das chamadas “juritis da mata”, nome aplicado às pombas do gênero *Oreopeleia*. Também os próprios naturalistas incidiram na mesma falha, descrevendo sob os mesmos nomes ora uma, ora outra, na suposição de que a ave fosse a mesma. O príncipe MAXIMILIANO, por exemplo, que longamente viajou numa região onde as duas espécies ocorrem com grande frequência, conheceu apenas a de que agora nos ocupamos, não obstante seja ela em quase toda parte menos abundante do que a sua similar. O mesmo aconteceu a BURMEISTER, cuja *Peristera frontalis*, única espécie de juriti por ele descrita em seu “Thiere Brasiliens” corresponde inequivocamente à juriti de pescoço posterior violáceo, sem reflexos verdes.

L. rufaxilla tem distribuição mais restrita do que *L. verreauxi*, e conseqüentemente, não apresenta mais que uma meia dúzia de raças geográficas espalhadas pela América Meridional cisandina, desde o norte extremo da Colômbia e da Venezuela (inclusive a Ilha de Trinidad), até o Uruguay e o nordeste da República Argentina.

1) Pátria típica de *Leptotila verreauxi tenella* PENARD, 1923 (Proc. New England Zool. Club, VIII, p. 35), inseparável de *L. v. brasiliensis* Bp.

2) *Leptotila verreauxi macconnelli* CHUBB, 1917, (Bull. Brit. Orn. Cl., XXXVIII, p. 32), nome proposto para as aves da Guiana britânica, entra na sinonímia da raça amazônica.

A discriminação das subespécies de *L. rufaxilla* apresenta as mesmas dificuldades que apontamos em *L. verreauxi*, nas duas a variação se processando em sentido e de maneira semelhantes. O tamanho médio dos indivíduos, como o demonstra a nossa tabela, aumenta de norte para o sul; mas entre as populações amazônico-nordestinas e as do resto do Brasil há um salto bastante forte para explicar a antiga praxe de separá-las como espécies autônomas.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos.	(da Col. do Dept. de Zoologia)	♂ ♂			♀ ♀		
		asa	cau- da	cul- men	asa	cau- da	cul- men
21.904,	Itacoatiara (R. Amazonas, norte)	136	96	15			
21.745,	(idem, idem)				137	96	16
21.260,	(idem, idem)				134	95	16
21.365,	(idem, idem)				135	93	16
23.078,	João Pessoa (Rio Juruá)				135	103	15
23.074,	Santa Cruz (Rio Eiru)				135	103	14½
16.086,	Rio Arapiuns (R. Tapajós, oeste)	127	97	15			
23.068,	Santarém (R. Tapajós, leste)	133	91	14			
14.631,	Aveiro (idem)	137	98	15			
32.999,	Serra de Baturité (Ceará)	135	99	15½			
12.343,	Coxim (Mato Grosso)	152	104	17			
26.467,	Rio Claro (Goiás)				144	101	15½
33.002,	S. João de Petrópolis (E. Santo)				151	114	16
26.183,	Lins (São Paulo)	146	110	16			
447,	Rio Mogi (idem)	145	112	15½			
8.180,	Ituverava (idem)	148	112	16			
8.181,	(idem, idem)				152	110	16
7.061,	Itatiba (idem)	148	112	15½			
31.539,	Boracéia (idem)	159	119	16			
30.995,	Iporanga (idem)	155	109	16			
31.402,	Serra Negra (idem)	145	102	16			
24.392,	Juquiá (idem)				148	109	17
10.491,	Ilha dos Alcatrazes (idem)				155	111	16½
1.834,	Jacarèzinho (Paraná)	146	110	16			

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
PEPTOTILA RUFAXILLA

- A. Tamanho muito menor (asa com menos de 140 mms. de comprimento)
- B. Partes inferiores mais claras; peito vináceo claro, sem mistura de camurça (Guianas, baixo Amazonas, norte do Maranhão) *L. rufaxilla rufaxilla*
- BB. Ditas de um vináceo menos puro e distintamente tingidas de tons acamurçados ou cervinos (alto Amazonas) *L. rufaxilla dubusi*
- AA. Tamanho maior (asa com mais de 140 mms. de comprimento)
- C. Plumagem relativamente clara, com as partes superiores menos oliváceas, e o abdome quase branco no centro (Brasil este-septentrional e central, Paraguay) *L. rufaxilla bahiae*
- CC. Dita de tonalidade mais carregada, intensamente pardo-olivácea nas partes superiores, com a região trazeira do pescoço de um violáceo mais brilhante, e as partes inferiores de cor mais carregada, especialmente no peito (Brasil este-meridional, Uruguay, nordeste da Argentina) *L. rufaxilla reichenbachii*



Estampa VII
Leptotila verreauxi decipiens (SALVADORI). — ♂.



Estampa VIII

Claravis pretiosa (FERRARI-PEREZ). — ♂

Zenaidura auriculata chrysauchenia (REICHENBACH). — ♂.

***Leptotilla rufaxilla rufaxilla* (Richard & Bernard)**

Leptotilla rufaxilla SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Ilha Mexiana (WALLACE). — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 279, em parte (fide HELLMAYR): Borba. — ALLEN, 1876, Bull. Essex Instit. VIII, p. 82: Santarém. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 551, em parte: Mexiana, Pará, "Pernambuco". — GOELDI, 1897, Ibis, p. 164: Lag. Gr. do Amapá. — HAGMANN, 1907, Zool. Jahrb. (Syst.), XXVI, p. 42: Mexiana. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 67: Óbidos, Faro, Goiana, Mararu. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Nacional, II, p. 68: Turiaçu.

Leptotilla rufaxilla HELLMAYR, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 416: Calama. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 151: Pará (= Belém), Pinheiro. — BRODKORB, 1937, Occas. Papers Mus. Zool. Univ. Michigan, N.º 349, p. 2: Caviana.

Engyptila rufaxilla CHAPMAN & RIKER, 1891, Auk, VIII, p. 162: Santarém.

Leptotilla rufaxilla rufaxilla HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 470: Turiaçu. — PINTO, 1947, Arquiv. Zoolog., V, p. 336: Macapá.

Leptotilla rufaxilla rufaxilla PINTO, 1939, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 166: Rio Arapiuns, Aveiro. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 138: Santarém, Rio Tapajós, Lago Cuipeua, Benevides.

Tomaremos por base de nossa descrição um ♂ adulto de Aveiro (N.º 14.631 da col. do Dept. de Zoologia de São Paulo), localidade situada ao sul do baixo Amazonas, na margem direita do Rio Tapajós. Píleo cor de chumbo, clareando progressivamente em direção à frente, que é quase branca; parte trazeira do pescoço cinzenta, com leve tinta de ruivo, passando gradativamente ao cinzento-violáceo no manto e região interescapular; dorso e coberteiras superiores das asas pardo-azeitonadas, com reflexos de cobre ou violeta, particularmente evidentes na porção alta do dorso; bochechas e lados da cabeça tingidos de ferrugem, com mistura de cinza junto à nuca e nos lados do pescoço; mento e meio da garganta brancos, passando gradualmente ao ferruginoso nos lados e em direção ao pescoço; peito cinzento-avinhado muito claro, com mescla de tons de camurça; abdome esbranquiçado, mais claro no centro, e tingido irregularmente de pardo-aleonado nos flancos e no crisso; coberteiras inferiores da cauda brancas, com a barba externa escurecida até próximo à extremidade e, particularmente as menores, tismadas levemente de camurça; primárias pardo-escuras, com a porção basal da barba interna cor de canela clara, até além da metade; rectrizes pretas, as dos três pares centrais até a ponta, e com o lado superior visivelmente tingido de oliváceo e vinho; as dos pares laterais com a extremidade branca, em extensão muito maior no par externo do que nos dois outros. Medidas: asa 137 mms., cauda 98 mms., culmen 15 mms.

Todos estes caracteres estão sujeitos a variações individuais, às vezes bastante fortes para sugerir a existência de variedades geográficas, quando escasseie material adequado das populações correspondentes. Mais do que isso, o repetido confronto e minuciosa análise das fugidias diferenças sempre presentes entre as unidades de cada série, não raro conduzem a impressão diversa no tocante à sua importância e significação. Tais considerações vêm de um novo exame do material amazônico de *L. rufaxilla* pertencente ao Departamento de Zoologia de São Paulo, onde, infelizmente, a região septentrional do baixo Amazonas continua a carecer de representação adequada, pois o único exemplar praticamente topotípico, uma ♀ do Rio Vila Nova (Macapá) é demasiado imatura para servir de base à conclusão.

Em que pese as conclusões expendidas por nós em trabalho anterior (Arquivos de Zoologia, V, 1947, p. 337), e admitindo-se que a separação das populações este-peruanas tenha apenas praticamente por base a tonalidade amarelo-cervina (menos vinácea) do peito, os exemplares de Itacoatiara apresentam diferenças individuais de tal ordem que, considerados em globo, tanto se poderia referir-los a *L. r. rufaxilla*, com os do baixo Amazonas, como a *L. r. dubusi*, com as do alto Juruá.

Um ♂ adulto da Serra de Baturité (Ceará) doado ao Depart. de Zoologia de São Paulo pelo Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela permite estender consideravelmente para leste a área geográfica de *L. r. rufaxilla*, a menos que ulteriores investigações venham revelar naquela porção árida do extremo nordeste do Brasil a presença de uma raça não descrita. Com efeito, o referido exemplar não encontra nenhum exatamente semelhante entre os da forma típica por nós examinados; mas, além de concordar com os últimos no tocante às dimensões, no que respeita ao colorido da plumagem apresenta em grau máximo uma tendência já verificada nas aves do trecho mais baixo do Rio Amazonas (Macapá, baixo Tapajós), e que se traduz na tonalidade acentuadamente arruivada (tirante a ferrugem) das partes superiores e no colorido ferruginoso das bochechas e lados do pescoço.

DISTRIBUIÇÃO. Guianas Francesa (Cayenne, Camopi, Approuage, Ipousin), Holandesa (Paramaribo) e Inglesa (Rio Demerara, Rio Essequibo, Bartica Grove, Quonga, Rio Mazaruni, Roraima etc.) e norte do Brasil, das margens ambas do baixo Amazonas até o norte do Maranhão: Amapá, *Macapá, Óbidos, Rio Jamundá (Faro), *Itacoatiara, Rio Madeira (Borba, *Lago do Batista, Calama), Rio Tapajós (*Rio Arapiuns, *Santarém, *Aveiro, Goiana, Caxiricatuba, Tauari etc.), ilhas do delta amazônico (Mexiana, Caviana), leste do Pará (Rio Acará, Belém, Utinga, Rio Capim), norte do Maranhão (Turiaçu).

***Leptotila rufaxilla dubusi* (Bonaparte)**

Leptotila dubusi BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Sci. Paris, XL, p. 99: Rio Napo.

Leptotila rufaxilla dubusi HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, 590: Canutama, Lábrea (alto Purus), — GYLDENSTOLPE, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 47: João Pessoa, Lago Grande, Igarapé do Gordão (no alto Juruá) e Santo Antônio (no Rio Eiru). — FRIEDMANN, 1948, Proc. Un. St. Mus., XCVII, p. 401: foz do Rio Maturacá, São Gabriel.

A característica principal, se não única, em que se baseia esta raça é a tonalidade amarelo-camurça ou cervina das partes inferiores; e particularmente do peito, cuja tinta vinácea é conseqüentemente muito menos pura do que em *L. r. rufaxilla*. Duas ♀♀ da região do alto Juruá (João Pessoa e Santa Cruz) participam destas diferenças, concordando fielmente neste particular com uma do Peru, que presumo tipicamente pertencente a *L. r. dubusi*; diferem contudo desta última pela tonalidade muito mais olivácea (menos ruiva) do dorso e das asas, como pela menor quantidade de reflexos cúpreos no manto. Uma das ♀♀ de Itacoatiara (N.º 21.260 da Col. do Dept. de Zool.) conforme já referimos, quase não se pode distinguir das do Juruá, diferenciando-se apenas pela cor mais clara, menos ocráceo-pardacenta do abdome.

***Leptotila rufaxilla bahiae* Berlepsch**

Leptotila reichenbachi bahiae BERLEPSCH, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 177 — baseada em *Leptotila reichenbachi* BERLEPSCH, 1874 (não de PELZELN), Journ. f. Orn., XXII, p. 264: Bahia (exemplar provavelmente do Recôncavo).

- Leptoptila bahiae* SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XX, p. 553: Bahia.
- Engyptila rufaxilla*: ALLEN (não RICHARD & BERNARD), 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada.
- Leptotila rufaxilla reichenbachii* NAUMBURG (não PELZELN), 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 69: Rio São Lourenço.
- Leptoptila reichenbachii* IHER. & IHERING (não PELZELN), 1907, Cat. Faun. Brasil, Aves, p. 24, em parte: Rincão, Rio Mogi-Guaçu.
- Leptoptila rufaxilla reichenbachii* PINTO, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 33: Inhumas; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 167, em parte: Rio Mogi-Guaçu, Itatiba, Ituverava, Lins, "Braunau", Inhumas.
- Leptotila rufaxilla bahiae* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 593: São Marcelo (Rio Preto), Vacaria, Veadeiros (perto de Cavalcante), Rio São Miguel (id.).
- Leptotila rufaxilla reichenbachii* HELLMAYR & CONOVER, opt. cit., p. 593, em parte: São Francisco, Rio Jordão (perto de Araguari).

As populações de *L. rufaxilla* distribuídas pelo Brasil este-meridional e central oferecem ao ornitologista problema ainda mais árduo do que as amazônico-nordestinas, contrastando com a facilidade com que a forte diferença nas dimensões, para não mencionar outras diferenças, permite distinguir as primeiras das últimas. Comparadas com as da faixa costeira de sudeste do Brasil, as aves do Brasil central se distinguem evidentemente pela tonalidade muito mais clara, mais desmaiada, da plumagem, com serem as costas muito menos oliváceas (mais pardo-amareladas), o peito menos tingido de vinho, e o abdome mais claro, às vezes quase branco no centro. Estes caracteres experimentam todavia variações muito largas, parecendo relacionar-se antes de tudo com as condições ecológicas das várias regiões, predominando, como de regra, tonalidade mais carregada e coloração mais brilhante nos exemplares provenientes das zonas húmidas, vestidas de mata, enquanto que nas áreas descobertas observam-se cores apagadas e pouco lustrosas. A região trazeira do pescoço e o manto, cujo colorido é tão importante na caracterização desta espécie, difere também bastante em cada caso, a tinta violácea sendo muito mais intensa e brilhante na generalidade dos indivíduos da faixa litorânea florestada, do que nos do planalto central e adjacências.

Com base nestas diferenças, que a comparação de certos exemplares pode tornar gritante, é aceitável a separação de duas raças geográficas no complexo primitivamente formado por *L. reichenbachii*. Entretanto, a julgar pelo material ao nosso dispôr, força é admitir que a área da raça meridional deve ser consideravelmente ampliada para o norte, de maneira a alcançar, através da faixa montanhosa que perlonga a costa meridional do Brasil, o sudeste florestado da Bahia. Isso nos permitirá referir à forma sulina um ♂ adulto de Ilhéus (N.º 33.000 do Dept. de Zoologia), que pelos seus caracteres de plumagem concorda muito mais com os de sudeste de São Paulo do que com os de Goiaz e Mato Grosso. No sul, pelo contrário, torna-se necessário restringir os limites classicamente aceites para *L. r. reichenbachii*, em proveito da raça bahiana, de cujos característicos decididamente participam, com raras exceções, os exemplares do centro e oeste de São Paulo.

O tipo de *L. r. bahiae* terá procedido muito provavelmente da região adjacente à bahia de Todos os Santos, mais comumente conhecida por Recôncavo, a partir de onde é de crer que *L. r. reichenbachii* seja substituída pela raça centro-brasileira, infelizmente não representada por espécimes topotípicos nas coleções em estudo. Por motivos óbvios, referiremos à *bahiae* as localidades do norte da Bahia (Rio Preto etc.) mencionadas pelos autores.

DISTRIBUIÇÃO. Paraguay (Sapucay, Vila Rica, Santa Bárbara, Itapé), Brasil oeste-meridional e central: norte e oeste da Bahia (São Marcelo, Recôncavo?), Goiaz (*Inhumas, *Rio Claro, Veadeiros, Rio São Miguel), Mato-Grosso (Chapada, Vacaria, *Coxim), este de São Paulo *Ituverava, *Lins, *Braunau, Rio Mogi-Guaçu, *Itatiba).

Leptotila rufaxilla reichenbachii (Pelzeln)

Leptotila reichenbachii PELZELN, 1870, Orn. Bras. III, pp. 279 e 337: Tipos de Ipanema (sudeste de São Paulo), colecionado por NATTERER entre abril e agosto de 1819 (ou 1820).

Leptotila reichenbachii BERL. & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 177: Taquara do Mundo Novo. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 553: Mato-Dentro (NATTERER), Cantagalo (EULER). — IHERING, 1899, Anuário R. Grande do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo, São Lourenço; idem, 1893, Rev. Mus. Paul., III, p. 402: Iguape (KRONE). — CHROSTOWSKI, 1912, Compt. Rend. Soc. Scient. Varsovie, V, ps. 461 e 492: Vera Guarani. — SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Pol. Hist. Nat., V, p. 117: Fazenda Firmiano, Fazenda Ferreira, Terezina, Cândido de Abreu.

Leptotila reichenbachii IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Bras., Aves, p. 24, em parte: Iguape, Ourinho (= Jacarézinho). — MIRANDA-RIBEIRO, 1923, Arch. Mus. Nacional, XXIV, pp. 243 e 253: Caminho do Couto (Itatiaia). — HOLT, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, p. 282: Serra do Itatiaia.

Leptotila rufaxilla reichenbachii PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 167, em parte: Ilha dos Alcatrazes, Jacarézinho.

Columba iamaicensis WIED (não *C. jamaicensis* LINNÉ), 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 341 (340 na ed. in-oct.), no texto: Ilha Cachoeirinha (Rio Belmonte).

Columba rufaxilla WIED (não RICHARD & BERNARD), 1833, Beitr. Naturges. Bras., LV, (2), p. 474 (não refere localidades).¹

Leptotila rufaxilla reichenbachii HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 593, em parte: Fazenda Caióá (Rio Paranapanema), Ipanema, Vitória, Roça Nova (Serra do Mar). — H. F. A. CAMARGO, 1946, Pap. Avulsos do Dept. de Zool., VII, p. 157: Boracéia.

Entre os exemplares de São Paulo, tomaremos como base de descrição uma ♀ adulta, em esplêndida plumagem, procedente de Poço Grande, no alto Rio Juquiá (vertente oriental da Serra do Paranapiacaba) zona de matas semelhantes às que havia em Ipanema, ao tempo da viagem de NATTERER. Alto da cabeça cinzento-plúmbeo, clareando progressivamente em direção à frente; que é quase branca, e tingem-se levemente de ocráceo junto ao bico; nuca, região trazelra do pescoço de colorido violáceo-purpurino brilhante, sobre fundo cinza-claro; dorso e lado superior das asas pardo-oliváceos, com cambiantes fracos de ruivo e distintamente lustrados de reflexos brônzeos e cúpreos; primárias pardo-escuras, com a metade basal da barba interna tingida de canela até próximo ao raque, exceção feita da mais externa, que é acanelada apenas na orla; coberteiras inferiores das asas e axilares cor intensa de canela; bochechas, região auricular e lados do pescoço pardo-ocráceos, passando a violáceo em direção à nuca e à região interescapular; mento e garganta brancos passando a pardacento nos lados e tingindo-se de vináceo em direção ao peito; peito cor clara de vinho, sobre fundo acinzentado e lustrado de reflexos violáceos; abdome esbranquiçado, quase alvo no centro e fortemente tingido de pardo-cinza nos lados; tíbias pardas, com abundante mistura de penas escuras, quase

1) A descrição corresponde a *L. r. reichenbachii*; mas convem não esquecer que o príncipe de Wied não chegou a fazer distinção entre as duas juritís do gênero *Leptotila* encontradas na zona em que ele viajou.

pretas; crisso branco, lavado de ocre; infracaudais alvas, com a barba interna e a porção basal da externa sombreadas de pardo-escuro; rectrizes centrais pardo-azeitonadas, com o lado superior lustrado de violeta; as subcentrais, semelhantes às do primeiro par, porém menos brilhantes e com a orla terminal distintamente desbotada; as dos demais pares escuras, com a extremidade branca, em extensão crescente das mais centrais para as laterais. Bico pardo-escuro; patas cor de rosa, mudadas em amarelo pela dessecação. Medidas: asa 148 mms; cauda 109 mms; culmen 17 mms.

Como acontece em todas as populações de *L. rufaxilla* e já antes ficou dito é muito grande a variação individual verificada na subespécie de que agora nos ocupamos, exemplares havendo, como um ♂ de Jacarèzinho (norte do Paraná) e uma ♀ da Ilha dos Alcatrazes (litoral de São Paulo), em que as características da subespécie sulina se acham acentuadas, por assim dizer, até o exagero, ao lado de outros, como um ♂ de Iporanga (sudeste de São Paulo), praticamente inseparáveis dos de Goiaz e oeste de São Paulo. As populações da faixa litorânea do Brasil meridional mantêm as características das do sul de São Paulo, assim acontecendo até as proximidades do Recôncavo, onde *L. reichenbachii* passa provavelmente a ser substituída por *L. r. bahiae*.

DISTRIBUIÇÃO. Nordeste da Argentina (Misiones), Uruguay (Payсандú), sul e sudeste do Brasil: Rio Grande do Sul (Mundo Novo, São Lourenço), Paraná (Vera Guarani, Terezina, Rio Putinga, Cândido de Abreu, Roça Nova, *Jacarèzinho), sul e leste de São Paulo (Ipanema, Mato Dentro, *Iguape, Ilha dos Alcatrazes, *Iporanga, *Juquiá, *Boracéia), Rio de Janeiro (Cantagalo, *Terezópolis, Itatiaia), Espírito Santo (*São João de Petrópolis), sul da Bahia (Rio Belmonte, Ilhéus).

Gênero CLARAVIS Oberholser

Claravis OBERHOLSER, 1899, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LI, p. 203 — nome novo para *Peristera* SWAINSON.

Peristera (não de RAFINESQUE, 1815) SWAINSON, 1827, Zool. Journ., III, p. 360. Tipo, por designação original, *Columba cinerea* TEMMINCK (= *Peristera pretiosa* FERRARI-PEREZ).

Compreende este gênero colúmbidas de porte pequeno ou mediano, menor que o das pombas e juritis, e maior que o das rolas comuns, sexos profundamente diferenciados no colorido da plumagem (cinzenta nos ♂♂ e parda nas ♀♀), e primeira (a contar de fora) rêmige primária bruscamente afilada na parte terminal.

Das três espécies incluídas neste grupo neotrópico (sul do México ao norte da Argentina) duas ocorrem no Brasil, conservando ambas eminentemente constantes as respectivas características, em todas as populações.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO GÊNERO CLARAVIS

- A. Partes superiores cinzento-ardosiadas; lado inferior muito mais claro (♂♂ adultos).
- B. Rectrizes laterais (exceptuada a porção basal extrema), coberteiras inferiores da cauda e baixo abdome brancos, passando a cinzento-azulado no peito; lado externo das asas ornado de largas manchas (ou espelhos) transversais, normalmente dispostas em três faixas, de colorido cas-

- tanho-escuro, lustradas de violeta e debruadas posteriormente de branco, com estreita faixa preta de permeio .. *C. godefrida*
- BB. Rectrizes pretas até a extremidade; coberteiras inferiores da cauda cinzento-ardosiadas, como também o baixo abdome, sempre muito mais claro que o peito; lado externo das asas manchado de nódoas negras, de forma arredondada, e dispostas, mais ou menos regularmente, em séries transversais *C. pretiosa*
- AA. Partes superiores pardo-arruivadas, distintamente lustradas de oliva no mento e no dorso; as inferiores muito mais claras, especialmente no abdome (♀ ♀ ad. e ♂ ♂ jov.)
- C. Rectrizes pretas até a extremidade, as laterais apenas tingidas de ruivo na orla externa; manchas das asas relativamente pequenas e dispostas em numerosas faixas irregulares *C. pretiosa*
- CC. Rectrizes (lado inferior) pretas, com a parte terminal branco-arruivada, como as coberteiras inferiores da cauda; manchas das asas grandes, regularmente dispostas em três faixas (espelhos) transversais *C. godefrida*

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez)

Peristera pretiosa FERRARI-PEREZ,¹ 1886, Proc. Un. St. Nat. Mus., IX, p. 175: Jalapa (Vera Cruz, México).

Peristera cinerea. BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 303: Nova Friburgo. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Meddel. naturhis. For., p. 57: Lagoa Santa. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 278: Porto do Jacareí, Ipanema, "Irisanga", cid. de Mato Grosso (NATTERER col.). — CABANIS, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 230: Cantagalo. — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada (H. SMITH col.). — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 491: Rio Capim (WALLACE col.), Bahia (WUCHERER), Chapada (H. SMITH). — IHERING, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 401: Piracicaba (VALENCIO BUENO col.). — SALVADORI, 1900, Bol. Mus. Torino, XV, N.º 378, p. 14: Carandázinho.

Claravis cinerea REISER, 1910 e 1925, Denks. mathem.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, pp. 88 e 192: Amarração, Queimadas.

Claravis pretiosa IHER & IHERING, 1907, Catal. Fauna Bras., Aves, p. 23: Rio Mogi-Guaçu (HEMPER col.), Rincão (LIMA), Espírito Santo (= Pau Gigante, E. GARBE col.), Mariana (J. B. GODOY). — HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 93: Rio Araguaia (G. A. BAER col.). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 66: Rio Maicuru (SNEHTLAGE col.); idem, Bol. Mus. Nacional, II, N.º 6, p. 48: Ceará. — HELLMAYR, 1929, Field Mus Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 470: Tranqueira (Col. de CONOVER), Amarração (REISER col.). — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 69: Urucúm (Exped. ROOSEVELT-RONDON). PINTO, 1932, Revist. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., p. 711: Valparaizo (PINTO col.). — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci., Phila., LXXXVI, p. 378: Descalvados. — PINTO, 1935, loc. cit., XIX, p. 67: Rio Gongogi (PINTO col.), Bonfim (GARBE col.); idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 165: Rio Feio (GÜNTHER col.), Braunau (LIMA col.), Miranda (JOSÉ LIMA col.), afora velhos registros; idem, 1938, Boletim Biológico, Nov. Ser., III, p. 103: Rio das Mortes (W. GARBE col.). — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Comp. Zool., p. 137: Santarém (CARNEGIE Mus.), Vila Braga. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, Pte. 1, N.º 1, p. 554: Santarém, Tauari, Pinhel, Acará, Tomé-açu, Tranqueira.

Entre a gente do campo, o nome trivial mais comumente usado para esta linda pombazinha parece ser "rola azul"; como só caiba apropriadamente aos indivíduos do sexo masculino, impossível não é que as fêmeas sejam havidas em muitos lugares por ave diversa. Segundo GOELDI (As Aves do Brasil, 1894, p. 373), a ela corresponderia o nome "picui-peha", usual entre os primitivos habitantes.

1) Nome novo para *Columba cinerea* (não de SCOPOLI, 1786) TEMMINCK, 1811, em TEMM. & KNIP, Les Pigeons, 1, Colombes, p. 126, pl. 58 (♂): "au Brésil".

As características do ♂ adulto são a seguir descritas, utilizando-se um exemplar do Departamento de Zoologia, (No. 26.170), procedente da Fazenda Varjão, no oeste de São Paulo (município de Lins). Todo o lado superior é cinzento-azulado (cor clara de ardósia), muito mais claro na região interescapular e no alto da cabeça do que no dorso, e passando gradualmente a branco quase puro na fronte; coberteiras superiores das asas e rêmiges terciárias cinzento-azuladas, um pouco mais claras do que o dorso, muitas com a barba externa enfeitada, pró-

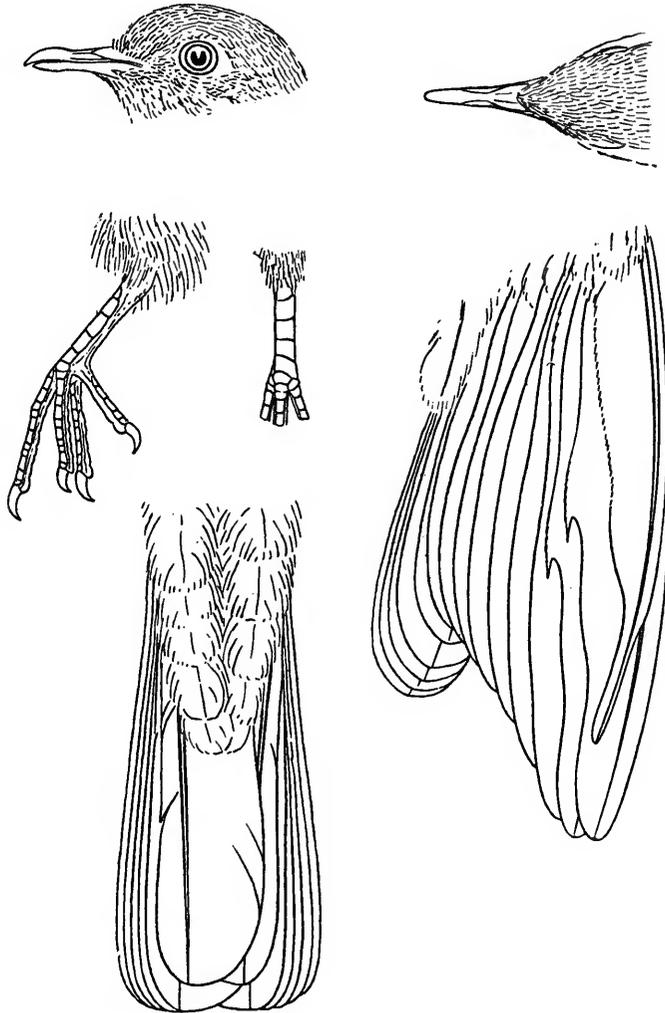


Fig. 8 — *Claravis pretiosa* (FERRARI — PEREZ). ♂ de Bonfim (Bahia).

ximo à ponta, de uma nódoa negra, arredondada (nas penas menores) ou retangular, e lustrada de azul ferrete; rêmiges primárias e asa bastarda pardo-escuras, com o lado de baixo mais claro; partes inferiores muito mais claras do que as superiores, com as infra-caudais cinzento-azuladas, e esmaecendo progressivamente em direção ao peito a ponto de tornar-se perfeitamente branca na garganta; coberteiras inferiores das asas da cor do abdome, cinzento-azulado muito claro; rectrizes centrais

cinzento-azuladas no lado superior e pretas na inferior; as demais com o lado superior cinzento-azulado até próximo a ponta, que é preta, como todo o lado inferior. Medidas: asa 114 mms., cauda 82 mms., culmen 15 mms.

A fêmea, como difira muito do sexo oposto, será descrita em pormenor, com base num exemplar adulto de Porto Cabral (Rio Paraná, Estado de São Paulo) pertencente à coleção do Departamento de Zoologia (No. 27.517): partes superiores pardo-sepiáceas, levemente lustradas de oliváceo e passando a ruivo-pardacento no uropígio e nas coberteiras superiores da cauda; coberteiras superiores das asas e rêmiges terciárias da cor do dorso, muitas com a barba externa manchada de nódoa transversal cor de canela, com as bordas limitadas por interstício branco, ou pelo menos mais claro do que o colorido geral; primárias e asa bastarda escuras, como também as coberteiras superiores respectivas; garganta branca, sem limites definidos com o pescoço e o peito, pardo-acanelados; abdôme muito mais claro, lavado de cinza; infra-caudais cinzento-azuladas, com intensa mescla de canela; rectrizes centrais ruivo-acaneladas, com o lado superior lustrado de reflexos verde-purpúreos; demais rectrizes pretas, com o lado superior mais ou menos extensamente tingido de ferrugem, as laterais extremas com a orla da barba externa descorada, quase branca.

No que respeita às medidas, sua média se mantém, praticamente invariável nas diferentes populações brasileiras da espécie, e é quase nula a diferença existente neste particular entre os dois sexos.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos.	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
23.087, Caxiricatuba (Rio Tapajós) .	110	77	14			
22.686, (idem, idem)	116	80	13			
22.687, (idem, idem)				110	80	15
22.689, (idem, idem)				110	79	14
7.390, Bonfim (Bahia)	117	85	15			
7.278, (idem, idem)	114	84	13			
13.951, Rio Gongogi (idem)	114	82	13½			
7.388, Bonfim (idem)				111	75	14½
13.952, Rio Gongogi (idem)				115	83	13
24.534, Barra do Sussuí (Minas) ..	116	82	15			
6.061, Mariana (idem)	114	80	15			
24.535, Barra do Sussuí (idem) ..				113½	79½	14½
32.997, Pau Gigante (Esp. Santo) ..	114	79	14½			
32.998, (idem, idem)				111	77	14½
6.318, Espírito Santo (Rio Doce?) .				110	80	14½
26.169, Lins (São Paulo)	113	79	15			
26.170, (idem, idem)	114	82	15			
26.167, (idem, idem)				110	80	13
27.514, Porto Cabral (São Paulo) ..				112	80	15
27.895, Rio Verde (Goiáz)	116	80	15			
27.896, (idem, idem)				112	77	15
17.539, Rio das Mortes (Mato Grosso)	115	76	15			
12.331, Miranda (idem)				116	79	14
17.108, Coxim (idem)				114	79	15

DISTRIBUIÇÃO. Esta espécie habita as zonas quentes do continente Americano a partir do sudeste do México (Vera Cruz, Tampico, Yucatan, etc.), através de toda América Central, da Colômbia (Rio Magdalena, Rio Cauca, Bonda, Santander, Villavicencio, Florencia, etc.), Venezuela (Rio Orenoco, Rio Caura), Ilha de Trinidad, Guiana Inglesa

(Rio Demerara, Quonga, Bartica, Ourumee, etc.), Guiana Francesa (Cayenne), Equador (Chimbo, Balzar, Rio Peripa, Santo Domingo, Esmeraldas) e Peru (Xeberos, Chamicuros, Tarapoto, Rio Ucayali), até a Bolívia (Rio Beni, Santa Cruz), o Paraguai (Rio Pilcomayo, Alto Paraná), e norte da Argentina (Tucumán, Misiones), inclusive quase todo o Brasil: Rio Tapajós (Santarém, *Caxiricatuba, Tauari, Pinhel, Vila Braga), Rio Acará (Tomé-açu), Rio Capim, Rio Maicuru, Maranhão (Tranqueira), Piauí (Amarração), Ceará, Bahia (*Bonfim, Queimadas, *Rio Gongogi), Espírito Santo (*Pau Gigante), Minas Gerais (Lagoa Santa, *Mariana, *Rio Piracicaba, *Rio Sussuí), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Terezópolis, Cantagalo), São Paulo (Ipanema, Jacareí, Orisanga, *Rio Mogi-Guaçu, Piracicaba, *Rio Feio, *Braunau, *Lins, *Valparaizo, *Ribeirão Mato Grosso, *Rio Tietê, Rio Paraná, *Porto Cabral), Santa Catarina (*teste* HELLMAYR & CONOVER), Goiaz (Rio Claro), Mato Grosso (Urucum, *Miranda, *Coxim, Vila Bela de Mato Grosso).

Claravis godefrida (Temminck)

Columba godefrida TEMMINCK, 1811, em TEMMINCK & KNIP, Les Pigeons, I, Colombes, p. 125 (descrição do macho adulto): "Brésil".¹

Columba geoffroyi TEMMINCK & KNIP, 1811, Les Pigeons, I, Colombes, pl. 57. — TEMMINCK, 1813, Hist. Nat. Pige. et Gallin., I, pp. 297 e 476: "Brésil".

Columba geoffroyi WIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 341 (340 na ed. in-oct.): Ilha Cachoeirinha (Rio Belmonte); idem, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 461: Rio Belmonte, Rio Mucuri.

Peristera geoffroyi BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 304: Nova Friburgo. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 57: Lagoa Santa. — PELZELN, 1870, Zur Orn. Bras., pag. 278: Luiz d'Almeida, Mato-Dentro, Ipanema (NATTERER). — CABANIS, 1874, Journ. f. Ornith., XXII, p. 230: Cantagalo. — BERLEPSCH, 1874, loc. cit., p. 242: Blumenau. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 494: Bahia (WUCHERER). — IHERING, 1892, Rev. Mus. Paul., III, p. 402: Piracicaba (VALENCIO-BUENO).

Claravis geoffroyi IHERING & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 23: Alto da Serra (HEMPEL col., 1899), Piracicaba.

Assemelha-se muito esta pomba à anterior; mas é bem maior do que ela e de distribuição geográfica mais restrita, conquanto em grande parte coincidente. Também, apesar de tê-la BURMEISTER encontrado na Serra dos Orgãos (Nova Friburgo) em maior abundância do que a sua congênera, é seguramente em quase toda parte muito menos comum, donde a sua relativa raridade nas coleções dos museus. O Museu Paulista, por exemplo, em cinquenta anos de atividade, não conseguiu reunir mais de dois exemplares, aos quais o Departamento de Zoologia pode acrescentar apenas um, através da liberalidade do Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela.

O Príncipe de WIED, de cujo informe se têm apropriado todos os autores subsequentes, ouviu chamar esta espécie no sul da Bahia de "pomba espelho", nome que muito bem lhe cabe, e é ainda hoje o único autenticamente registrado.

A descrição que se segue tem base num macho adulto da Serra da Cantareira (a cerca de duas léguas a oeste da cidade de São Paulo),

1) Desconhece-se a pátria típica desta pomba, e tampouco se encontra na literatura ornitológica qualquer elemento que permita desvendar de onde teria o Museu de Paris recebido o exemplar utilizado por TEMMINCK em sua descrição. Todavia, é quase certo ter ele procedido de algum ponto do litoral do Brasil, e mais provavelmente do Rio de Janeiro, que formalmente propomos como localidade típica da espécie.

colecionado pelo Dr. FLAVIO DA FONSECA, em outubro de 1937: partes superiores cinzento-ardosiadas, com o manto mais claro do que o dorso e as supracaudais; píleo cinzento-ardosiado na metade posterior e clareando gradativamente em direção à frente, branco-acinzentada; rêmiges terciárias e coberteiras superiores das secundárias cinzento-ardosiadas, as menores com uma nódoa azul-ferrete formando juntas uma primeira faixa no alto da asa; as maiores, dispostas em duas faixas, com larga mancha acatassolada de reflexos violáceo-arruivados na porção subterminal da barba externa (interessando também por vezes a porção adjacente da barba interna), e separada da extremidade clara (às vezes quase branca) da pena por uma faixa preta, estreita, e de limites mal definidos; primárias e coberteiras superiores respectivas escuras, aquelas com a fimbria externa esbranquiçada, estas com a barba externa quase preta; mento e porção alta da garganta brancos, levemente tingidos de cinza; partes inferiores restantes cinzento-ardosiado claro no pescoço, no peito e nos flancos, clareando no abdome, e passando a branco imaculado no crisso e nas coberteiras inferiores da cauda; rectrizes centrais cinzento-ardosiadas, com o lado inferior mais desmaiado; as do segundo par muito mais claras, e quase brancas no lado inferior; demais rectrizes brancas, com a base cor de cinza em extensão decrescente das mais centrais para as laterais, em que quase não há cinza; coberteiras inferiores das asas e axilares escuras, quase pretas. Medidas: asa 124 mms., cauda 89 mms., culmen 16 mms.

O bico é anegrado na ave viva, as patas vermelho-sanguíneas e a iris pardo-escura, com a orla alaranjada (WIED).

A fêmea tem as partes superiores pardo-arruivadas, lustradas de bronze no dorso, e com predominância do ruivo na frente e nas coberteiras superiores da cauda; asas pardo-acaneladas, enfeitadas de três faixas transversais, a primeira, correspondendo às coberteiras superiores menores, azul-negra, com cambiantes de ruivo, e as duas outras violáceo-ferruginosas, muito mais largas e constituídas por grandes manchas situadas na barba externa das coberteiras superiores e médias, próximo à ponta, que, via de regra, é esbranquiçada, com um interstício escuro de permeio; primárias sepíáceas escuras; coberteiras superiores das primárias e asa bastarda pardo-acaneladas, com o peito sombreado de cinza, o abdome brancacento, e acentuada tinta de ruivo na garganta, tibia e coberteiras inferiores da cauda; rectrizes centrais pardo-acaneladas; as demais pretas até próximo à ponta, que é clara, com mescla de canela. As medidas dos exemplares ao nosso dispôr demonstram também nesta pomba diferença apreciável de tamanho entre os dois sexos.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos.	(da Col. do Dept. de Zoologia)	asa	cauda	culmen
17.040,	♂, Serra da Cantareira (São Paulo)	124	89	16
33.003,	♀, Terezópolis (Rio de Janeiro)	118	83	15½
333,	♀, Alto da Serra (São Paulo)	117	80	15½

DISTRIBUIÇÃO. Nesta espécie as populações de máxima densidade parece corresponderem nos dias de hoje à faixa costeira montanhosa do Brasil meridional; essa área todavia se estende para o sul até as zonas fronteiriças do Paraguai e da Argentina, chegando também, por outro lado, até a Bahia. Leste do Paraguai (Rio Paraná), nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Brasil: Santa Catarina (Blume-

nau), São Paulo (Mato-Dentro, Ipanema, *Alto da Serra, Piracicaba, *Serra da Cantareira), Rio de Janeiro (São Luiz d'Almeida, Nova Friburgo, *Terezópolis, Cantagalo), sul de Minas (Lagoa Santa), sul da Bahia (Rio Mucuri, Rio Belmonte).

Gênero **OXYPELIA** Salvadori

Oxyptelia SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 490. Tipo por designação original *Peristera cyanopsis* PELZELN.

As afinidades deste gênero monotípico afigura-se-nos serem principalmente com *Claravis*, de que tem em comum o brusco adelgaçamen-

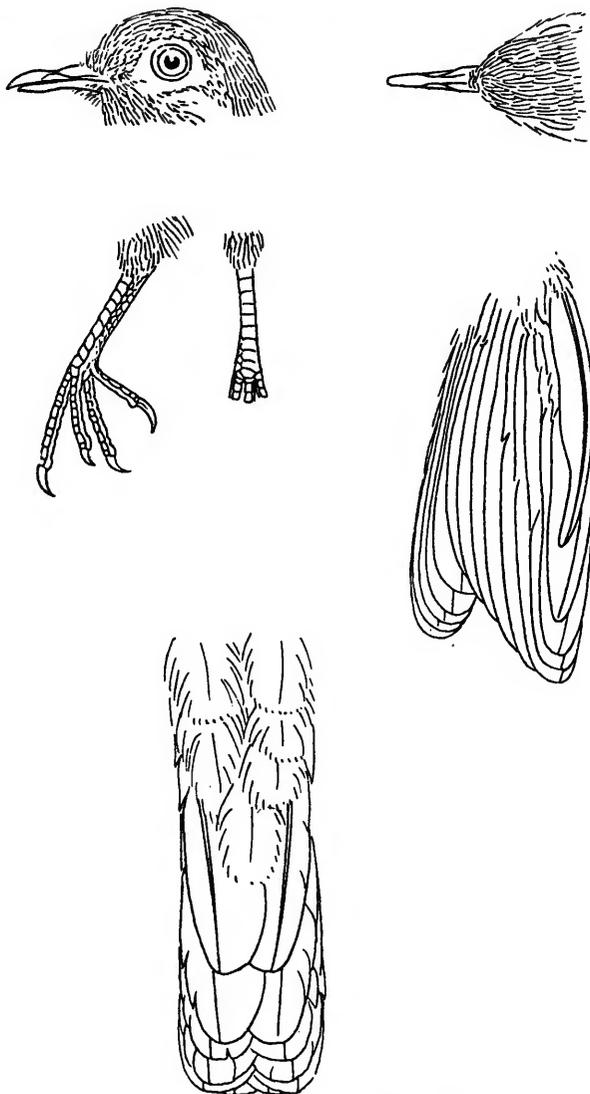


Fig. 9 — *Oxyptelia cyanopsis* (PELZELN). ♂ de Itapura (São Paulo, Rio Paraná).

to da porção terminal da primária externa; mas difere do último em muitos pontos importantes, entre os quais merecem destaque a cauda

proporcionalmente mais longa (apenas mais curta do que a asa), o comprimento muito menor das rectrizes laterais (cauda graduada), a ausência, nos dois sexos, de entalhe ou dente em qualquer das rêmiges primárias, e a muito maior semelhança no colorido da plumagem de ambos os sexos. A primária externa, afora o afilamento da parte terminal, e seu tamanho muito menor do que o das demais, chama ainda a atenção pela sua forma especial, arqueada em lâmina de alfange.

Oxyptelia cyanopsis (Pelzeln)

Peristera cyanopsis PELZELN, 1870, Zur Orn. Brasil., XXI, pp. 277 e 336: Cuiabá (Mato Grosso, NATTERER col.).

Oxyptelia cyanopsis SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 490, pl. X, fig. 1: Cuiabá (exempls. de NATTERER). — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 23: Itapura (E. GARBE col.). — PINTO, 1941, Arquivos de Zoologia, II, p. 1, nota 2: "zona do Rio Verde" (sul de Goiaz, W. GARBE, 1940); idem, 1945, loc. cit., VI, art.º 8, p. 276, nota 1: Rio Claro (Goiaz, W. GARBE, 1941).

Entre os colúmbidas do Brasil merece este particular atenção, já pelas suas características muito próprias, já, e muito principalmente, pela extrema raridade.¹

Conta-se esta espécie entre as rolinhas menores, podendo sob este particular ser equiparada apenas a *Uropelia campestris*, de que todavia logo se distingue pela cauda mais curta, muito menos graduada, como pelo colorido assás diferente da plumagem. Durante muito tempo, quase nada se soube a respeito de sua distribuição, pois até 1904, quando E. GARBE obteve, em Itapura, no extremo oeste de São Paulo, um ♂ aduto para o Museu Paulista, não consta que se conhecessem outros indivíduos além dos cinco, ♂ ♂ e ♀ ♀, coleccionados oitenta anos antes por NATTERER em Cuiabá, no centro de Mato Grosso. Procedem deste primitivo lote os exemplares existentes em alguns museus da Europa, que os receberam do de Viena, provavelmente por permuta. Nos anos que se seguiram à redescoberta da ave em Itapura, apesar do afã com que a procuraram sucessivas expedições, dentre as quais a grande Expedição Roosevelt-Rondon (1913-14), todos os esforços para obter novos espécimes para os museus foram completamente infrutíferos. Só em fins de 1940 voltou ela a ser inesperadamente encontrada no sul de Goiaz, não longe do Rio Claro (Fazenda Transwaal, munic. do Rio Verde), por W. GARBE (filho do primeiro). O único exemplar coligido nesta ocasião, um ♂ adulto em perfeita plumagem, foi adquirido por TH. BARBOUR para as colecções do Museum of Comparative Zoology (Harvard College), de Boston. No ano imediato, voltando à mesma localidade, teve W. GARBE a felicidade de conseguir uma ♀ adulta, hoje pertencente à coleção ornitológica (Nº 27.800) do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Segundo nos informou esse colecionador, os seus exemplares foram mortos pela manhã, em campo descoberto. Além destes, teve ocasião de vêr outros, sempre no chão, à maneira das rolas comuns, ora aos casais, ora solitários. Nenhuma outra observação biológica foi possível fazer, tudo se ignorando com respeito à reprodução da espécie.

O ♂ de Itapura servir-nos-á de base à descrição que damos a seguir. Alto da cabeça e pescoço posterior chocolate, com cambiantes de vinho, e

1) O. PINTO, Boletim Biológico, Nov. Ser., III, n.º 5, p. 7 (1937).

passando a ferrugem em direção à frente; região superciliar e loros de cor ferruginosa, passando a vináceo-cinza na região auricular e lados do pescoço; dorso, rêmiges terciárias e uropígio pardo-oliváceos, passando insensivelmente a vináceo-arruivado no manto e base do pescoço; coberteiras superiores da cauda cor de canela intensa, com cambiantes leves de vinho; grandes coberteiras superiores das asas pardo-oliváceas; pequenas e médias coberteiras vináceo-acaneladas, muitas delas com uma grande nódoa azul-ferrete na barba externa, às vezes (pequenas coberteiras) de forma elíptica, ou arredondada, porém mais geralmente sub-retangular, com o bordo posterior limitado por estreita orla mais clara; primárias cor de canela, com as extremidades pardo-escuras, e a barba externa mais ou menos extensamente da mesma cor; coberteiras inferiores das asas cor de ferrugem; peito ocráceo-ferruginoso, com abundante mistura de vináceo em direção ao pescoço, e dos lados; garganta muito mais clara, brancacenta, com leve tinta de ferrugem; abdome muito mais claro do que o peito, esbranquiçado no centro, e tingido de ocre e cinza nos flancos; infracaudais brancas, sombreadas irregularmente de ocráceo; rectrizes centrais pardo-acaneladas, com a ponta escurecida; as laterais extremas pretas, com a borda da barba externa branca junto à extremidade; rectrizes dos pares intermédios escuras, com a barba externa cor de canela até próximo à ponta, que é preta, com forte lustro azul-ferrete no lado de cima. Bico escuro, quase preto; pés cor de rosa, amarelados no exemplar seco. Medidas: asa 69 mms., cauda 67 mms., culmen 11 mms.

A ♀ de Goiaz assemelha-se em quase tudo ao ♂ de Itapura; mas tem o abdome muito mais claro, branco imaculado no centro, como também as infracaudais. O peito, pardacento, quase não tem ocre; a tinta vinácea é mais fraca, tanto na cabeça e pescoço, como nas coberteiras superiores das asas. Mede 67 mms. de asa, 64 mms. de cauda e 10 mms. de culmen.

DISTRIBUIÇÃO. Só é conhecida no Brasil central: Mato Grosso (Cuiabá), sul de Goiaz (*Fazenda Transwaal, na região do Rio Claro), extremo oeste de São Paulo (*Itapura).

Gênero *ZENAIDURA* Bonaparte

Zenaidura BONAPARTE, 1855, Coptes. Rendus de l'Acad. Sciences de Paris, XL, N.º 3, p. 96: tipo, por designação original, *Columba carolinensis* LINNÉ.

E' este de todos os gêneros de *Columbidae* representados na fauna brasileira o único a possuir 14 rectrizes (em vez de 12). De porte meão, inferior ao das juritis (*Leptotila*), porém bem maiores do que as rolas comuns, cauda mais ou menos longa e acentuadamente escalariforme, dedos pouco longos (o médio apenas mais comprido do que o tarso), são fáceis de reconhecer pela presença de uma nódoa azul-negra, brilhante, de cada lado do pescoço, logo abaixo da região auricular. As secundárias, além disso, são de colorido uniforme, ao contrário do que acontece no vizinho gênero *Zenaida* BONAP.¹, cujas espécies, estranhas aliás ao Brasil, têm as secundárias brancas na ponta.

A tendência hoje é reconhecer em todo território brasileiro uma única espécie, *Zenaidura auriculata* (DES MURS), com raças geográficas, mais ou menos diversificadas no colorido e tamanho médio.

1) *Zenaida* BONAPARTE, 1838, Geogr. & Comp. List. Bds. Eur. & N. Amer. p., 41: tipo, por tautonímia, *Zenaida amabilis* BONAPARTE (= *Columba zenaida* BONAPARTE).

Zenaidura auriculata (Des Murs)

Peristera auriculata DES MURS, 1847, em Gay, Hist. Fis. Pol. Chile, Zool., I, p. 381, pl. 6: Chile (região central).

Conforme o conceito atual, esta espécie, cuja forma típica é própria do Chile, acha-se representada por uma dezena de raças geográficas ditribuídas por todo o continente sul-americano, inclusive as Ilhas Falkland e as Pequenas Antilhas meridionais. HELLMAYR & CONOVER (1942), aos quais se deve a última revisão do assunto, admitem no Brasil nada menos de cinco, três das quais circunscritas à bacia Amazônica, e duas ao resto do país. As diferenças entre aquelas e estas, tomadas as populações em globo, são muito mais importantes do que as que separam entre si tanto as primeiras como as últimas. Dai resulta serem consideradas ainda por muitos espécies diversas. No que se refere particularmente às raças extraamazônicas, e a julgar pelo material em mãos, a nós se afigura bastante difícil na prática distinguir as aves dos Estados meridionais e centrais, rotuladas como *Z. a. chrysauchenia* REICHENB., das nordestinas, não obstante haver HELLMAYR, desde 1929, proposto anexar estas últimas às de Fernando de Noronha, sob a denominação de *Z. a. noronha*, a princípio privativa das desta remota ilha atlântica. A falta porém de material topotípico da raça ilhêa, que nos habilite a melhor ajuizar sobre o assunto, leva-nos a adotar o ponto de vista do sábio ornitologista de Viena, hoje seguido pela generalidade dos autores. A chave abaixo resume, na medida do possível, os caracteres diagnósticos das formas encontradas no Brasil.

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
ZENAIIDURA AURICULATA

- A. Extremidades das rectrizes brancas (ou levemente branco-acinzentadas), sem mistura de tons vináceos ou acanelados perceptíveis.
- B. Baixo abdome e coberteiras infracaudais de colorido acanelado claro ou camurça, com mistura muito variável de tons vináceos.
- C. Tamanho médio um pouco maior (asa dos ♂♂ ordinariamente com cerca de 140 mms. de comprimento) e plumagem em regra mais acentuadamente tingida de tons vináceos (Brasil meridional e central) *Z. a. chrysauchenia*
- CC. Tamanho algo menor em média (asa dos ♂♂ com cerca de 135 mms.) e plumagem mais desbotada, com tons vináceos ordinariamente apenas perceptíveis (nordeste do Brasil e Ilha de Fernando de Noronha) *Z. a. noronha*
- BB. Baixo abdome e coberteiras infracaudais de cor francamente vinácea, mais clara embora que a do peito (delta Amazônico e circunjacências) *Z. a. marajoensis*
- AA. Extremidades das rectrizes distintamente tingidas de canela ou vinho; baixo abdome e infracaudais de colorido vináceo intenso.
- D. Extremidades das rectrizes laterais e coberteiras infracaudais de colorido francamente vináceo ordinariamente sem mistura distinta de ferrugem (baixo Amazonas) *Z. a. jessieae*
- DD. Extremidades das rectrizes laterais de cor canela ou ferrugínea mais ou menos intensa, assim como as coberteiras infracaudais (leste da Colômbia, Venezuela, Guianas, alto do Rio Branco) *Z. a. stenura*

***Zenaidura auriculata chrysauchenia* (Reichenbach)**

Peristera chrysauchenia REICHENBACH, 1847, Syn. Av. Columbariae, p. 3 (baseada em REICHENBACH, Columbariae, pl. 161, fig. 1429): pátria típica suposta, Brasil meridional.¹

Columba maculata (não de GMELIN, 1789) VIEILLOT, 1818. Nouv. Dict. d'Hist. Natur., nouv. édit., XXVI, p. 367 (com base na "Paloma parda manchada" de AZARA): Paraguay.

Zenaida maculata BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Brasil., III, p. 259: Lagoa Santa. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 55: Lagoa Santa. — PELZELN, 1870, Zur Orn. Bras., III, p. 276: Mato-Dentro, Ipanema, Itararé, Curitiba, Rio Borrachudo, Pitangui, Cuiabá. — CABANIS, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 230: Cantagalo. — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.: Chapada.

Zenaida auriculata (não de DES MURS) SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 384, em parte: Mato Grosso; idem, 1900, Bol. Mus. Torino, XV, p. 14: Urucum. — IHERING, 1899, Anuário do Rio G. do Sul, p. 146: Pedras Brancas; idem, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 399: São Paulo; idem, 1900, loc. cit., p. 163: Cantagalo. — IHERING & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 20: Iguape, São Sebastião.

Zenaida auriculata auriculata HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 92: Goiaz.

Zenaida virgata BERTONI, 1901, Anales Cient. Parag., I, p. 24: Puerto Bertoni (Alto Paraná).

Zenaida auriculata virgata NAUMBURG, 1930, Bull. Mus. Nat. Hist., LX, p. 67: Mato Grosso. — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, pte. 2, p. 711: Aquidauana. — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVI, p. 377: Descalvados. — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 159, em parte: Iguape, São Sebastião, Itaquí, Aquidauana, Inhumas; idem, 1940, Arquivos de Zoologia do Est. de S. Paulo, II, p. 9: Coxim, Cuiabá.

Zenaida auriculata noronha (não CHUBB) PINTO, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 38: Jaraguá, Inhumas.

Zenaidura auriculata chrysauchenia HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 485: Cavalcante (e outras locals. estranhas ao Brasil). — PINTO & CAMARGO, 1948, Pap. Avulsos Dept. Zool., VIII, p. 302: Chavantina (Rio das Mortes). — PINTO, 1949, Bol. Mus. Goeldi, X, p. 345: Corumbá, Cuiabá.

Para descrever esta pomba, a "parari" (também chamada "pararu", ou "bairari") dos nossos sertanejos, escolheremos um ♂ adulto de Aquidauana (sudoeste de Mato Grosso), colecionado em 3 de agosto de 1931 (No. 12.580 do Dept. de Zoologia): vértice da cabeça cinzenta, cor de chumbo, passando gradualmente a vináceo na frente e nos lados; nuca e parte superior do pescoço cor clara de cinza, com lustro metálico violáceo, passando a violeta-bronzeado intenso nos lados do pescoço; lados da cabeça cinzento-avinhados, com uma larga nódoa negra, lustrada de azul-ferrete, na região retro-auricular, e outra em seguimento ao ângulo posterior do olho; região interescapular, dorso, coberteiras superiores internas das asas e terciárias cinzento-azeitonadas, muitas destas com larga nódoa ovalar negra na barba externa, às vezes substituídas por simples mancha longitudinal ao longo da borda; coberteiras superiores externas das asas cinzento-plúmbeas, com mescla variável de azeitona; baixo dorso plúmbeo-azeitonado, passando a pardo-azeitona nas coberteiras superiores da cauda; lado superior das rectrizes centrais pardo-azeitonado, com uma faixa preta pouco distinta não longe da extremidade; as do par contíguo cinzento-plúmbeas, com faixa transversal negro-intenso; as demais rectrizes, pelo contrário, plúmbeas, com a parte basal mais ou menos tingida de azeitona, a ponta

1) A procedência do tipo é hipotética, mas aceitável com base nas razões invocadas por HELLMAYR & CONOVER (Catal. Bds. Americas, XIII, pte. I, N.º 1, p. 485, nota 2)

alva, e intensa faixa negra de permeio; primárias cinzentas, com a margem externa e a porção terminal escuras; mento branco, tocado levemente de tons róseos, e passando progressivamente ao vináceo na garganta; pescoço, peito e porção alta do abdome cor clara de vinho, com leves tons de chumbo; baixo abdome vináceo-camurça, passando ao camurça claro, quase branco, nas infracaudais; flancos e coberteiras inferiores das asas cor de chumbo, muito clara; bico pardo-escuro; patas amarelo-avermelhadas. Medidas: asa 139 mms.; cauda 91 mms.; bico 15 mms.

A ♀ difere do ♂ pelo colorido geral muito mais desmaiado, em que predomina o pardo-azeitonado e quase desaparece o banho vináceo.

Os caracteres acima descritos experimentam sensíveis variações, especialmente no que diz respeito à intensidade do banho vináceo das partes inferiores. Sob este particular, merece destaque um ♂ de Corumbá, cuja plumagem é de coloração mais carregada do que em qualquer outro exemplar de Mato Grosso, e possui as infracaudais decididamente tingidas de vinho. Dados os hábitos migratórios destas pombas, é muito possível pertença este exemplar à raça *marajoensis*, com cuja descrição combina. No que toca às dimensões, sempre um pouco maiores nos machos, igualmente oscilam elas entre limites largos, descendo a 35 mms. de asa e 82 de cauda num ♂ adulto de Corumbá, e ascendendo a 151 mms. de asa e 90 de cauda num de Jaraguá (sul de Goiás), em idênticas condições.

MEDIDAS (em milímetros)

N.º	<i>Z. a. chrysauchenia</i>	♂ ♂			♀ ♀		
		asa	cauda	bico	asa	cauda	bico
9.104,	Itaqui (Rio Grande do Sul) ..	138	85	15			
28.724,	Lins (São Paulo)	140	84	17			
28.725,	(idem, idem)				129	82	16
26.188,	(idem, idem)				134	82	14
28.684,	Silvânia, (idem)	140	89	15			
30.108,	Corumbá (Mato Grosso)	135	82	15½			
30.110,	(idem, idem)				131	86	15½
12.580,	Aquidauana (idem)	139	91	15			
17.107,	Coxim (idem)				140	93	15
30.109,	Cuiabá (idem)				139	83	15
14.711,	Jaraguá (Goiáz)	151	90	16			
14.710,	Inhumas (idem)	140	86	16			
26.469,	Rio Claro (idem)	149	90	16			
26.506,	(idem, idem)				133½	86	—
	<i>Z. a. noronha</i>						
8.581,	Barra do Rio Grande (Bahia)	135	85	15			
8.580,	(idem, idem)				135	85	16
7.395,	Joazeiro (idem)	135	86	17			
	<i>Z. a. jessieae</i>						
14.633,	Santarém (Rio Tapajós)	135	90	14½			
16.092,	(idem, idem)	130	88½	14½			

A área atribuída a esta raça se estende do norte da Argentina ao Brasil meridional e central, incluindo o leste da Bolívia. Nesta extensa distribuição nunca aparece em bandos consideráveis, como a forma nordestina, sendo vista com mais frequência, pelo menos no interior de São Paulo, durante os meses de verão. Ao contrário também da última, a raça sulina faz ninho sempre sobre árvores, à maneira das outras

pombas silvestres¹; costuma todavia, aproveitar os ninhos abandonados deste ou daquele pássaro, adaptados aos novos fins com o acréscimo de mais alguns fiapos e gravetos. Alimenta-se quase exclusivamente de sementes, catadas no chão, onde são vistas ordinariamente aos casais, ou em pequeno bando. Nos países de clima temperado, à aproximação do inverno emigra certos anos mais para o norte, em levas maiores ou menores, conforme foi observado na Argentina por W. H. HUD-

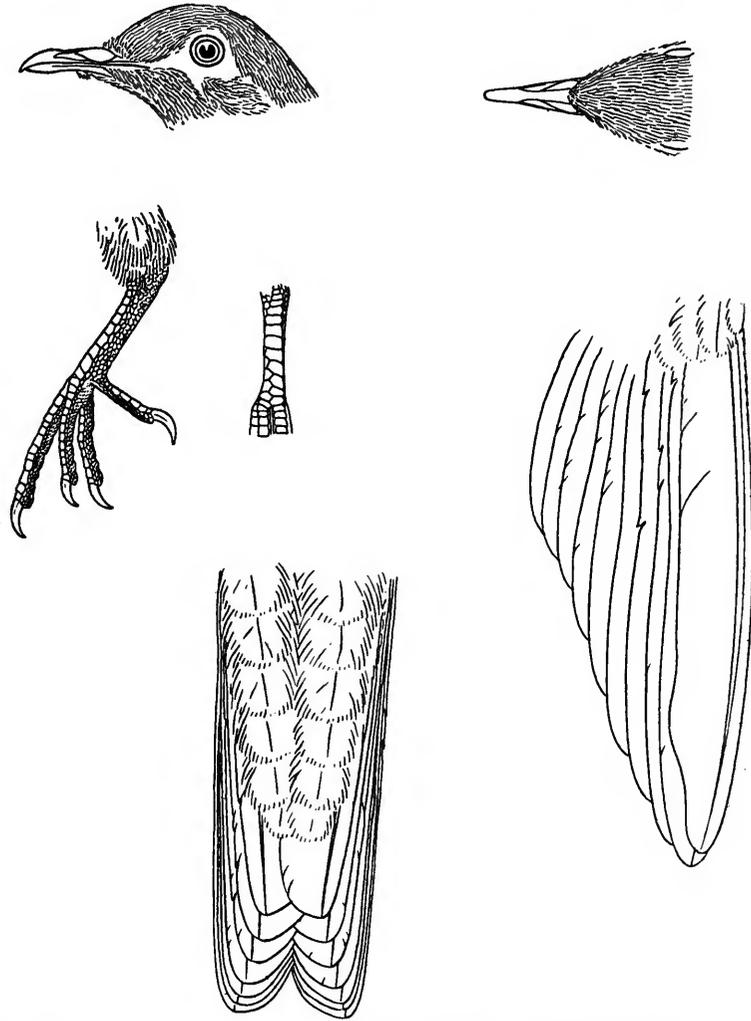


Fig. 10 — *Zenaidura auriculata chrysauchenia* (REICHENBACH). ♂ de Itaqui (Rio Grande do Sul).

SON. Este movimento deve estar relacionado com a irregularidade de seu aparecimento nas zonas de latitude mais septentrional do que aquelas em que tem o seu verdadeiro habitat. Pessoalmente, lembramo-nos de tê-la observado em quantidade excepcional nas cercanias de Silvânia, ao norte de Araraquara (São Paulo), em janeiro de 1943.

1) Cf. H. v. IHERING, Rev. Mus. Paulista, IV, 1900, p. 281; A. WETMORE, Bull. 133 Un. St. Nat. Museum, p. 182.

DISTRIBUIÇÃO. República Argentina (Buenos Aires, La Plata, Catamarca, Tucumán, Jujuy, Salta, Corrientes, Formosa, Entre Rios, Córdoba, Santa Fé, Mendoza, Rio Negro); Uruguay (Maldonado, Paysandu, Flores, Rocha, Cerro Largo, Santa Helena, Arroyo Grande); Paraguay (Puerto Bertoni, Alto Paraná, Sapucay, Villa Rica, Rio Pilcomayo); leste da Bolívia (Santa Cruz, Cochabamba, Checo, Tarija); Brasil meridional e central: Rio Grande do Sul (Pedras Brancas, *Itaqui), Paraná (Curitiba, Rio Borrachudo, Pitangui); São Paulo (*Iguape, Itararé, *São Sebastião, *Silvânia, *Lins), Rio de Janeiro (Cantagalo), Minas Gerais (Lagoa Santa); Mato Grosso (*Corumbá, Uruçum, *Aquidauana, *Campo Grande, *Coxim, Descalvados, *Cuiabá, Chapada, Rio das Mortes, Vila Bela de Mato Grosso).

Zenaidura auriculata noronha (Gray)

Zenaida noronha G. R. GRAY, 1856, List. Bds. Brit. Mus., Columbae, p. 47: Fernando de Noronha (provavelmente exempls. trazidos por FITZROY da Voy. of Beagle). — RIDLEY, 1888, Zoologist., p. 44: Fernando de Noronha (exempls. de RIDLEY).

Zenaida auriculata noronha CHUBB, 1919, The Ibis, 11a. Ser., I, p. 36: Ilha de Fernando de Noronha. — HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 464: Tranqueira, Ibiapaba, Arara, Rio do Peixe (perto de Queimadas). — NAUMBURG, 1933, Amer. Mus. Novit., N.º 648, p. 5: nordeste do Brasil (monograf.).

Zenaida maculata (não de VIEILLOT, 1818), SHARPE, 1888, Journ. Linn. Soc. London, (Zool.), XX, p. 479: Fernando de Noronha.

Zenaida auriculata (não DES MURS, 1847), SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 384, em parte: Fernando de Noronha (exempls. de RIDLEY etc.), Ceará (JESSE col.). — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 20, em parte: Ceará, Fernando de Noronha. — REISER, 1910, mathem.-naturw. Kl. Akad. Wissens., LXXVI, p. 87: Joazeiro, Lagoa Parnaguá, Sto. Antônio de Gilboez. — MURPHY, 1915., Auk, XXXII, p. 49: Fernando de Noronha. — SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, p. 48: Ceará. — R. v. IHERING, 1935, El Hornero, VI, p. 37: Campina Grande, etc.

Zenaida auriculata virgata (não de BERTONI, 1901) PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 159, em parte: Joazeiro, Bonfim, Cidade da Barra.

Zenaidura auriculata noronha HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field. Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 488: Flores, Tranqueira (Rio Paraíba), Arara, Ibiapaba, Rio do Peixe (perto de Queimadas).

Esta raça compreende as populações nordestinas da espécie, de par com as da Ilha Fernando de Noronha; ela se distingue da precedente em diferenças muito fracas, apenas reconhecíveis quando comparadas em globo as séries de cada qual. Os exemplares da Bahia acusam geralmente medidas um pouco inferiores às de Mato Grosso e sul do Brasil; além disso, os ♂♂ têm comumente cor mais desbotada, com o peito menos tingido de vinho e o abdome mais acamurçado. Não obstante, à vista das variações individuais, é às vezes praticamente impossível reconhecer a raça com base nestas diferenças, pelo que se torna duvidosa a identidade de certos exemplares, mormente nas zonas intermédias. Acha-se precisamente neste caso um ♂ adulto da cidade da Barra (confl. do Rio Grande com o Rio São Francisco, Est. da Bahia), em que as partes inferiores, pelo menos na metade anterior, são intensamente tingidas de vináceo, tais como nos exemplares de São Paulo.

Muito se tem escrito a respeito desta pomba, que em certos anos, na época da reprodução, invade as caatingas do Nordeste, particularmente no interior do Ceará e da Paraíba, sob a forma de imensos bandos, reproduzindo em escala apenas inferior o espetáculo outrora descrito nos Estados Unidos com relação à Pomba migratória, *Ectopistes*

canadensis (LINN.), hoje extinta. E. GODLDI, em seu muito conhecido livro "As aves do Brasil" (p. 381), reproduz o interessantíssimo relato que em fins do século passado nos deixara ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES sobre "a excessiva, a fabulosa, a incrível quantidade de Pombas, conhecidas do vulgo pelo nome de *avoantes*", as quais, no interior do Ceará, foram por ele vistas todas as tardes "passar de Sul para Norte, desde cinco e meia até a noite, como uma coluna cerrada que não deixava o mínimo sinal de interrupção". Em data muito mais próxima o notável fenômeno foi presenciado por R. v. IHERING em Campina Grande, nos sertões da Paraíba, entre cujos naturais esta pomba é ainda conhecida pelos nomes de "pomba de arribação", ou simplesmente "ribaça", "pomba do sertão", "cardigueira", "cardinheira", "pairari", "bairari" etc. Durante uma excursão feita com o fito de melhor observá-las de perto, ao penetrar na espessura do bosque em que haviam acampado, e de onde às centenas levantavam vôo ao menor ruído, viu como os ovos eram postos sobre o chão, agrupados dois a dois, mais raramente aos três, contrastando pela alvura com a cor da terra, e dando a impressão de haverem sido simplesmente sobre ela esparramados. Por ninho, quando muito, leve camada de palhinhas ou de gravetos, sem qualquer concaividade incubadora; às vezes nem isso, cabendo a defesa dos ovos à folhagem emaranhada e espinhosa das macambiras, bromeliáca característica da caatinga nordestina, entre as quais são postos, e em tão grande quantidade que em certos lugares se podiam contar 6 ou 7 posturas por metro quadrado.

A incubação, ao contrário do que supuzera BEZERRA DE MENEZES, se processa normalmente, segundo IHERING, sob o calor da ave. Não admira que em tais circunstâncias as ribaçãs se tornem vítimas das populações sertanejas, sofrendo caça de extermínio, na qual todos os meios se empregam, desde as armas de fogo até às armadilhas, e o envenenamento pelo suco da mandioca expremida, rico em ácido cianídrico. Aves e ovos aparecem então nos mercados próximos aos milhões, estes vendidos aos litros, e aquelas aos centos, secas, depois de convenientemente depenadas, estripadas e ligeiramente salgadas.¹ Diante desse quadro, não é difícil prever para a nossa avoante o mesmo destino trágico de sua similar norte-americana. Nada porém de positivo se sabe sobre o determinismo a que obedeceu estas migrações massiças das ribaçãs para as caatingas do Nordeste, ocasionando profunda alteração nos hábitos nidificantes da espécie e suscitando dúvidas no tocante às relações existentes entre as duas raças até aqui estudadas.

DISTRIBUIÇÃO. Ilha de Fernando de Noronha (no Oceano Atlântico, ao largo da costa de Pernambuco) e nordeste do Brasil: norte da Bahia (*Joazeiro, Rio do Peixe, *Bonfim, *Cidade da Barra), Pernambuco, Paraíba (Campina Grande), Ceará, Piauí (Ibiapaba, Arara, Lagoa Parnaguá, Sto. Antônio de Gilboez), Maranhão (Tranqueira, Flores).

***Zenaidura auriculata marajoensis* (Berlepsch)**

Zenaida jessiae marajoensis BERLEPSCH, 1913, Ornith. Monatsber., XXI, p. 149: Fazenda Santo André (Ilha do Marajó).

Zenaida maculata (não *Columba maculata* VIEILLOT, 1818) SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Ilha Mexiana. — LAYARD, 1873, Ibis, p. 395: São João (perto de Belém).

1) Vide R. VON IHERING, "La Paloma, *Zenaida auriculata*, en el Nordeste del Brasil", en El Hornero, vol. VI, 1935, pp. 37-47.

- Zenaida auriculata* (não *Peristera auriculata* de DES MURS, 1847) SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 384, em parte: Pará (= Belém, LAYARD col.), Ilha Mexiana (WALLACE).
- Zenaida auriculata jessieae* (não de RIDGWAY) HELLMAYR, 1912, Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 96: São João, Boa Vista (Ilha de Marajó, STEERE col.); idem, 1912, loc. cit., p. 22: Ilha Mexiana.
- Zenaida iessiae* (sic) SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, pp. 64 e 499: Pindobal, Livramento (I. de Marajó), I. Mexiana.
- Zenaida auriculata marajoensis* NAUMBURG, 1933, Amer. Mus. Novit., N.º 648, p. 6: Belém, I. de Marajó (São Natal, Santo André, Boa Vista), Maranhão (Anil, Ilha São Luiz).
- Zenaidura auriculata marajoensis* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 489: Ilha de Marajó etc. (exempls. reexaminados).

Esta raça que pessoalmente não conhecemos, ocupa segundo HELLMAYR & CONOVER posição intermediária entre *Z. auriculata noronha* e *Z. a. jessieae*, assemelhando-se à primeira pelas extremidades brancas das retrizes, e à segunda no vináceo carregado das partes inferiores.

DISTRIBUIÇÃO. Norte do Maranhão (Anil), nordeste do Pará (Belém), Ilha de Marajó (São Natal, Boa Vista, Santo André), Ilha Mexiana.

***Zenaidura auriculata jessieae* (Ridgway)**

- Zenaida jessieae* RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Mus., X, p. 527: Diamantina (perto de Santarém, margem direita da boca do Rio Tapajós).
- Zenaida ruficauda* (não de BONAPARTE) ALLEN, 1876, Bull. Essex Inst., VIII, p. 82: Santarém.
- Zenaida auriculata jessieae* HELLMAYR, 1912, Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 96 (nota 6), em parte: Paricatuba (perto de Santarém). — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 136: Santarém.
- Zenaida iessieae* SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 63: Ereré (perto de Monte Alegre).
- Zenaida ruficauda jessieae* PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 160: Santarém.
- Zenaidura auriculata jessieae* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 489: Vila Acará, Tomé Açu, Santarém, Óbidos, Lago Cuipeva.

A cor decididamente avinhada das extremidades claras dos cinco pares de retrizes laterais distingue facilmente as aves do baixo Amazonas das de Marajó e mais ilhas do delta, justificando a sua separação sob a denominação de *Z. a. jessieae*, aplicada inicialmente por RIDGWAY a exemplares de Diamantina, nas cercanias de Santarém. Esta raça é-nos conhecida através de dois ♂♂ e uma ♀ desta última localidade, caçados em junho de 1934. As partes superiores pouco diferem das de *Z. a. chrysauchenia*, destacando-se apenas pela tonalidade um pouco mais escura e a menor quantidade de cinzento no pileo; mas o lado inferior, abstraindo mesmo o colorido vináceo das extremidades das retrizes laterais, distingue-se à primeira vista pelo colorido muito mais carregado, francamente avinhado, com mistura de cinza, não só do peito, como de todo abdome; as coberteiras infracaudais são também avinhadas, embora um pouco mais claras. Segundo os autores, *Z. a. jessieae* habita as duas margens do baixo Amazonas, desde a região ao sul de Belém (Rio Acará), até pelo menos a zona de Óbidos.

DISTRIBUIÇÃO. Rio Acará (Tomé-Açu, Vila Acará), baixo Amazonas (Óbidos, Monte Alegre, Lago Cuipeva), baixo Tapajós (*Santarém, Diamantina, Paricatuba).

***Zenaidura auriculata stenura* (Bonaparte)**

Zenaida stenura BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, N.º 3, p. 98: "Columbia" (= Colômbia).

Zenaida ruficauda BONAPARTE, 1855, op. cit., p. 97: Colômbia.

Zenaida rubripes LAWRENCE, 1885, Auk, II, p. 357: "Grenada" (= Colômbia) e Pequenas Antilhas.

Esta raça, cuja copiosa e baralhada sinonímia é fornecida por HELMAYR & CONOVER, é-nos conhecida apenas através da literatura. Habita a porção oeste-septentrional da América do Sul, inclusive a região fronteira do Brasil com a Venezuela (alto Rio Branco) e quase que só difere de *Z. a. jessieae* na cor das extremidades das rectrizes laterais, a cujo tom vináceo se mistura quantidade apreciável de canela.

